

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SOCIAL - PPGDS

**CLÁUDIA MARA NIQUINI**

**POR DETRÁS DOS PONTEIROS...**  
**INTERFACES *DO TEMPO* NO UNIVERSO FEMININO**

Um estudo a partir de Mulheres Trabalhadoras da  
Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

MONTES CLAROS – MG  
2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**CLÁUDIA MARA NIQUINI**

**POR DETRÁS DOS PONTEIROS...  
INTERFACES *DO TEMPO* NO UNIVERSO FEMININO**

Um estudo a partir de Mulheres Trabalhadoras da  
Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social –  
PPGDS da Universidade Estadual de Montes Claros,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Sarah Jane Alves Durães

MONTES CLAROS – MG  
2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SOCIAL - PPGDS

Dissertação de Mestrado intitulada POR DETRÁS DOS PONTEIROS... INTERFACES *DO TEMPO* NO UNIVERSO FEMININO. Um estudo a partir de mulheres trabalhadoras de Montes Claros - UNIMONTES.

---

Profa. Dra. Sarah Jane Alves Durães – Orientadora UNIMONTES

---

Prof. Dr. Sílvio Ricardo da Silva – Examinador UFMG

---

Profa. Dra. Luciene Rodrigues – Examinadora UNIMONTES

---

Prof. Dr. Herbert Toledo Martins – Examinador Suplente UNIMONTES

*Para João Gabriel e Léo  
Amor, Cau.*

## AGRADECIMENTOS

Antes que *o tempo* termine, eu gostaria de agradecer.

Escrever este trabalho foi um processo que determinou esforço. Há uma exigência, um certo recolhimento, a privação da presença de quem amamos, de alterar rotinas no trabalho, ausentar-se dos finais de semana em família... Enfim, sua intensidade provocou muitas surpresas em minha vida - o riso e o pranto se conjugaram, e se apresentaram como duas faces da mesma experiência. Tolerar uma mestrandia, em alguns momentos, só com muita paciência e afeto!

Mas ainda tenho *o meu tempo* de dizer que o meu amor pelas mulheres, pelos homens, pelos que necessariamente não precisam ser nem homens nem mulheres é maior e mais significativo do que posso descrever e precisar.

Ainda bem que tive tempo! E este me fez estar aqui para dividir com vocês essa conquista. A minha expressão de mulher forte e frágil. Nem *superpoderosa* nem *gata borralheira*, apenas uma mulher.

Chamo então, para agradecer, os que atravessaram comigo esse jogo, de presença e espera, riso e choro, afeto e paciência, e espero que recebam esse obrigado como um forte e caloroso abraço.

Aos meus familiares, aqueles que me fazem sentir, nos encontros e desencontros, a beleza de ser Filha, Esposa, Mãe e Mulher.

Aos meus pais **Joanito e Graça** pela luta constante na crença da educação e de uma vida melhor. Obrigada por sempre acreditarem em mim.

Ao meu esposo **Léo**, por lidar com os conflitos e as alegrias de sermos diferentes, no entanto, essenciais um para o outro. Obrigada pela paciência e ajuda.

Ao meu filho **João Gabriel**, pela leveza do sorriso e o amor que gera dentro de mim. Obrigada por existir.

A minha irmã **Adriana** e meu sobrinho **João Marcelo**, pelo exemplo de perseverança. Ao meu irmão e amigo **Júnior** pelas escutas intermináveis e as palavras de conforto e incentivo. Obrigada.

Ao amigo, companheiro, confidente, pesquisador, professor **Carlos Rogério Ladislau**. Não encontro palavras... Que o meu silêncio possa expressar a satisfação de tê-lo como amigo e exemplo, sem modelos ideais que nos fazem sofrer, mas com a beleza do respeito e do querer bem. Obrigada!

Ao amigo **Ricardo Salinas**, que divide comigo suas perdas e ganhos. No fim deste processo, não me esqueceria do início, quando sua presença forte, competente e solidária contribuiu para que eu chegasse até aqui. Obrigada!

A minha orientadora **Sarah Jane**, pela paciência, compromisso e ajuda constante na organização deste trabalho. Espero poder escrever com a mesma dedicação e beleza das lavadeiras de Alagoas! Obrigada pelas críticas, sugestões e tudo mais que acompanhou esse processo de orientação.

Aos colegas de turma **Aldemir, Fábio, Lindon Jhonson e Otaviano** pelas boas e duras experiências compartilhadas, a **Raquel** pelo carnaval na sala de estudos, as trocas de experiências e jornadas para Diamantina e, em especial, a **Fernanda** pela amizade e cumplicidade durante o processo. Um grande prazer ter conhecido vocês.

Aos colegas da UFVJM, **Walter, Giba e Geraldo**, que colaboraram e compreenderam as dificuldades do processo. Muito Obrigada!

Ainda tenho tempo e preciso agradecer aos professores **Heloísa Buarque e Herbert Toledo** pelas contribuições durante a qualificação do trabalho. Aos professores **Sílvio Ricardo e Luciene Rodrigues** por aceitarem compor a banca de defesa e dividirem comigo esse momento, obrigada. Especialmente, a todos os professores do PPGDS pelo conhecimento compartilhado e pelas oportunidades de discussões e crescimento acadêmico.

À secretaria do mestrado pela atenção e subsídio. **Fernanda, Cláudio e Vanessa**, meu muito obrigado. Às prestadoras de serviços **Cassiane, Vivian e Patrícia**, que contribuíram enormemente para a elaboração deste estudo. Obrigada pela ajuda e paciência. Agradeço também à acadêmica **Renata Balsamão** pela prontidão.

Se tivesse mais tempo apresentaria todos que nos bastidores me escutaram e me auxiliaram no decorrer destes dois anos. Neste sentido, mesmo correndo o risco de esquecer alguém, gostaria de destacar o amigo **Gino**, pela disponibilidade de idéias e auxílio no projeto inicial, a **Duda** pela amizade e apoio constante, a **Elis, Janice** pelas conversas e trocas de experiências, a **Kátia Monção** pelo apoio e carinho com João Gabriel e a **Clélia** pela ajuda nos cuidados da minha família.

Finalmente, meu respeito e meu agradecimento às **mulheres trabalhadoras da Unimontes**, pelos exemplos, os bate-papos, a disponibilidade, enfim, eximo-as de quaisquer responsabilidades frente às possíveis limitações do estudo e da pesquisadora.

A essas valentes mulheres ofereço, como num sorriso, as páginas deste trabalho.



## RESUMO

A presente dissertação procura refletir sobre o(s) uso(s) do(s) tempo(s) pela mulher contemporânea, especificamente mulheres trabalhadoras efetivas da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), debatendo a idéia de que, embora mudanças significativas tenham ocorrido no universo feminino nos últimos 50 anos, forjando novas identidades, papéis sociais e funções profissionais, ainda são *tímidos* os desdobramentos desse processo no domínio do *tempo livre* e do *tempo disponível* para o lazer. Para tanto, parte-se da discussão sobre mulheres e mercado de trabalho, destacando a Universidade neste conjunto, abordando, concomitantemente a revisão da literatura, o depoimento de dezesseis mulheres entrevistadas que atuam nas áreas de serviços gerais, docência e administração da Universidade. Nesse sentido, assenta a exposição sobre os estudos do tempo e a perspectiva de *tempo de trabalho* e *tempo livre* para as servidoras em questão, bem como o *tempo disponível* para o lazer fora das obrigações formais ou vinculadas aos afazeres domésticos e familiares. Nessa direção, refletiremos acerca das diferenças entre as mulheres pesquisadas quanto à função ocupada na instituição, condição econômica, situação civil e a presença de filhos. Especificamente no que se refere ao lazer, a despeito das mudanças assinaladas, constatamos que as mulheres encontram dificuldades em usufruir o *tempo livre* para satisfação própria, tendo o seu tempo aprisionado pelas exigências do mercado de trabalho, pelos afazeres domésticos e pelas responsabilidades construídas como femininas.

Palavras-chave: Mulheres, Tempo(s), Trabalho, Lazer.

## **ABSTRACT**

The present study looks for to reflect(s) the use(s) of the time(s) for the woman contemporary, specifically diligent women effective of the State University Montes Claros (Unimontes), debating the idea of that, even so significant changes have occurred in the feminine universe in last the 50 years, forging new identities, social papers and professional functions, still are shy the unfolding of this process in the domain of the free time and the available time for the leisure. For in such a way, part of the quarrel of women and market of work, detaching the University in this set, approaching, concomitantly to the revision of literature, the deposition of sixteen interviewed women who act in the areas of general services, professor function and administration, of the university. In this direction, it seats the exposition on the studies of the time and the perspective of work time and free time for the servers in question, as well as the available time for the leisure it are of the obligations formal or tied with the domestic and familiar tasks. In this direction, we will reflect concerning the differences between the women searched how much to the busy function in the institution, economic condition, civil situation and the presence of children. Specifically as for the leisure, the spite of the designated changes, we evidence that the women find difficulties in usufructing the free time for proper satisfaction, having its time imprisoned for the requirements of the work market, for the domestic tasks and the constructed responsibilities as feminine.

Keywords: Women, Time(s), Work, Leisure.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CE - Campus Extensão

CMC - Campus de Montes Claros

CMMAD - Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DDRH - Diretoria de Recursos Humanos

DE - Dedicção Exclusiva

FADENOR – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Norte de Minas

FUNM - Fundação Norte Mineira de Ensino

HUCF - Hospital Universitário Clemente Faria

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES - Instituição de Ensino Superior

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

ME-UNIMONTES – Mulheres servidoras Efetivas da Universidade Estadual de Montes Claros

PIB – Produto Interno Bruto

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio

PUC – Pontifícia Universidade Católica

RNP - Rede Nacional de Pesquisa

SESC – Serviço Social do Comércio

UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Número de mulheres ocupadas no Brasil, por ano (2001-2006) .....	23
TABELA 2 – Docentes na educação superior brasileira, por sexo (1996 – 2003).....	29
TABELA 3 – Local de trabalho das Mulheres Efetivas – Unimontes.....	31
TABELA 4 – Categoria dos cargos ocupados pelas Mulheres Efetivas – Unimontes .....	31
TABELA 5 – Função das Mulheres Efetivas – Unimontes .....	32
TABELA 6 – Escolaridade das Mulheres Efetivas - Unimontes .....	34
TABELA 7 – Função exercida segundo a escolaridade das Mulheres Efetivas – Unimontes.	34
TABELA 8 – Faixa etária das Mulheres Efetivas – Unimontes.....	35
TABELA 9 – Tempo de serviço das Mulheres Efetivas – Unimontes .....	35
TABELA 10 – Relação entre idade e tempo de serviço das Mulheres Efetivas – Unimontes	37
TABELA 11 – Taxa das Mulheres Efetivas - Unimontes com Dedicção Exclusiva.....	38
TABELA 12 – Remuneração das Mulheres Efetivas – Unimontes .....	39
TABELA 13 – Mulheres economicamente ativas e Faixas de rendimento no Brasil .....	40

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Distribuição do aspecto Tempo.....	50
QUADRO 2 - (Re)Distribuição do aspecto Tempo.....	51

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 MULHERES E MERCADO DE TRABALHO: UM OLHAR A PARTIR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS .....</b>	<b>21</b>
1.1 Mulheres e mercado de trabalho .....	21
1.2 As mulheres e a Universidade: algumas considerações .....	27
1.3 As mulheres trabalhadoras da Unimontes .....	30
1.4 O trabalho na vida das mulheres entrevistadas .....	40
<b>CAPÍTULO 2 ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE TRABALHO CAPITALISTA E USO(S) DO TEMPO .....</b>	<b>46</b>
2.1 O estudo do tempo e suas características .....	46
2.2 Os interstícios do tempo .....	50
2.3 Relação entre desenvolvimento e uso(s) do tempo .....	53
2.4 Relação tempo e trabalho capitalista: o que dizem as mulheres da pesquisa .....	57
<b>CAPÍTULO 3 A PRISÃO DO TEMPO LIVRE: CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS MULHERES ENTREVISTADAS.....</b>	<b>68</b>
3.1 O aprisionamento do <i>tempo livre</i> de mulheres: uma visão panorâmica.....	68
3.1.1 O trabalho formal aprisiona o tempo livre .....	72
3.1.2 A <i>prisão</i> do trabalho doméstico .....	75
3.1.3 O outro lado do <i>tempo livre</i> : em que sentido fugir, para ou da prisão? .....	84
3.2 Cerrando a porta da prisão .....	88
<b>CAPITULO 4 SOBRE LAZER E MULHERES: AS SOBRAS DO <i>TEMPO LIVRE</i> .....</b>	<b>91</b>
4.1 Considerações preliminares .....	91
4.2 Perspectivas históricas.....	92
4.3 O lazer enquanto produto da sociedade industrial .....	96
4.4 Então o lazer... ..	99
4.4.1 Sobre os entraves para o lazer .....	106
4.4.2 Sobre as possibilidades do lazer .....	109
4.5 O lazer como extensão das diferenças.....	114
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>118</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>122</b>
<b>APÊNDICE 1 - CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA .....</b>	<b>135</b>
<b>APÊNDICE 2 – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA - ROTEIRO.....</b>	<b>136</b>

## INTRODUÇÃO

*“A gente não escapa totalmente da culpa, mas vai aprendendo com o tempo a administrá-la, a domar esse bicho que faz com que a gente se sinta sempre devendo para os outros, para o mundo. Tem o trabalho, tem os filhos, tem o marido, tem a casa... e eu, como fico? [...] Aí um belo dia, a gente vai olhar a agenda e descobre que não tem tempo para nada que não seja trabalhar e cuidar dos outros. [...] A gente tem de se permitir ser mais feliz.”*  
*Eliana Martinez<sup>1</sup>*

A partir da ótica da mulher e o(s) uso(s) do tempo, tentaremos debater a idéia de que, embora mudanças significativas tenham ocorrido no universo feminino nos últimos 50 anos, forjando novas identidades, papéis sociais e funções profissionais, no que se refere ao domínio e utilização do tempo livre, ainda são tímidos os desdobramentos deste processo. O depoimento de lideranças femininas no Brasil, como o de Eliana Martinez destacado em epígrafe, nos motivaram a pensar aspectos da vida feminina, em especial o seu tempo livre, considerando a relação da mulher com o mercado de trabalho, com a função produtiva remunerada, com as formas de ocupação do seu tempo livre e com as práticas de lazer.

As contribuições dos estudos acerca do tempo ampliaram as possibilidades de análises. Esboçando sobre as práticas cotidianas, Parra (1998) considera que as atividades se localizam em coordenadas espaço-temporais: espaciais na proporção que diferencia *lugares* e temporais nas dinâmicas que possibilitam o ritmo cronológico (e arritmias também) das atividades. Deste modo, tomaremos como início de conversa a perspectiva do tempo e o que ele agrega.

Para fins introdutórios, enfocaremos o tempo em duas tipologias ou duas imagens do tempo. A primeira, mais conhecida, se refere a *Cronos* (Cf. LEACH, 1974), divindade grega intimamente ligada à idéia de tempo, cuja característica que gostaríamos de destacar se refere ao fato de esse deus devorar os próprios filhos que engendra. Não menos importantes serão as derivações de sentido que o termo *Cronos* receberá na Modernidade, como cronologia e cronômetro<sup>2</sup>, sendo dois exemplos de termos que marcaram de forma simbólica a figura do

<sup>1</sup> Em CARREIRA et al. **A liderança Feminina no século XXI**. São Paulo: Cortez, 2001.

<sup>2</sup> Designa-se por *cronologia* (do grego *chronos*, tempo + *logos*, tratado, estudo) a descrição ou registro de eventos organizados em função do tempo, numa seqüência ordenada de ocorrências. Durante muitos anos, o tempo do historiador foi reduzido à cronologia, ou seja, o fundamental era datar os tempos em dias, meses, anos,

*tempo moderno* (Cf. MARTINS, 2000). Portanto, ressaltaremos, nesta primeira imagem do tempo, a sua dimensão consumidora, devoradora e a sua dimensão quantificável, passível, assim, de mensuração.

No entanto, a Grécia antiga nos concedeu uma outra imagem do tempo, que ressaltamos ser menos conhecida. Esta imagem se encarna na figura de *Aion*. Quanto a essa figura, Martins (2000) percebe que se trata do tempo das intensidades e dos afetos, não no sentido de estarem fechados em uma interioridade individualizada, mas enquanto o tempo das mudanças e mutações produzidas pelos múltiplos cruzamentos e encontros dos corpos se afetando ao acaso. Ainda segundo o autor supracitado, seria, portanto, o tempo dos acontecimentos, dos mais insignificantes aos mais majestosos, “[...] tempo da *poiésis*, tempo produtivo ou criativo enquanto diferenciado de prático e utilitário.” (MARTINS, 2006, p. 42).

Desta maneira, temos duas imagens. Uma de consumo e outra de produção. Todavia, essas duas imagens não são estanques, elas interagem fixamente em diferentes graus de preponderância e dependência. *Cronos* não pode abstrair-se totalmente de *Aion*, sob pena de não ter mais o que consumir, mensurar, devorar. *Aion* depende de *Cronos* para se realizar, de modo a não cair em uma produção sem materialização (MARTINS, 2006).

Deste modo, essa dupla polaridade é constitutiva do tempo, concebendo uma multiplicidade de configurações cujo diagnóstico ou intervenções cabem às especificidades dos estudos ou do universo estudado.

Neste sentido, parece uma tarefa relativamente simples explicar a relação entre atividades e tempos, entre os indivíduos e o que os cerca, através de suas práticas cotidianas. A complexidade como o todo está nas entrelinhas e no contexto marcado pela própria racionalização do tempo.

A relação estabelecida entre *trabalho* e *tempo livre* vem se configurando de maneira significativa como uma das principais preocupações da moderna sociedade urbano-industrial, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Se, por um lado, temos colocado a questão do melhor uso do tempo livre – no qual se concentrariam as ações de lazer -, por outro, paradoxalmente se propala o discurso da supervalorização do trabalho em um modelo

---

décadas e séculos, estabelecendo uma noção de tempo puramente cronológica; e *cronômetro* ou *cronómetro* é um **certificado** (COSC - *Contrôle Officiel Suisse des Chronomètres*) que atesta a alta precisão de um *relógio*. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em 18/02/2008.

social baseado na perspectiva de desenvolvimento<sup>3</sup> das sociedades mediante a relação produção e consumo.

Assim, tomamos por base conhecer as relações de tempo de trabalho, tempo livre e, no cerne desse tempo (livre), o tempo disponível às atividades de lazer. Para tornar mais claro, o intento inicial deste estudo baseou-se no lazer.

Como um campo de estudo relativamente novo, ao colocarmos a questão analítica do lazer, deparamo-nos com diversos pontos de vista. Essas perspectivas indicam como questão central não a libertação das tensões ou os mecanismos compensatórios, mas sim o desenvolvimento de uma tensão agradável, de uma tensão-excitação, como o mecanismo central da satisfação no lazer (GEBARA, 2000).

Assim, o lazer passa (ou deveria passar!) a assumir um papel de considerável relevância social, representando o acesso a vivências enriquecedoras, que contribuem substancialmente para o crescimento pessoal, elevando a consciência crítica e o espírito criador. Para Marcellino (1996, p. 28), “[...] a importância do lazer significa considerá-lo como um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural. Mudanças necessárias para a implantação de uma nova ordem social.”

Todavia, não podemos correr o risco de atribuir ao lazer a responsabilidade de *salvação* dos indivíduos ou como única possibilidade de se alcançar a *felicidade plena*. Seria uma pretenciosa ingenuidade que poderia levar a sérios equívocos. O ideal de existência deve ser buscado em um entendimento que amplie a visão reducionista que habita o senso-comum, no qual o valor *mercantil* do indivíduo (bens, propriedades, títulos) sufoca o indivíduo nas suas possibilidades de realização (encontro com amigos, trocas de receitas, vivências corporais e outros).

---

<sup>3</sup>O debate acerca do conceito de desenvolvimento é bastante rico no meio acadêmico, principalmente quanto à distinção entre desenvolvimento e crescimento econômico. Furtado (1974, p. 75) já afirmava que a “[...] idéia de desenvolvimento econômico é um simples mito. Graças a ela tem sido possível desviar as atenções da tarefa básica de identificação das necessidades fundamentais da coletividade e das possibilidades que abrem ao homem os avanços da ciência, para concentrá-los em objetivos abstratos como são os investimentos, as exportações e o crescimento.” A distribuição dos frutos do crescimento econômico deve ser regida pelos princípios da necessidade e da justiça social e não apenas pelos desígnios das forças econômicas dominantes das relações de poder político e dos processos de decisão que, geralmente, favorecem algumas regiões e grupos em detrimento das regiões mais carentes e das camadas marginalizadas da população (OLIVEIRA, 2002, p. 47). Como decorrência, percebemos o crescimento econômico como um dos requisitos para superação da pobreza e melhora das condições de vida, mas não condição suficiente para o desenvolvimento; podendo ser o desenvolvimento social uma estratégia política, através da qual os grupos humanos desenvolvem a capacidade de resolver seus problemas e consolidar o bem-estar socialmente definido pela otimização dos recursos sociais, revertendo-os em benefício da totalidade social em todos os seus aspectos (COSTA, 2002, p. 3).

O trabalho capitalista (enquanto contraponto do lazer), a família, as obrigações sociais, todos estes elementos, e outros, juntamente com o lazer, devem escapar à esfera da *alienação* que domina homens e mulheres, e possibilitar a construção de uma nova existência, que recrie e transforme a estrutura social, permitindo oportunidades de acesso mais igualitárias a *novas experiências*. Dentro desses limites, podemos verificar que existem diferentes barreiras sociais que restringem ou até mesmo impedem o acesso e a prática de vivências das mais variadas atividades de lazer. A supressão do espaço, que limita cada vez mais a prática do lazer; a crescente violência, que isola as pessoas; as questões de gênero e faixa etária; o nível de instrução; entre outros fatores, corroboram decisivamente para que o acesso e a prática do lazer sejam dificultados.

Historicamente, o lazer tem a sua gênese amarrada ao momento social em que o trabalho se modifica radicalmente, a partir da chamada Revolução Industrial. Podemos, por assim dizer, que o lazer é uma consequência da mudança das relações trabalhistas. Conforme afirma Camargo (1998, p. 42), “[...] o mesmo relógio de trabalho iria determinar o início e o fim do tempo de lazer.” Em suma, pode-se estabelecer uma estreita relação entre *tempo de lazer* e *tempo de trabalho (capitalista)*. Em torno disto, a questão meticulosa do tempo é de suma importância para a compreensão da lógica estrutural do *trabalho* e do período de *não trabalho*; podendo representar um olhar mais crítico sobre o que circunda os interesses postos pela sociedade do capital.

Ainda nesse sentido, Werneck (2000, p. 57) aponta, de forma muito esclarecedora, que “[...] enquanto prática social dialeticamente vinculada ao mundo do trabalho, o lazer na moderna sociedade urbano-industrial passa a ser reivindicado, pelos trabalhadores assalariados, como um direito [...]” e que “[...] através da conquista de um tempo de folga sobre o trabalho, modifica-se radicalmente o sentido de lazer até então construído em nosso contexto.” A partir desse entendimento, percebemos o forte vínculo estabelecido entre esses fenômenos sociais e, mais ainda, podemos afirmar que é impossível discuti-los isolando-os, mas sempre na perspectiva conjunta, um influenciando e sendo influenciado pelo outro.

De Masi (2000, p. 201), insatisfeito com o modelo social centrado na idolatria do trabalho, assinala sobre a importância do tempo e o uso que se faz dele, advertindo que dispor de tempo na modernidade tornou-se artigo de luxo. Izquierdo (1988) e Ramos (1992, p. 9) argumentam que as concepções de tempo como instrumentos de análise ilustram as ações, as interações e os sistemas sociais vigentes.

O enfoque deste estudo acontece em um contexto muito incomodado pela racionalização do tempo, especialmente no que se refere às mulheres neste conjunto. Entretanto, durante o decorrer da pesquisa, percebemos que o lazer das mulheres estava implicado diretamente nas características do *tempo vivido* por essas mulheres. Desta maneira, a nossa intenção inicial foi se modificando, emergindo a necessidade de apreender as lógicas dos distintos *tempos* para compreendermos o *tempo disponível* para o lazer.

Nessa abordagem, Parra (1998, p. 236) descreve que os mecanismos sociais contribuem para que homens e mulheres experimentem o uso do tempo com distintos níveis de intensidade e atitudes. Continua esclarecendo que, a partir da posição social, da idade e do nível de escolaridade, o usufruir o tempo, principalmente o *tempo livre*, fica marcado por diferenças pontuais e decisivas.

Neste sentido, no que se refere às atividades de lazer de mulheres, Parker (1978, p. 107) já pontuava que a mulher em geral tem menos tempo livre que o homem e durante o lazer seu domínio de atividades é mais limitado, afirmando a tradicional existência doméstica das mulheres, sua função de dona de casa e mãe, sua situação legal de classe secundária e as diferenças nos padrões relativos à vida sexual.

No rol das discussões que têm sido implementadas em diferentes instâncias da sociedade, muitos são os estudiosos que buscam estabelecer dados para explicitar a situação da mulher contemporânea, marcada por *novas* e significativas possibilidades (mercado de trabalho, qualificação profissional e outras), mas arraigada a uma construção histórica que permite buscar nas entrelinhas peculiaridades das trabalhadoras da atualidade.

Diante do exposto, a intenção deste trabalho foi pensar algumas condições da vida feminina a partir da relação entre *tempo de trabalho (capitalista)* e os *usos do tempo livre e do tempo disponível para o lazer*. Por questões de viabilidade da pesquisa, elegemos analisar as mulheres-trabalhadoras efetivas da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes<sup>4</sup>. Para tanto, recorreremos ao órgão responsável pelos dados cadastrais dos servidores da Unimontes, representado pela Diretoria de Recursos Humanos (DDRH). A partir daí, foi

---

<sup>4</sup>Esta universidade encontra-se localizada no município de Montes Claros, situado no norte de Minas Gerais, e caracteriza-se como a única Universidade Pública Estadual inserida nesta vasta região. A instituição resultou da transformação da Fundação Norte Mineira de Ensino (FUNM) no ano de 1989 em Universidade Estadual, possibilitando o acesso ao Ensino Superior Público. Como decorrência, ocasionou gradativamente a expansão do campus e de outros cursos superiores, proporcionando a oportunidade de emprego em diversas funções: docentes, técnicos, serviços gerais, segurança, administradores, entre outros. Neste sentido, vale ressaltar que a Universidade se insere no cenário social norte-mineiro como pólo educacional, econômico e político, constituindo um emaranhado de relações que podem ser observadas na dinâmica que orienta o exercício das diferentes funções ocupadas na Instituição.

possível conhecermos características das mulheres trabalhadoras efetivas da Unimontes referentes ao local de trabalho, tempo de serviço na Instituição, faixa etária, escolaridade, remuneração, entre outros.

Para operacionalizar a proposta, buscamos uma metodologia que conseguisse contemplar os diferentes aspectos de pesquisas e dos objetos de estudo propostos. A proposta se define como um *estudo de caso*<sup>5</sup>, de cunho quanti-qualitativo. Segundo Demo (1995), o campo científico aponta uma tendência para o surgimento de um novo paradigma metodológico, “[...] um modelo que consiga atender plenamente as necessidades dos pesquisadores.” Essa dicotomia positivista *versus* interpretativa, qualitativo *versus* quantitativo, parece estar cedendo lugar a um modelo quanti-qualitativo ou o inverso, quali-quantitativo, dependendo do objeto de estudo (GOMES; FRICHARD, 2006, p. 23).

Por meio das informações da DDRH, identificamos as mulheres-trabalhadoras da universidade e optamos em estabelecer o grupo de mulheres entrevistadas pela variável *tempo de trabalho formal remunerado* somente na Unimontes e local de trabalho no campus Montes Claros, especificamente dentro deste campus, para facilitar o acesso a estas trabalhadoras.

Assim, mapeadas as diferentes funções exercidas na Instituição, sobremaneira voltadas para administrativas, serviços gerais e docência, definimos constituir três grupos de análise, dispostos pelas funções acima. Todavia, através dos dados da DDRH e pelas análises estatísticas realizadas a partir de então, apresentou-se um grupo que nos chamou a atenção, o grupo de professoras acima dos 60 anos, que possuem condições legais de aposentadoria e ainda permanecem no trabalho universitário.

Desta forma, constituímos o universo pesquisado, formado por Professoras com Dedicção Exclusiva (DE), Professoras acima dos 60 anos, Mulheres dos Serviços Gerais e Mulheres do Setor Administrativo. A seleção dos elementos participantes da pesquisa realizou-se por acesso por amostragem intencional<sup>6</sup>: distribuimos quatro trabalhadoras pela respectiva função, as quais se dispuseram a participar do estudo, possibilitando, através deste

---

<sup>5</sup>O estudo de caso é um método de pesquisa que permite a adoção de uma estratégia de coleta de dados diversificada, utilizado quando um dos objetivos do pesquisador é fazer uma “análise intensa” (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1991, p. 203), “[...] um estudo profundo do objeto de pesquisa” (GIL, 1996, 1999). Para tanto, o estudo de caso deve reunir informações numerosas (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1991) e, por isso, permite a combinação de técnicas de coleta de informações viabilizando um grau de detalhamento e profundidade.

<sup>6</sup>De acordo com determinado critério, é escolhido intencionalmente um grupo de elementos que irão compor a amostra. O investigador se dirige intencionalmente a grupos de elementos dos quais deseja saber a opinião (BARBETTA, 2001).

agrupamento, contemplar distintas realidades e significativas vivências do tempo de trabalho, tempo livre e tempo disponível para o lazer.

Nesse sentido, estabelecemos um conjunto fértil de análise, não nos atendo, sobremaneira, ao número de mulheres para o estudo e sim à diversidade neste universo feminino, representado pelas distintas funções na universidade, imprescindíveis para a reflexão em torno do(s) uso(s) do(s) tempo(s) por mulheres trabalhadoras da contemporaneidade. A partir daí, o presente estudo se apropriou do instrumento de entrevistas semi-estruturadas<sup>7</sup> para aprofundar nas questões relacionadas à referida temática.

No que se refere às entrevistas, faz-se necessário ressaltar aspectos de caráter prático desta técnica. As entrevistas nos permitiram analisar a articulação do tempo para estas mulheres, quais práticas de lazer elas possuem (e tempo para isso), e como se relacionam com o tempo disponível e o tempo de trabalho. Analisamos quais são as características dos usos do tempo de mulheres, e como o tempo de não trabalho se articula com a dinâmica de suas vidas; investigando, conforme a jornada de trabalho remunerado e trabalho não remunerado, os interstícios da vida feminina.

Nessa perspectiva, pretendemos verificar as articulações do(s) uso(s) do(s) tempo(s) para as mulheres participantes da pesquisa, atreladas às possibilidades do lazer da mulher trabalhadora em diferentes funções profissionais; e, neste sentido, ter, a partir do tempo livre e do tempo disponível para o lazer, um olhar mais crítico sobre a dinâmica temporal na rotina de mulheres. Do mesmo modo, pretendemos verificar se existem significativas disparidades no(s) uso(s) do tempo(s) no universo pesquisado.

Para tanto, as perguntas que nortearam este estudo foram as seguintes: Quais as implicações do tempo de trabalho no tempo livre das mulheres? Quais as características do tempo livre de mulheres trabalhadoras? Quais as práticas de lazer efetuadas por essas trabalhadoras? Existem diferenças significativas no tempo disponível para o lazer de mulheres que ocupam diferentes funções na Universidade?

Como possíveis respostas, partimos do pressuposto que mulheres que ocupam o mercado de trabalho dispõem do seu tempo livre em função do tempo de trabalho. Outra

---

<sup>7</sup> De acordo com Haguette (1995), a entrevista é um processo de interação cujo objetivo é a obtenção de informações por meio de um roteiro previamente estabelecido (estruturado) ou organizado *a priori*, mas passível de reestruturação conforme andamento da entrevista (semi-estruturado). Assim como outros métodos de pesquisa, as entrevistas apresentam pontos positivos e também limitações, mas permitem ao pesquisador ampliar a qualidade das informações coletadas previamente.

hipótese seria que o tempo livre de mulheres e, conseqüentemente, o tempo disponível para o lazer estaria relacionado a fatores históricos de desigualdade de mulheres frente às tarefas *naturalizadas* como femininas. E, por conseqüência, o fato comum de serem mulheres aproxima as diferentes trabalhadoras no que tange ao(s) uso(s) do tempo livre.

Quanto à estrutura da dissertação, elaboramos, no primeiro capítulo, a discussão sobre mulheres e mercado de trabalho, formulando algumas considerações em torno das mulheres e a Universidade. Contaremos, para este momento, com dados empíricos da Instituição em estudo e os depoimentos das participantes da pesquisa para conjeturar sobre a mulher inserida no *mundo* do trabalho da Unimontes.

No segundo capítulo, realizamos a discussão de algumas relações entre trabalho capitalista e uso(s) do tempo, apresentando reflexões iniciais quanto ao estudo do tempo e suas correlações com o trabalho na perspectiva capitalista. Posteriormente a conexão com a idéia de desenvolvimento e as desigualdades quanto à distribuição e uso(s) do(s) tempo(s) pela mulher, transcrevendo as falas evidenciadas durante o processo de entrevista.

No terceiro capítulo, abordaremos a *prisão* do tempo livre, apontando as dificuldades expostas por essas mulheres no que concerne à utilização e ao *aprisionamento* deste tempo. Nesta direção, discutiremos sobre as jornadas de trabalho formal adentrando na esfera privada, as atribuições do trabalho doméstico (em diferentes proporções e características) imputado às mulheres da pesquisa e as realidades de trabalhadoras que se encontram em condições de aposentadoria e que continuam na atividade formal. Assim, expondo a necessidade de refletir, a partir do *tempo*, a realidade de vida das mulheres contemporâneas no que se refere ao domínio do *tempo livre*.

No quarto capítulo, teceremos discussões acerca do lazer contemporâneo e as implicações no universo feminino, remetendo-nos simultaneamente à análise dos dados obtidos através das entrevistas. Para tanto, discorreremos a respeito das perspectivas históricas do lazer, enquanto produto da sociedade industrial. Nessa abordagem, descreveremos os entraves e as possibilidades do lazer para as trabalhadoras em estudo e a extensão das diferenças no que tange às experiências e vivências do lazer.

Por fim, apresentaremos as considerações finais, perspectivas e propostas da investigação em questão.

## CAPÍTULO 1

### MULHERES E MERCADO DE TRABALHO: UM OLHAR A PARTIR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS

A discussão delineada a seguir tem o desígnio de refletir acerca da inserção das mulheres no mercado de trabalho, tendo como subsídio a realidade das mulheres servidoras efetivas da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, situada em Montes Claros, Minas Gerais. Para tanto, no primeiro momento, consideramos pertinente discorrer sobre Mulheres e Mercado de trabalho de maneira genérica, atentando-nos em seguida para a Universidade, especialmente a Unimontes, enquanto mercado de trabalho.

Ainda que, nos contornos deste capítulo, a realidade contextual da Unimontes não seja considerada, o que constitui uma das limitações deste estudo, julgamos coerente analisar a abrangência do trabalho na universidade no cotidiano destas mulheres, para posteriormente compreendermos as implicações do tempo de trabalho (remunerado/ formal) no tempo livre (de não trabalho remunerado) e nas possíveis práticas de lazer.

Para somar à discussão, daremos visibilidade aos depoimentos de algumas mulheres da Unimontes acerca do trabalho e das relações que o acompanham, no intuito de perceber como se configura a opinião (e as vivências) destas a respeito do assunto. Por fim, acreditamos que a partir das atribuições das mulheres nas organizações produtivas, será possível compreender as mudanças e permanências de algumas funções enfrentadas pelo sexo feminino quando incorporadas pelo mercado de trabalho.

#### 1.1 Mulheres e mercado de trabalho

Desde a década de 1970, a presença feminina no *mercado de trabalho*<sup>8</sup> vem crescendo consideravelmente. Conforme aponta Bruschini (2000, p. 14), “[...] ao analisar o

---

<sup>8</sup> Para Noronha (2003), no início do século XX, o mercado de trabalho desenvolveu-se no sentido moderno do termo, como a forma predominante de produção de bens e serviços, transformando o trabalho numa mercadoria livremente negociada, assegurada por leis e contratos coletivos. A partir de então, as noções de "formalidade" e "informalidade" foram pouco a pouco sendo construídas. As estatísticas indicam um longo processo de formalização das relações de trabalho, sedimentado sobretudo por leis federais e, apenas secundariamente, por contratos coletivos.

comportamento da força de trabalho feminina no Brasil nos últimos anos, o primeiro fato a chamar atenção é a intensidade e a constância de seu crescimento.” Neste sentido, a autora aponta que os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tendo como referência a Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio (PNAD), apresentam que o percentual de mulheres na população ocupada<sup>9</sup> passou de 38,8%, em 1992, para 43,9%, em 1991; assim como cresceu também o número de mulheres chefes de domicílio que passou de 21,9%, em 1992, para 26%, em 1999.

Para Roy (1999b), a entrada da mulher no mundo das *tarefas produtivas*, via de regra, passa pela divisão sexual do trabalho. Porém, até o final da década de 70 do século XX, esse aspecto ficou, de certa forma, obscurecido. Somente a partir do início da década de 80 desse mesmo século é que os estudos e pesquisas se voltam para tentar detectar as diferenças conjunturais (e estruturais) que afligem e subjagam as mulheres.

Sobre as décadas de 1960 e 1970, faz-se necessário ressaltar que a maior inserção das mulheres deveu-se ao *boom desenvolvimentista*. Vale considerar que esse período histórico caracterizou-se como o momento no qual aconteceu o incremento do parque industrial, da prestação de serviços, da administração pública e outros, e uma conseqüente expansão de empregos. Sobre isso, Hirata e Kergoat (2003, p. 11) nos falam que:

[...] nos anos que se sucederam ao ‘milagre’ econômico (1969-1972), os efetivos femininos multiplicaram-se não só em setores tais como da construção civil ou transportes coletivos como também na indústria da transformação, com mulheres recrutadas no ramo metalúrgico como operadoras de fresa, torno e outras máquinas e equipamentos.

Segundo Bruschini (2000), apesar dessa realidade, existem outros aspectos do processo que merecem ser comemorados, uma vez que, no Brasil, o aumento do percentual de mulheres em ocupações científicas, técnicas, artísticas e semelhantes torna-se evidente. De acordo com a autora, no decorrer da década de 80 do século XX, o aumento de mulheres em profissões como arquitetura e odontologia foram da ordem de 170%; na medicina, 136%; na engenharia, espaço tipicamente masculino, 126%; e, no número de juízas, um salto de 300% de aumento. Entre vários aspectos a serem pontuados sobre a participação da mulher no mercado de trabalho, podemos ressaltar que a inserção e a incorporação da mulher no setor

---

<sup>9</sup>A categoria *Ocupados* é desmembrada segundo o tipo de vínculo que apresenta com o trabalho, ou seja, o de *Empregados*, o de *Trabalhadores por Conta-própria*, o de *Empregadores*, o de *Trabalhadores domésticos* de acordo com as notas metodológicas do IBGE (Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 16 mar. 2007).

econômico foram mais evidentes a partir dos anos 80 no setor fabril e de serviços (SAFFIOTI, 1979). Em geral esses estudos apontam, em maior ou menor grau, as diferenças masculinas e femininas, focalizando as dificuldades em conciliar família e trabalho, as discriminações com relação a cargos e salários, a questão da qualificação e da estabilidade no trabalho (ROY, 1999a).

Para Abramo (2000), corroborando essa posição, é perceptível o aumento do contingente de mulheres na força de trabalho produtiva da América Latina. Isso fica evidente se observarmos que, entre as décadas de 60 e 90 do século XX, o percentual de mulheres economicamente ativas triplicou na região. Segundo Roy (1999a, p. 64), “[...] esses indicadores apontam uma nova individualidade que a mulher desenvolve, uma busca mais madura de identidade e de poder, como uma certa perspectiva de desmasculinização das tecnologias.”

No que diz respeito ao Brasil, entre os anos de 2001 e 2006, o aumento gradativo do percentual de mulheres ocupadas representa significativamente a inserção da mulher no mercado de trabalho (Cf. Tabela 1).

**TABELA 1 – Número de mulheres ocupadas no Brasil, por ano (2001-2006)**

<b>Ano</b>	<b>Número/milhões</b>
<b>2001</b>	35.138
<b>2002</b>	37.270
<b>2003</b>	37.817
<b>2004</b>	39.590
<b>2005</b>	41.578
<b>2006</b>	42.987

FONTE: IBGE/PNADs 2007 (tab. 1926); 2001-2006 – microdados

Os dados brasileiros, demonstrados acima, ratificam o incremento no percentual de mulheres ocupadas descritos anteriormente, revelando a incorporação deste sexo ao mercado de trabalho. Assim, é provável que este crescimento represente, de fato, a abertura de oportunidades às mulheres e uma possível equalização frente ao mercado, reportando-nos a outras demandas que acompanham (ou deveriam acompanhar) o mercado de trabalho.

No entanto, sobre o aumento dessa participação feminina, Bruschini (1997, p. 6) ressalta que

[...] é preciso ter cuidado para interpretar o crescimento do trabalho feminino a partir de 1990, uma vez que parte dele foi provocado pela ampliação do

conceito de trabalho, que passou, desde 1992, a incluir atividades para o consumo, a produção familiar e outras até então não consideradas como trabalho.

Além disso, apesar do intenso fluxo de mulheres rumo ao mercado de trabalho, ainda se verificam imensas desigualdades entre homens e mulheres. Isto é, as conquistas trabalhistas femininas ainda não foram totalmente assimiladas, seja porque não são reconhecidas pelas instituições, seja porque não são reconhecidas pelos próprios colegas masculinos (BRUSCHINI, 2000).

Desse modo, como podemos atentar, o fim do isolamento do lar e a participação da mulher no espaço público se deram por um processo de reações e conquistas que se arrastam até os dias atuais (Cf. CABRAL; DÍAZ, 2005; ROY, 1999b; ABRAMO, 2000). A participação feminina no mercado de trabalho e, sobretudo, nas Instituições de Ensino Superior, tanto enquanto discente como docente, perpassou por diversos obstáculos como a dificuldade do acesso à educação e a sobrecarga das atribuições domésticas.

Nesse sentido, Badinter (1985) esclarece que, por ser biologicamente a mulher quem engravida e dá de mamar, a ela é imputada toda a responsabilidade do trabalho reprodutivo. Dito de outra forma, à mulher é colocada a responsabilidade pela educação dos filhos e por toda manutenção *organizacional* do lar. Assim, esse trabalho na esfera privada (doméstico), além de ser desvalorizado pela sociedade, usurpa da mulher quase toda a possibilidade de se qualificar para o mercado de trabalho.

Fischer e Marques (2001) trazem considerações interessantes à análise da interseção entre o público e o privado, no qual a desvantagem feminina é total. Ou seja, o homem, de modo geral, ainda continua ausente na divisão das tarefas domésticas. Assim, por não ter conquistado a equidade de gênero no espaço privado, isto é, a participação do masculino nas tarefas da casa, a mulher assume uma carga de trabalho no espaço público semelhante ou mais exaustivo do que a do trabalhador masculino e, no âmbito privado, cabe-lhe a responsabilidade da labuta da casa, do preparo do alimento, do cuidado dos filhos e sua educação informal.

Sobre isso, a servidora da Unimontes considera:

Eu mesmo, parei de estudar pra casar, né! E depois que eu casei aí piorou mesmo que aí, nunca mais, né, eu... Assim tenho o segundo grau, né, eu

terminei, né, foi graças ao PROED<sup>10</sup> que teve aqui pra funcionários, né. Que foi tipo assim um projeto e muita gente conseguiu concluir o segundo grau através dele. Então assim eu consegui terminar o segundo grau, né, através dele. Porque se não fosse... (Entrevistada 05 - Serviços Gerais)

A fala da servidora da Unimontes acima retrata dificuldades na formação educacional básica vivenciada pela entrevistada. O fato de ter casado impediu a continuidade dos estudos e somente com o auxílio da Universidade conseguiu concluir o ensino médio. Assim, ilustra com simplicidade os entraves de mulheres no processo de qualificação e a conseqüente supressão do mercado de trabalho. Outra entrevistada pontua a percepção frente às mudanças do mercado de trabalho e relata a maior interação da mulher neste contexto.

De primeiro sim, né! De primeiro a mulher era muito, é, vamos dizer assim excluída, né. (Rsrsrsrs!!!) Ela era excluída do mercado de trabalho, mas hoje não. Hoje ela tá integrada, né! (Entrevistada 02 - Serviços Gerais)

Entre alguns motivos, como mencionado anteriormente, podemos apontar o acesso à educação como decorrente das lutas feministas e a necessidade do próprio mercado em absorver essa mão-de-obra. No entanto, verifica-se a necessidade de as mulheres buscarem conciliar a sua vida profissional e a sua vida familiar. Assim, existem algumas mulheres que, mesmo *entrando* no mercado de trabalho, não abandonaram ou partilharam suas atribuições históricas de cuidados com os filhos e manutenção do lar.

De acordo com Bruschini (2000), se pensarmos a realidade brasileira, a insuficiência infra-estrutural de equipamentos coletivos, como creches, que atendem um número muito reduzido de crianças, contribui enormemente para aumentar o peso da maternidade sobre as mulheres, principalmente sobre as trabalhadoras.

Ademais, para Fischer e Marques (2001), as mulheres permanecem ganhando, em geral, menos do que os homens. Além disso, sujeitam-se a executar tarefas em situação precária, adequando-se à flexibilização do trabalho defendida pelo projeto neoliberal<sup>11</sup>, pois a mulher não foi colocada no mercado apenas na condição de força de trabalho, mas também na de corpo feminino estigmatizado e vítima de relações desumanas no espaço privado.

<sup>10</sup> O PROED é um Programa de Educação destinado a desenvolver projetos, cursos e complementação escolar, oferecido pela Unimontes para os seus funcionários.

<sup>11</sup> Segundo Frigotto (1995), o projeto neoliberal apresentou-se como uma alternativa teórica, econômica, ideológica, ético-política e educativa à crise do capitalismo no final de século XX, elencando algumas categorias para estabelecer as bases teóricas: qualidade total, formação abstrata e polivalente, flexibilidade, participação, autonomia, descentralização, competitividade, equidade, eficiência, eficácia e produtividade.

Desse modo, ao perguntarmos sobre mulheres e mercado de trabalho, uma das mulheres entrevistadas pontua questões referentes às possíveis ações e peculiaridades que deveriam ser oferecidas às mulheres trabalhadoras e que não existem.

Então assim não há uma política para as mulheres trabalhadoras. Não só as professoras. Mas as professoras e funcionárias e alunas no caso específico da Unimontes. Outras Universidades eu não sei. Então não há aqui dentro uma política específica para as mulheres servidoras. Começa pela creche, começa por uma política, né, toda de atendimento mesmo, no trabalho da mulher, nos espaços, né, para a mulher. (Entrevistada 04 - Professora DE)

Neste sentido, Hirata (2002) considera que uma maior precarização do trabalho das mulheres é recorrente ao regime de *part-time*, marcado por maior informalidade, redução salarial e também pela falta de perspectiva promocional na carreira, restrições na política de formação profissional, mesmo quando o emprego é marcado por estabilidade, como é o caso do emprego público.

Além disso, outra entrevistada, que ocupa cargo administrativo diretamente vinculado à gestão universitária, pondera sobre estímulos advindos de instituições de pesquisa em favor da participação das mulheres em áreas historicamente masculinas e ressalta a fragilidade dessa questão.

E o próprio CNPq<sup>12</sup> tem investido muito no aumento de... pra ações, pra pesquisadoras, né. Tudo bolsistas e produtividade. Aumenta o número de pesquisadoras mulheres. Né! Incentivadas pelo CNPq, também vê isso como uma situação frágil, né. Dentro do país, né. Que essa área ciências e tecnologia ela ainda tá muito masculinizada, né! Carecendo realmente da... da questão feminina, né! Aqui internamente na Universidade, eu acho que... Eu não vejo problema assim, sabe! Dentro da Universidade. Eu nunca tive dificuldade dentro do departamento, já fui coordenadora de curso, coordenadora do programa de pós-graduação. E... né! Fui convidada pra assumir esse cargo (Entrevistada 11- Administrativo)

Neste sentido, de acordo com Hirata (2002), enquanto as áreas de trabalho intensivo são reservadas predominantemente às mulheres, aquelas dotadas de maior capital intensivo, com maior incremento tecnocientífico, são majoritariamente destinadas ao trabalho masculino.

---

<sup>12</sup> O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é órgão brasileiro que financia pesquisa científica e mantém a Rede Nacional de Pesquisa (RNP), promovendo e sustentando grupos de pesquisadores que trabalham à distância interligados por redes de computadores. (Disponível em: <[www.cnpq.br](http://www.cnpq.br)>. Acesso 06 fev. 2008).

Assim, o mercado de trabalho ou os agentes do mercado assumem um papel importante no que tange à igualdade de oportunidades. Cabe-nos questionar somente como a construção destes papéis alcança ou atinge as possíveis causas desta desigualdade. E, nesta direção, em que medida as escolhas femininas, muitas vezes arraigadas a fatores históricos, sofrem (ou não) influências de todo esse contexto.

Portanto, podemos inferir que, embora mudanças significativas tenham ocorrido no universo feminino nos últimos 50 anos (a partir da década de 1960), forjando novas identidades, papéis sociais e funções profissionais, ainda persistem aspectos que dificultam a entrada de mulheres no mercado de trabalho ou, ao menos, a ampliação das possibilidades de sua maior inserção.

## **1.2 As mulheres e a Universidade: algumas considerações**

No que se refere ao processo educativo e a inserção das mulheres no âmbito educacional, Ristoff (2006) pontua que, de uma educação *no lar e para o lar*, no período colonial, para uma participação tímida nas escolas públicas mistas do século XIX, depois para uma presença significativa na docência do ensino primário no século XX e para uma expressiva e majoritária presença no início do século XXI nos níveis fundamental e médio, a trajetória das mulheres brasileiras nos dois últimos séculos é, no mínimo, um progresso.

As mulheres vêm ocupando determinados espaços que trazem consigo outras questões e a necessidade de outros olhares. Neste cenário, a Universidade nos chama a atenção devido ao acesso desta por mulheres, tanto na formação superior (qualificação) como nos serviços (trabalho) e na representatividade da Instituição para a leitura das relações sociais existentes.

Segundo Barbosa (2003), no início do século XIX, o acesso ao estudo universitário era restrito, pois somente as famílias ricas mandavam os seus filhos para estudar em Portugal. Por outro lado, até 1879, no Brasil, a mulher não era aceita em cursos de educação superior, e enviar moças para estudar no exterior nunca foi uma prioridade para as famílias brasileiras.

Ainda no século XIX, o fato de mulheres se formarem em cursos superiores, no Brasil, era tão inusitado que esse fenômeno mereceu notícias nos jornais de todo o país. De acordo com Godinho et al. (2005, p. 14):

Em 1881, os jornais noticiavam a próxima formatura, em Medicina, nos Estados Unidos de duas mulheres brasileiras: Maria Augusta Generoso Estrella e Josepha Azevedo Felisbela de Oliveira. Em 1888, três mulheres, recém-formadas no curso de Direito em Recife, solicitaram ao Instituto dos Advogados Brasileiros permissão para exercerem a Advocacia e a Magistratura. Em 1890, Anna M. Falcão sustentava, perante a Faculdade de Medicina da Bahia, tese para obtenção do grau de doutor em Medicina. Em 1892, os jornais noticiavam que havia, no Brasil, “seis senhoras médicas”. Em 1902, relatavam que estreava no Júri de São Paulo a advogada D. Maria Augusta Saraiva. Em 1921, no Rio, o Dr. Magalhães Azevedo manifestava-se “favorável” à elegibilidade das escritoras brasileiras à Academia de Letras.

Nesse sentido, a mulher só teve acesso à educação superior, no Brasil, quando a primeira universidade brasileira foi aberta, em 1912, e, ainda assim, elas tinham preferência pelos cursos de humanidades (BARBOSA, 2003).

Diante do exposto, a universidade constitui-se em produto e produtora das desigualdades de gênero<sup>13</sup>, pois trata-se de “[...] uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo.” (CHAUÍ, 2003, p. 3).

Tanto é assim que podemos ver no interior da instituição universitária a presença de opiniões, atitudes e projetos conflitantes que exprimem divisões e contradições da sociedade. Essa relação interna ou expressiva entre universidade e sociedade é o que explica, aliás, o fato de, desde seu surgimento, a universidade pública ter sido uma instituição social, isto é, uma ação social, uma *prática* social fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições (CHAUÍ, 2003, p. 4). Postos os termos desta maneira, poderíamos supor que, em última instância, a universidade, mais do que determinada pela estrutura da sociedade e do Estado, seria antes um reflexo destes.

Não obstante, o fato de as mulheres terem sido impedidas de ingressarem na Universidade, como discentes, contribuiu, sobremaneira, para escassez de mão-de-obra feminina como docente do ensino superior no decorrer do século XX. Além disso, a escolha por uma profissão está vinculada aos papéis construídos no imaginário social de homem e mulher e isto explica, em parte, a presença maior ou menor de docentes masculinos ou femininos em determinadas áreas do conhecimento (Cf. CRAMER; NETO; SILVA, 2002).

---

<sup>13</sup> Utilizo a categoria *gênero* como proposto por Joan Scott (1990, p. 14) quando ela diz que “[...] é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.”

Entretanto, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2006, podemos perceber um aumento, gradativo, de mulheres na docência do Ensino Superior<sup>14</sup>, inserindo-se, portanto, em um universo considerado, historicamente, como masculino. Nesse sentido, observando a Tabela 2, percebemos que, enquanto o corpo docente como um todo cresceu 80,7%, o número de docentes homens cresceu 67,9% e o de docentes mulheres cresceu 102,2%, revelando um incremento significativo nos números (Cf. Tabela 2).

**TABELA 2 – Docentes na educação superior brasileira, por sexo (1996 – 2003)**

	<b>1996</b>	<b>2003</b>	<b>Crescimento</b>
<b>Mulheres</b>	57.466	116.221	102%
<b>Homens</b>	90.854	152.696	67,9%
<b>Total</b>	148.320	288.816	80,7%

FONTE: INEP/MEC (2005)

Nesse sentido, cabem aqui algumas considerações. De acordo com Godinho et al. (2005), enquanto os homens demonstram uma preferência pelas áreas exatas e agrárias, as mulheres formam-se preponderantemente na área da saúde e das ciências humanas. Continua a considerar expondo que o predomínio do corpo docente na Educação Superior ainda é masculino, sendo mais expressivo nas engenharias e ciências agrárias, enquanto que a presença das mulheres é mais expressiva nas áreas de lingüística/letras/artes e ciências humanas.

Nessa direção, Rosemberg e Amado (1991), Trigo (1994) e Passos (1999) têm dedicado seus estudos à participação das mulheres na universidade. Entre as diferentes análises empreendidas pelas pesquisas, vale ressaltar que, mesmo diante do considerável número de mulheres na universidade, ainda existe uma tendência entre cursos, ou até mesmo no interior deles, a uma *guetização sexual das carreiras*. Ou seja, existe uma tendência de homens e mulheres procurarem diferentemente os cursos de graduação.

Assim, cabe evidenciar que, apesar da respectiva pesquisa não tratar a respeito do aumento na flexibilização entre a relação gênero/profissão, podemos perceber barreiras que são impostas a uns e outros, tendo como base as características sociais imputadas a cada um

<sup>14</sup> Inclui faculdades e universidades, públicas e privadas.

dos sexos, como sendo suas peculiaridades inatas no que diz respeito às suas respectivas formas de pensar e agir (Cf. CRAMER; NETO; SILVA, 2002).

Nesse sentido, partindo do pressuposto que o mercado de trabalho (especificamente a Universidade) constitui-se em uma faceta da realidade social, podemos, portanto, inferir que no universo simbólico do trabalho são (re) produzidas as relações sociais de gênero.

Ainda neste pensamento, Barros e Mendonça (1995) nos oferecem apontamentos elucidativos. Tais autores procederam a uma análise desagregada sobre os possíveis condicionantes da desigualdade de renda no Brasil, dentre os quais destacamos gênero, raça<sup>15</sup> e escolaridade. Os referidos autores ponderam que o mercado deve ser entendido como “[...] uma instituição com duas funções básicas: ‘casar’ trabalhadores com postos de trabalho e determinar a remuneração de cada trabalhador em cada ‘casamento’<sup>16</sup>” efetivado. (BARROS; MENDONÇA, 1995, p. 17).

Nesta direção, esta pesquisa apropriar-se-á de dados extraídos da Unimontes para vislumbrar o conhecimento acerca do trabalho de mulheres e a rotina diária delas.

### 1.3 As mulheres trabalhadoras da Unimontes

De acordo com os dados expedidos pela Diretoria de Recursos Humanos (DDRH), a quantidade de *mulheres servidoras efetivas* da Unimontes (ME – Unimontes), no mês de setembro/2007, era de 1083 funcionárias e encontravam-se distribuídas no Campus de Montes Claros (CMC), no Hospital Universitário Clemente Faria (HUCF) e em outros Campus Extensão (CE)<sup>17</sup> da Instituição (Cf. Tabela 3).

---

<sup>15</sup> O estudo dessa variável não será abordado, no entanto julgamos necessário apontá-la.

<sup>16</sup> Esse “casamento” nem sempre ocorre de forma imparcial; nesse sentido, configura-se o que podemos definir como discriminação no mercado de trabalho. Isto é, um tratamento desigual dispensado a trabalhadores com as mesmas características, no referente à qualificação, mas pertencentes a diferentes grupos no que diz respeito à classe, raça ou sexo.

<sup>17</sup> Os campi da Instituição são: Almenara, Brasília de Minas, Espinosa, Janaúba, Janaúria, Campus Noroeste (Unaf e Paracatu), Pirapora, Salinas e São Francisco.(Cf. site <[www.unimontes.br](http://www.unimontes.br)>. Acesso em 24 jan. 2008).

**TABELA 3 – Local de trabalho das Mulheres Efetivas – Unimontes**

<b>Local de trabalho</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Campus de Montes Claros (CMC)	477	44,0%
HUCF	596	55,0%
Campus extensão (CE)	8	0,7%
Sem Informação	2	0,2%
<b>Total</b>	<b>1083</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: Planilha da DDRH da Unimontes - set/2007

Identificamos que a maioria das trabalhadoras efetivas da Unimontes encontra-se alocada no HUCF, correspondendo a 55%. Em segundo lugar, 44% do montante, encontram-se no Campus Sede em Montes Claros; por fim, 0,7% pertencem aos demais Campi da Instituição e sobre 0,2% não consta a informação.

Conforme a tabela abaixo, apresentamos as categorias dos cargos ocupados por essas mulheres no cenário universitário. A partir daí, constatamos que aproximadamente 40,1% das mulheres estão alocadas na área da saúde na função técnica ou analista; 39,0% das mulheres ocupam cargos de técnico, analista ou auxiliar administrativo universitário e 21,7% ocupam o cargo de professor (Cf. Tabela 4).

**TABELA 4 – Categoria dos cargos ocupados pelas Mulheres Efetivas – Unimontes**

<b>Cargos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Docente	235	21,7%
Analista universitário	36	4,2%
Analista universitário da saúde	110	10,1%
Auxiliar administrativo universitário	206	19,0%
Técnico universitário	172	15,8%
Técnico universitário da saúde	324	30,0 %
<b>Total</b>	<b>1083</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: Planilha da DDRH da Unimontes - set/2007

Desdobrando os cargos ocupados em funções mais específicas, percebemos, pela Tabela 5, que a concentração de mulheres encontra-se de fato mais acentuada na área específica da saúde, correspondendo a 53%, percentual maior que a Tabela 4, que expõe 40% das mulheres

em cargos específicos da saúde e aproximando-se da Tabela 3, que nos diz que 55% das mulheres possuem o local de trabalho no HUCF, local específico de atividades vinculadas à saúde.

**TABELA 5 – Função das Mulheres Efetivas – Unimontes**

<b>Função</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Agente de administração	59	7,0%
Agente universitário da saúde	18	2,1%
Ajudante de serviços gerais	97	11,4%
Analista da administração	21	2,5%
Analista de apoio técnico	2	0,2%
Analista universitário	13	1,5%
Analista universitário da saúde	110	13,0%
Atendente de enfermagem	2	0,2%
Auxiliar administrativo	69	8,1%
Auxiliar universitário da saúde	80	9,4%
Docente	235	21,7%
Oficial de serviços gerais	19	2,2%
Técnico administrativo	5	0,6%
Técnico universitário	98	11,6%
Técnico universitário da saúde	244	28,8%
Telefonista	11	1,3%
Total	1083	100,0%

FONTE: Planilha da DDRH da Unimontes - set./2007

Mediante a tabela é possível constatar uma tendência à concentração de mulheres em determinadas funções de trabalho. Em outras palavras, constata-se uma tendência à divisão sexual do trabalho ou à formação de *guetos sexuais* no interior de determinados setores. Apesar de o foco do estudo não sustentar uma discussão mais aprofundada, os dados apresentados acima incrementam a discussão de pesquisas relacionadas aos *guetos ocupacionais* femininos, mencionados anteriormente, evidenciando um número expressivo de mulheres da Unimontes em trabalhos relacionados à área da saúde.

Ademais, uma significativa quantidade de mulheres exerce cargo técnico (58,5%), sendo que, dentro deste grupo, o maior percentual (38,3%) exerce cargo técnico na área da saúde e 13,0% das mulheres possuem cargos de analista universitário também da saúde. Os demais 24,3% das mulheres encontram-se em cargos de auxiliar administrativo, para os quais a exigência de escolaridade varia conforme a função exercida e 4,2% possuem cargos de analista universitário, para os quais a exigência mínima requerida é a formação superior.

Apenas 21,7% das mulheres presentes no meio universitário exercem cargos de professor, que exigem qualificação mínima de especialização.

O acesso à educação formal tem sido componente fundamental da luta pelos direitos das mulheres desde o surgimento da sociedade moderna. A sociedade brasileira no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX imaginava o sexo feminino com os atributos de pureza, doçura, moralidade cristã, maternidades, entre outros, que conduziam as mulheres às responsabilidades da esfera privada, isto é, preparar a mulher para atuar no espaço doméstico e incumbir-se do cuidado do marido e dos filhos, não se cogitando o desempenho feminino como profissão assalariada e reconhecida (GODINHO et al., 2005). Ainda segundo os autores, no campo educacional brasileiro, os anos iniciais do século XX ofereceram maiores oportunidades de trabalho ao sexo feminino representadas pela escolarização das meninas e das jovens, no plano dos ideais positivistas, possibilitando às mulheres de classe média a ocupação docente no magistério primário e o ingresso sutil no panorama socioeconômico do país.

Para a mulher, ocupar profissão mais bem remunerada implicava seguir estudos especializados, muitos deles feitos em universidades, como já mencionado. Assim, perceber a presença das mulheres enquanto profissionais dentro da universidade possibilita visualizar quais espaços foram e são mais ocupados por essas trabalhadoras.

No que concerne à escolaridade das mulheres efetivas da Unimontes, podemos verificar, através da Tabela 6, que 51% das mulheres da universidade possuem escolaridade básica, estando concentradas no ensino médio; aproximadamente 49% das mulheres possuem educação superior, estando 19,3% com diploma universitário, 15,2% com especialização *Lato Sensu*, 12,3% com titulação nível mestrado, 1,8% com doutoramento e apenas 0,09% com titulação de doutor obtida no exterior. Podemos concluir que o maior número das mulheres trabalhadoras com serviço efetivo possui estudos somente básicos, implicando no exercício de funções que não solicitam qualificação acadêmica.

**TABELA 6 – Escolaridade das Mulheres Efetivas - Unimontes**

<b>Escolaridade</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Ensino fundamental	41	3,8%
Ensino médio	515	47,6%
Ensino Superior	209	19,3%
Especialização	165	15,2%
Mestrado	133	12,3%
Doutorado	19	1,8%
PHD	1	0,1%
Total	1083	100,0%

FONTE: Planilha da DDRH da Unimontes/set. 2007

Analisando a tabela a seguir, observamos que, no cerne desta população, o maior percentual de mulheres encontra-se alocado em funções que exigem escolaridade mínima de ensino fundamental e médio, equivalente a 64,9%; os números de mulheres que ocupam funções de exigência mínima de ensino superior correspondem a 13,5%; e no cargo específico de docência encontramos 1,8% de mulheres com especialização *Lato Sensu* (titulação mínima permitida); 12,7% com pós-graduação *Stricto Sensu* em nível de mestrado e 3,3% com doutoramento concluído, sendo 3,9% equivalentes a docente titular, cargo que não classifica o grau de instrução, mas o tempo de serviço na Instituição.

**TABELA 7 – Função exercida segundo a escolaridade das Mulheres Efetivas – Unimontes**

<b>Função exercida segundo a escolaridade</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Funções de 1º grau	175	16,2%
Funções de 2º grau	527	48,7%
Funções de 3º grau	146	13,5%
Docência com especialização	20	1,8%
Docência com mestrado	137	12,7%
Docência com doutorado	36	3,3%
Docência Titular <sup>18</sup>	42	3,9%
Total	1083	100,0%

FONTE: Planilha da DDRH da Unimontes- set./2007

Apresentando os dados correspondentes à faixa etária, as mulheres efetivas possuem idade entre 18 e 71 anos (Cf. Tabela 8), podendo assim verificar-se que 51% das mulheres encontram-se nas faixas etárias abaixo dos 40 anos. O maior percentual aloca-se entre 41 e 50

<sup>18</sup> Segundo a DDRH da Unimontes, essa colocação encontra-se desvinculada da titulação. Alguns servidores a obtiveram em função de ajustes regimentais impetrados pela administração estadual, que concederam aos professores com determinado tempo de serviço a posição de professor titular.

anos, equivalente a 31,2%, e o restante encontra-se acima dos 51 anos. De acordo com os dados, 0,8% de mulheres (nove mulheres) encontram-se acima dos 65 anos, idade na qual a aposentadoria encontra-se garantida e a atuação destas mulheres ainda se faz presente. A partir destes dados, podemos formar um grupo de análise interessante, em que mulheres, com idade legal para se afastar de suas atividades com remuneração, ainda persistem na atividade formal de trabalho.

**TABELA 8 – Faixa etária das Mulheres Efetivas – Unimontes**

<b>Faixa etária</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
18 a 20 anos	24	2,2%
21 a 30 anos	233	21,5%
31 a 40 anos	303	28,0%
41 a 50 anos	338	31,2%
51 a 64 anos	175	16,2%
65 anos ou mais	9	0,8%
SI	1	0,1%
Total	1083	100,0%

FONTE: Planilha da DDRH da Unimontes- set./2007

No que se refere ao tempo de serviço na instituição, podemos constatar um *boom* significativo no final do século XX e princípio do século XXI, quando o número de mulheres na Instituição aumentou consideravelmente, tendo 90% do seu quadro de mulheres efetivas há menos de 15 anos (Cf. Tabela 9).

**TABELA 9 – Tempo de serviço das Mulheres Efetivas – Unimontes**

<b>Tempo de serviço</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Menos de 1 ano	357	33,0%
1 a 5 anos	271	25,0%
6 a 15 anos	352	32,5%
16 a 25 anos	95	8,8%
26 a 35 anos	7	0,6%
36 anos ou mais	1	0,1%
Total	1083	100,0%

FONTE: Planilha da DDRH da Unimontes- set./2007.

Acreditamos ser necessário ressaltar que, no sentido histórico da Instituição, ocorreram mudanças significativas para o aumento no quadro de funcionários, como a ampliação e extensão do campus, a consolidação do Hospital Universitário, cursos de pós-

graduação, entre outros. Nesse sentido, o volume de mulheres que ingressou neste conjunto, compondo o conjunto de funcionárias efetivas, nos permite perceber a *entrada* legal, por via de concurso público, das mulheres neste mercado de trabalho e a ocupação significativa na estrutura desta Universidade.

No que diz respeito às Universidades Brasileiras, Chauí (1999) considera que nos anos 1990 elas assumiram uma face operacional, ou seja, voltaram-se para si mesmas como estrutura de gestão e de arbitragem de contratos e, nessa direção, assumiram o perfil de uma organização capitalista.

Em razão da complexidade dessas transformações, Dourado et al. (2003, p. 23) realizam uma leitura histórico-crítica das mudanças e apresentam a necessidade de considerar quatro eixos temáticos fundamentais nesta discussão como:

- a) a expansão pública e privada da educação superior, considerando os processos de democratização, privatização e massificação;
- b) as alterações na gestão e nas identidades institucionais das universidades e IES em geral;
- c) a avaliação da educação superior, tendo por base os processos de flexibilização e regulação ainda em curso;
- d) as contribuições da investigação em educação superior no país.

O debate em torno da temática é vasto e a Unimontes, enquanto uma Instituição de Ensino Superior (IES) e pública, ainda carece de estudos que a contextualizem perante o cenário nacional; assim, optamos em proporcionar apenas uma visão geral, enfatizando a importância de olhares neste sentido e continuando a focar o perfil de mulheres trabalhadoras neste complexo processo.

Não obstante, corroborando com os dados sobre idade das mulheres trabalhadoras da Unimontes, ao cruzarmos faixa etária e tempo de serviço na Instituição, podemos notar que 26,7% das mulheres estão há menos de um ano na Instituição; outros 25,0% de servidoras estão entre 1 a 5 anos de trabalho; o maior percentual, equivalente a 32,5% das mulheres, está entre 6 a 15 anos de serviço na Instituição; 8,8% de trabalhadoras estão entre 16 e 25 anos; 6% encontram-se entre 26 a 35 anos de trabalho e 1% acima dos 36 anos. As mulheres com faixa etária entre 18 e 20 anos está há menos de um ano na Instituição. O maior percentual de mulheres (85,8%) com faixa etária entre 21 e 30 anos está há menos de um ano na Universidade, e o restante, 14,2%, está entre 1 a 5 anos na Instituição. O maior percentual de mulheres na faixa etária entre 41 e 50 anos de idade (49,1%), 51 a 64 anos (56,0%) e acima

dos 65 anos (55,6%) estão respectivamente entre 6 a 15 anos na Instituição; somente 7% das mulheres estão em serviço há mais de 26 anos (Cf. Tabela 10).

**TABELA 10 – Relação entre idade e tempo de serviço das Mulheres Efetivas – Unimontes**

		Intervalo de Tempo de Serviço						Total
		Menos de 1 ano	1 a 5 anos	6 a 15 anos	16 a 25 anos	26 a 35 anos	36 anos ou mais	
18 a 20 anos	Freq.	24	0	0	0	0	0	24
	%	100,0%	0%	0%	0%	0%	0%	100,0%
21 a 30 anos	Freq.	200	33	0	0	0	0	233
	%	85,8%	14,2%	0%	0%	0%	0%	100,0%
31 a 40 anos	Freq.	93	121	83	6	0	0	303
	%	30,7%	39,9%	27,4%	2,0%	0%	0%	100,0%
41 a 50 anos	Freq.	35	90	166	47	0	0	338
	%	10,4%	26,6%	49,1%	13,9%	0%	0%	100,0%
51 a 64 anos	Freq.	5	26	98	39	7	0	175
	%	2,9%	14,9%	56,0%	22,3%	4,0%	0%	100,0%
65 anos ou mais	Freq.	0	0	5	3	0	1	9
	%	0%	0%	55,6%	33,3%	0%	11,1%	100,0%
Total	Freq.	357	271	352	95	7	1	1083
	%	26,7%	25,0%	32,5%	8,8%	6%	1%	100,0%

FONTE: Planilha da DDRH da Unimontes/ set. 2007.

Dentro do grupo de mulheres entrevistadas, a servidora com maior tempo de serviço na Instituição encontra-se na função de serviços gerais, atuando desde o período em que a Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade funcionava no prédio do Colégio Marista São José.

Olha eu já tenho... mais de 30 anos que eu trabalho aqui...! Eu entrei em... 76. Que eu vim de lá, né! O colégio São José, que era a FADEC... né!... Antigamente eu fazia o café... Aí agora apareceu a central, né! (Entrevistada 03 - Serviços Gerais)

A partir dessa fala podemos deduzir que a mulher com o maior tempo de trabalho na Universidade (30 anos) do respectivo grupo entrevistado encontra-se em atividades vinculadas a limpeza e serviços como fazer e servir café, remetendo-nos à discussão anterior sobre o trabalho de mulheres ser principalmente associado às tarefas do lar. Neste sentido, Sorj (2004, p. 107) aponta para a ênfase na articulação entre a esfera da produção econômica

(trabalho remunerado) e a esfera da reprodução (família), mostrando que houve e ainda há um estreito vínculo entre o trabalho remunerado e o trabalho doméstico para as mulheres.

Ainda com relação aos dados das mulheres docentes, buscamos informações quanto ao número de servidoras que possuíam Dedicção Exclusiva (DE) na Universidade, algo possível para funcionários que exercem o cargo de professor e fazem a opção de trabalhar somente na Instituição. Podemos notar que 1,5% destas mulheres optaram em solicitar Dedicção Exclusiva e oferecer seus serviços somente na Unimontes (Cf. Tabela 11).

**TABELA 11 – Taxa das Mulheres Efetivas - Unimontes com Dedicção Exclusiva**

<b>Dedicção Exclusiva</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não	1067	98,5%
Sim	16	1,5%
Total	1083	100,0%

FONTE: Planilha da DDRH da Unimontes- set/2007

Sobre esse aspecto, podemos levantar como hipótese que algumas mulheres exercem, concomitante ao trabalho desempenhado na Universidade, outro trabalho formal e/ou informal. Deste modo, o estudo optou em selecionar mulheres com trabalho formal (remunerado) somente na Instituição, sendo uma das características da constituição do grupo pesquisado e contemplado pelas mulheres com dedicação exclusiva.

Antes de passarmos à apresentação dos dados acerca da remuneração das mulheres efetivas da Unimontes, gostaríamos de discorrer brevemente a respeito da divisão social do trabalho, que impele aos indivíduos diferentes funções e papéis, os quais foram hierarquizados e, conseqüentemente, correspondem a distintos salários e expectativas na carreira. Para Solera (2005, p. 218),

[...] a desigualdade social se apresenta quando, de forma sistemática, as distintas funções recebem distintas recompensas, implicam na localização dos que as desempenham em diferentes posições numa hierarquia social [...] Em termos estritos não existe desigualdade natural. Existem diferenças naturais que podem ser usadas para classificar as pessoas numa hierarquia [...] As diferenças se transformam em desigualdade apenas mediante a aplicação de escalas, que são culturalmente construídas em determinados contextos sociais por seres humanos que vivem em determinadas condições históricas.

Podemos ponderar que as desigualdades entre salários de mulheres, apresentados neste estudo, foram (e são) construídas socialmente pela lógica de produção capitalista, que, a partir da hierarquização de *importância*, controla e determina os mecanismos de produção. Essa desigualdade tem contribuído, sobremaneira, para a discriminação no mercado de trabalho (SOLERA, 2005).

Ao analisarmos a Tabela 12, apresentada abaixo, podemos constatar que a concentração da média salarial das mulheres está entre 1 e 2 salários mínimos: 58% das mulheres servidoras efetivas da Unimontes possuem salários equivalentes a esse valor; outros 20,7% estão recebendo valores entre 2 e 5 salários, 9,6% de servidoras recebem entre 5 e 8 salários, 7% das mulheres recebem acima de 8 salários e 0,6% de mulheres recebem acima de 20 salários mínimos.

**TABELA 12 – Remuneração das Mulheres Efetivas – Unimontes**

<b>Classes de Rendimento</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Menos que 1 salário mínimo	1	0,1%
Entre 1 e 2 salários mínimos	628	58,0%
Entre 2 e 5 salários mínimos	224	20,7%
Entre 5 e 8 salários mínimos	104	9,6%
Entre 8 e 10 salários mínimos	37	3,4%
Entre 10 e 15 salários mínimos	39	3,6%
Entre 15 e 20 salários mínimos	26	2,4%
Entre 20 e 25 salários mínimos	4	0,4%
25 salários mínimos ou mais	2	0,2%
Sem Informação	18	1,7%
<b>Total</b>	<b>1083</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: Planilha da DDRH da Unimontes /set. 2007

A respeito das classes de rendimento e no sentido de ilustrar o panorama das mulheres da Unimontes, apresentaremos a seguir características das mulheres economicamente ativas do Brasil divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2007 (Cf. Tabela 13).

**TABELA 13 – Mulheres economicamente ativas e Faixas de rendimento no Brasil**

<b>Classes de rendimento mensal</b>	<b>Total (milhões)</b>	<b>Total (%)</b>
Até 1/2 salário mínimo	3.816	10,7%
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	7.538	21,01%
Mais de 1 a 2 salários mínimos	10.856	30,2%
Mais de 2 a 3 salários mínimos	3.365	9,37%
Mais de 3 a 5 salários mínimos	2.465	6,9%
Mais de 5 a 10 salários mínimos	2.025	5,7%
Mais de 10 a 20 salários mínimos	626	1,8%
Mais de 20 salários mínimos	175	0,48%
Sem declarar	4.965	13,84%
Total (%) milhões	35.877	100%

FONTE: IBGE/PNADs 2006 (tab. 1867); 2007 – microdados

Assim, ao compararmos o percentual de mulheres alocadas em determinadas classes de rendimentos, percebemos que, no Brasil, o maior percentual de mulheres se enquadra na faixa de 1 a 2 salários, semelhante ao diagnóstico da Unimontes, que possui 58% de suas mulheres nesta faixa salarial. O percentual de mulheres da Unimontes reservado aos valores acima dos 20 salários mínimos também se aproxima dos dados nacionais, já que 0,4% das servidoras da Unimontes encontram-se nesta classe de rendimento e 0,48% das mulheres trabalhadoras brasileiras também (Cf. Tabela 13).

Portanto, podemos inferir que, ao se tratar da classe de rendimento das mulheres da Unimontes, existe significativa disparidade entre as faixas salariais, correspondendo à desigualdade de distribuição, que pode estar intrincada em diversos fatores como grau de instrução e condições socioeconômicas, aproximando-se, assim, das estatísticas brasileiras. Todavia, a partir daqui, tentaremos exercitar a reflexão além dos números, na tentativa de conhecer outras relações estabelecidas com o mercado de trabalho.

#### **1.4 O trabalho na vida das mulheres entrevistadas**

No século XX, as mulheres brasileiras conquistaram o voto, a educação, o acesso aos meios contraceptivos e a inserção no mercado de trabalho, representando uma grande

conquista no seio de tantas reivindicações e lutas (ROCHA, 2000, p. 203). Entretanto, surgiram novos desafios *pari passu* às mudanças, gerando outros questionamentos.

Ao perguntarmos sobre o trabalho para as mulheres das entrevistas, registramos diversas respostas:

O trabalho é um hábito e depois que fica arraigado na gente, não tem como ficar! Ah! Eu trabalhei com muita coisa. Vendedora! Aos 10 anos eu já era vendedora! Trabalhava numa venda lá, ao lado de minha casa, no Vale do Jequitinhonha. E depois eu fui fazer o curso de magistério, já que eu tava na rotina da casa. Tem que criar os irmãos mais novos. Criar no sentido de cuidar, naquele tempo, as mais velhas cuidavam dos irmãos mais novos. E aí, depois dos 17 anos, eu formei professora e toda vida trabalhei. Tem 45 anos que eu sou professora! (Entrevistada 09 - Professora acima dos 60 anos)

Gosto muito, muito, muito. Eu comecei a trabalhar em 66, né. Então olha a jornada, quarenta e um anos de trabalho... (Entrevistada 15- Professora acima dos 60 anos)

Constatamos que o trabalho para essas mulheres significa parte constitutiva de suas vidas, ultrapassando, em determinados momentos, a questão da remuneração, deixando claro, a partir das falas, o *gosto* e a satisfação através do labor, principalmente as professoras acima dos 60 anos. Tal fato pode ser compreendido, se pensarmos que o trabalho tanto pode ser reconhecido no âmbito da necessidade econômica, social, como na *produção de si mesma* (espaço onde a mulher se reconhece no seu trabalho e detém autonomia). O fato de sentirem-se úteis aparece em 80% das entrevistas e o contato com outras pessoas apresenta-se como a principal satisfação no trabalho.

A partir do trabalho e do trabalhar constituem-se relações sociais de produção, perpassando a própria situação de trabalho, envolvendo o conjunto de arranjos institucionais e informais que modelam e modificam essas relações.

Todavia, nos interessa pontuar que, no que concerne à Unimontes, algumas entrevistadas expõem que participaram efetivamente de momentos e de postos essenciais na construção da Universidade, fazendo com que percebamos, mais uma vez, o forte vínculo com a história e com os processos da Instituição, especialmente as professoras acima dos 60 anos.

Eu saio da Universidade, mas ela não vai sair de mim tão cedo. Porque a minha... é... o meu... meu... a minha forma dentro é... O aluno telefona, os colegas telefonam, pedem opinião, vão lá buscar alguma coisa ou vão escrever um projeto. Pedem opinião, cê entendeu? Eu sei que eu não vou sair muito cedo, é totalmente da Universidade por causa dessa relação que eu tenho. (Entrevistada 15- Professora acima dos 60 anos)

Eu ocupei todos esses cargos, não foi simplesmente porque eu concorri. Foi talvez pela construção, e pela... pela amizade e a quantidade de pessoas que são ligadas e que trabalham juntamente comigo. Eles me elegeram é... a direção foi o próprio reitor que me elegeu pelo meu trabalho. Eu já fui homenageada, é... com medalhas dentro da Unimontes. Com títulos. Enfim... entendeu? Eu sou uma pessoa que eu construí um trabalho, eu construí, eu participei da construção da Unimontes. A cada consulta, todo processo de atualização, isso eu fiz parte. Sempre eu fiz parte dos trâmites, desses momentos da Unimontes. (Entrevistada 16- Professora acima dos 60 anos)

A entrevistada acima explicita que percebeu o aumento considerável de mulheres no decorrer dos anos e diz observar igualmente a quantidade de mulheres e homens na Instituição no atual momento (ano 2007). É importante suscitar que a referida mulher é professora, chefe de departamento e ocupou distintos cargos na Universidade, tendo 25 anos de serviço na Unimontes. Entretanto, constatamos que a satisfação depende da ocupação, do reconhecimento do trabalho e da remuneração.

Gostooo... mais ou menos, né!! Que pelo que eu poderia fazer eles podiam fazer uma recolocação, mas num fizeram, então tudo bem, não faço questão também não! O importante é trabalhar e cumprir, né... receber direitinho isso aí, dentro das possibilidades...eu num vejo problema não. (Entrevistada 02 - Serviços Gerais)

De forma geral, são as mulheres que ocupam o cargo de serviços gerais que possuem o anseio de melhorar a remuneração e conseguir maior (ou outro) espaço na Instituição. Neste sentido, outra entrevistada dos serviços gerais da Universidade fala-nos a respeito da remuneração e da necessidade de um aumento salarial.

Eu gosto... e tem outra coisa também, moça. Por que... preciso mesmo, né! Preciso mesmo, né! Inclusive, se viesse um aumento para nós, era até bom... (pausa) Mas graças a Deus a gente tem ele, né! A gente tem! Todo mês a gente pode contar com ele, mas não é fácil não! (Entrevistada 03 - Serviços Gerais)

Quando nos referimos ao desejo de outro trabalho ou de outra área profissional, ela responde:

Olha... eu até que gostaria de trabalhar, viu. É muito puxado! Trinta anos nessa correria, assim! Agora eu não sei a área não, viu... (pausa) que isso a gente tem que ver. (Entrevistada 03 - Serviços Gerais)

No mesmo sentido, uma das entrevistadas reforçou a vontade de outro trabalho, mas ressaltou as dificuldades para qualificar-se:

Eu tenho vontade de trabalhar assim, numa recepção, telefonista. Inclusive agora mesmo eu ia até fazer o curso, né! Mas aí... por causa... Porque lá é só eu nesse horário do serviço, né! E para mim, no horário do serviço, não ia dá. Eu tinha até feito a minha inscrição, só aí não fiz o curso, né... (Entrevistada 05 - Serviços Gerais)

Nesta direção, Ristoff (2006) nos oferece comentários elucidativos. O autor discute que o maior número de mulheres em qualificação, por si só, é insuficiente para dizer das mudanças efetivas nas relações de trabalho. Complementa o raciocínio ponderando que estas relações extrapolam a identificação de sexo, por estarem imbricadas nas complexas relações de poder que marcam a nossa sociedade e que, por conseqüência, se expressam nos conflitos e contradições do mercado de trabalho.

Quanto à satisfação e/ou troca de trabalho, as mulheres entrevistadas que ocupam cargo de professora e/ou cargos administrativos não relataram em seus depoimentos o desejo de mudança. As mulheres que trabalham com serviços gerais, mesmo não sabendo ao certo o que gostariam de realizar, possuem aspiração de outro trabalho, o que nos possibilita dizer que a desvalorização financeira das atividades ditas gerais e o desgaste físico que essas proporcionam fazem com que algumas mulheres se sintam insatisfeitas com o serviço que prestam.

Não, porque toda vida que eu trabalhei aqui foi nesse sentido, então assim, eu já sei minha obrigação, né. Não precisa esperá ninguém mandar. Ninguém pra tá reclamando, né. Então me sinto bem, me sinto à vontade, né! Mas eu tinha vontade de fazer alguma coisa, outra profissão. (Entrevistada 05 - Serviços Gerais)

É o trabalho é assim, muito... cansativo! Eu se... tivesse (pausa), se fosse pra eu trabalhar assim em outro serviço, eu gostaria, sim! (Entrevistada 01 - Serviços Gerais)

Em outro sentido, algo que emergiu dos depoimentos dados pelas trabalhadoras da Unimontes foi a forte ligação entre o trabalhar fora de casa e a conquista da independência, proveniente da necessidade financeira e do reconhecimento pessoal.

Eu gosto bastante foi uma... Às vezes eu faço uma revisão, né, na minha família... toda família brasileira, assim do período que sou da geração que eu sou, que eu estou, os pais não queriam muito que as filhas estudassem... então meu pai, ele queria que eu fizesse o curso normal. Aí minha opção, eu não quero ser professora. Aí eu fiz o científico, na época eu tinha o científico, eu fiz o segundo grau. Aí quando eu fui fazer o curso superior, meu pai disse você tem que fazer um curso pra você dá aula, você vai casar, vai ter filho, marido num vai deixar você trabalhar... Eu queria fazer direito, ele disse, não direito não é curso pra moça, moça não vai... Você tem que... Aí meu pai sempre foi bastante autoritário e ele praticamente não proibiu, mas impediu que eu fizesse o curso. (Entrevistada 04- Professora DE)

Gosto muito mais de está aqui do que de ficar na minha casa. Entendeu? No final de semana que eu sento, sem nada pra fazer, do mestrado, do trabalho eu... parece que tá faltando alguma coisa. Talvez porque eu entrei aqui com 18 anos, né. Então assim, eu vivo a Unimontes desde a minha adolescência. (Entrevistada 08 – Administrativo)

Neuza (2003) destaca que o processo de construção de identidade<sup>19</sup> se dá nos espaços da família, da escola, da rua, do trabalho e da comunidade onde se vive. Esses espaços são, constantemente, atravessados por questões ligadas à pobreza, à violência e ao trabalho. O foco no momento é a interface do mundo do trabalho.

[...] no processo de construção das identidades, explicita-se a produção das mesmas pela diferença, mostra que a discriminação não é resultado da diferença. A discriminação fixa determina significações, enquanto a diferença nos permite legitimar o que somos. (NEUZA, 2003, p. 47).

As ponderações acima contribuem muito na reflexão, demonstrando que a mulher trabalhadora adquiriu maior autonomia e espaço à medida que ocupou o mercado de trabalho formal. Mesmo que as relações trabalhistas estejam dotadas de dúvida e insegurança,

---

<sup>19</sup> A identidade, para Hall (1997), funcionava para costurar o sujeito à estrutura, estabilizando tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que habitam, assim tornando-os reciprocamente unificados. O sujeito agora é fragmentado, composto por várias identidades, muitas vezes, contraditórias ou não resolvidas.

provenientes de suas mutações e interesses, uma certeza é plausível: o trabalho é importante referência na vida das mulheres servidoras da Unimontes, mesmo não sendo a única.

Tem-se discutido em demasia quanto à perda de centralidade do trabalho na composição da sociedade com o processo de reestruturação produtiva (DE MASI, 1999). As mudanças ocorridas por meio de processos constantes como a globalização e as tecnologias podem, sim, ter deslocado certos valores da sociedade que eram centrados no trabalho, principalmente no que diz respeito à centralização de conflitos e debates que eram mantidos no interior da fábrica e refletidos em toda sociedade. A nosso ver, o que não se pode dizer é que a busca e a necessidade do ser humano em trabalhar tenham deixado de ser centrais e, portanto, passíveis de indagações e análises.

Compartilhando com Branco e Vainsencher (2001), a passagem das mulheres do domínio público para o privado, por meio do trabalho remunerado oferece às mulheres elementos para que elas adquiram força e confiança em si mesmas, intensificando processos de mudanças referentes às condições de gênero.

Depois de constatarmos diferentes realidades provenientes de um determinado universo de trabalho, poderíamos reiterar a idéia mencionada no decorrer do capítulo, de que a Universidade exprime as relações sociais existentes na sociedade, tornando-se uma representação desta.

Em suma, procuramos refletir acerca do mercado de trabalho e a universidade, no intuito de percebermos o significado do trabalho (e seus desdobramentos) na vida das mulheres envolvidas na pesquisa, para, no próximo capítulo, darmos continuidade no que tange ao aspecto tempo e aos arranjos deste na relação tempo de trabalho e tempo livre.

## CAPÍTULO 2

### ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE TRABALHO CAPITALISTA E USO(S) DO TEMPO

Quando nos propomos a refletir sobre o *tempo*, enquanto objeto de estudo, o senso comum se mostra duvidoso, em uma mistura de incômodo e ironia acerca da temática exposta. São equívocos marcados pela superficialidade, que tendem a ver as mudanças *no e do* cotidiano de maneira pouco profunda. Se, por um lado, percebemos o *tempo* como algo evidente, objetivo, por outro, notamo-no obscuro e complexo, entrelaçado sutilmente com problemáticas e questões contemporâneas.

Ao encontro dessa constatação, iniciaremos uma discussão acerca da relevância do estudo do tempo, no sentido de compreendermos as dinâmicas muitas vezes impostas e tendencialmente *naturalizadas*<sup>20</sup> no cotidiano de homens e mulheres que estão inseridos na lógica capitalista. Posteriormente, discorreremos sobre a perspectiva de desenvolvimento e algumas características do tempo nas relações de trabalho capitalista, no intuito de compreender as implicações do *tempo* na manutenção da desigualdade de oportunidades, considerando, para tal, o contexto das mulheres participantes da pesquisa.

#### 2.1 O estudo do tempo e suas características

Prada (1996) e Parra (1998) consideram que os estudos sobre o uso do tempo têm uma larga trajetória dentro da Teoria Social e atribuem a Durkheim a inauguração do debate sobre o tempo na Sociologia, quando, em sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, considera que um calendário expressa o ritmo das atividades coletivas, ao mesmo tempo em que assegura a regularidade destas.

---

<sup>20</sup>Segundo Saffioti (1987, p. 10), “[...] é próprio de a espécie humana elaborar socialmente fenômenos naturais. Por esta razão é tão difícil, senão impossível, separar a *natureza* daquilo em que ela foi transformada pelos processos sócio-culturais.” Neste sentido, compreendemos as dinâmicas relativas ao *tempo* como marcas socialmente modificadas e silenciosamente impositivas, em sintonia com os interesses dominantes.

Todavia, “o tempo não existe em si”, afirma Elias (1998, p. 14). Não é um dado objetivo, como sustentava Newton, nem uma estrutura *a priori* como queria Kant. O tempo, antes de tudo, é um símbolo social, resultado de um longo processo de aprendizagem<sup>21</sup>.

Alguns autores como Elias (1998) e De Grazia (1966) sugerem que a dificuldade em compreender o *conhecimento do tempo* encontra-se diretamente relacionada com o grau de envolvimento e a estreita relação do ser humano com o tempo. Somos seres temporais, isto é, vivemos dentro do tempo, e já assim fomos criados, “[...] e foi num estágio tardio que o tempo se tornou símbolo de coerção universal e inelutável.” (ELIAS, 1998, p. 21). Posto isso, evidenciamos com mais clareza que essa coerção é de natureza social, revelando que é exercida pela multidão sobre o indivíduo, mas também repousa sobre dados *naturais* como a individualidade e o envelhecimento.

O conceito de tempo encontra-se em um alto nível de generalização e de síntese, que pressupõe um inestimável patrimônio social no que concerne aos métodos de mensuração das seqüências temporais e às regularidades que elas apresentam como sugere Elias (1998). Continuando, o mesmo autor considera que desde que existem homens, e já em nossos ancestrais não humanos, a vida sempre seguiu o mesmo curso, do nascimento até a morte, independente da vontade ou da consciência dos homens. Mas a ordenação deste processo só se tornou possível a partir do momento em que os homens desenvolveram, para suas próprias necessidades, símbolos reguladores.

A experiência do tempo como algo uniforme e contínuo só se tornou possível através do desenvolvimento da medição do tempo, pelo estabelecimento constante de uma grade relativamente bem integrada de reguladores temporais, como os relógios de movimento contínuo, a sucessão contínua de calendários anuais e as eras que acompanham o século (ELIAS, 1998, p. 35-36).

Desde os artifícios mais antigos de medição do tempo como os movimentos do sol, da lua e das estrelas, até os relógios e as *parafernálias* digitais da atualidade, sempre foi muito significativo o *instrumento*, por mais arcaico e impreciso que fosse, para controlar o tempo.

Os estudos publicados por Parker (1978) colocam que a vida nas sociedades primitivas seguia um padrão predeterminado, no qual o *trabalho* e o *não trabalho* eram inextricavelmente confundidos; na tradição do artista e do artesão não existia um corte entre

---

<sup>21</sup> O fato de os homens deverem e poderem se orientar em seu mundo adquirindo *um saber*, e de, com isso, sua vida individual e coletiva depender totalmente da aprendizagem de símbolos sociais é uma das particularidades que diferenciam o ser humano de todos os outros seres (ELIAS, 1998, p. 20).

trabalho e a atividade lúdica, a simples auto-expressão e a criação posterior dos valores de trabalho combinavam-se entre si. Nas civilizações da Antiguidade, a sociedade não tinha a mesma necessidade de medir o tempo que os Estados da era moderna, para ainda não falar das sociedades industrializadas e pós-industrializadas de hoje (ELIAS, 1998). Quanto mais as dificuldades humanas foram ganhando extensão e autonomia em prol de processos como urbanizações, comercialização, mecanização e a globalização, mais nos tornaram dependentes de dispositivos artificiais para assegurar o controle e o conhecimento do tempo.

Nessas sociedades, o tempo exerce de fora para dentro sob formas de relógios, calendários e outras tabelas de horários uma coerção que se presta eminentemente para suscitar o desenvolvimento de uma autodisciplina nos indivíduos. Ela exerce uma pressão relativamente discreta, comedida, uniforme e desprovida de violência, mas que nem por isso se faz menos onipresente, e da qual é impossível escapar (ELIAS, 1998, p. 22).

Elias (1985) em seu clássico estudo sobre o processo civilizador percebe essa individualização da regulação social do tempo, em modo quase padrão, como os traços desse processo civilizador. Ressalta ainda que, quando os símbolos reguladores assumem um grau sumamente alto de adequação à realidade, torna-se difícil distingui-los dessa mesma realidade.

Reforçando esta idéia, Dumazedier (1976) lembra que, numa civilização de mudanças rápidas e surpreendentes, quando os progressos de ação representam um atraso com relação aos dos conhecimentos dos homens, tende-se a aprender todas as seqüências de acontecimentos - físicos, sociais e pessoais - em função dos símbolos reguladores temporais utilizados em sua sociedade, como característica de sua própria natureza, da natureza humana em geral. Neste sentido, o homem individual já não ocupa o lugar central. Nesse caso, a natureza não mais se reduz a um mundo externo aos indivíduos, nem a sociedade a um espaço no qual o indivíduo se agregaria, por assim dizer, por acaso. Em suma, “[...] no processo de aprendizagem da humanidade percebe-se a mudança como as coletividades determinam e vivenciam o tempo.” (ELIAS, 1998, p. 20).

A palavra *tempo*, segundo Elias (1998, p. 39), designa simbolicamente:

A relação que um grupo humano, ou qualquer grupo de seres vivos dotados de uma capacidade biológica de memória e de síntese, estabelece entre dois ou mais processos, um dos quais é padronizado para servir aos outros como quadros de referência e padrão de medida.

Para Ramos (1992), o *tempo* é um conceito que generaliza, sintetiza e totaliza aspectos muitos variados da vivência, tanto na experiência humana centrada na duração da hora como a experiência cósmica e abrangente do presente e do futuro na consciência do presente. Nesse sentido, difere duas séries temporais: a primeira constituída pelo conjunto estratégico do presente, do passado e do futuro; e a segunda pelas relações ordinais temporais (sucessão, simultaneidade e também conceitos mais atípicos como aspectos topológicos e cronométricos do tempo). Não se trata de trabalhar somente com os aspectos sociais do tempo senão de conseguir destacar a completa estrutura temporal da vida social (RAMOS, 1992, p. 28).

O tempo dos relógios ilustra com simplicidade esse pertencimento do indivíduo a um universo onde existem numerosos seres humanos. De Grazia (1966) considera os relógios como processos físicos dotados de um desenrolar contínuo, elaborados pelo homem e padronizados em algumas sociedades para servir de referência e escala de medida a outros processos de caráter social ou físico. Elias (1998) compreende o relógio como *contínuos evolutivos*<sup>22</sup> que, quando focalizados nos seres humanos, apresentam uma característica de correlação indissociável entre a vida coletiva e das estruturas de cada indivíduo: *a coerção externa e a coerção auto-imposta*. Esse autor também nos diz que “[...] a margem da decisão dos homens, suas liberdades, repousam no final das contas em sua possibilidade de controlar o equilíbrio mais ou menos flexível entre as diferentes instâncias de onde provêm as restrições.” (ELIAS, 1998, p. 29).

Neste sentido, é possível assinalar que os ritmos biológicos são regulados e estruturados em função de uma organização social, que obriga os homens e as mulheres a se disciplinarem *até certo ponto*, pautando seu relógio fisiológico num relógio social. Assim, não se come somente por estar com fome, e sim porque as horas indicam que é o momento para tal. Os indivíduos aprendem desde a tenra idade que existe o momento para comer, dormir, realizar as necessidades básicas e que, inevitavelmente, deverão enquadrar-se nesta organização.

---

<sup>22</sup> O autor esclarece em sua obra que utiliza a expressão “continuum evolutivo” no intuito de racionalizar que, em numerosos processos evolutivos, a unidade do processo não repousa numa substância qualquer, que permaneça inalterada através de todo o processo, mas na continuidade com que certa transformação provém de uma outra, segundo uma sucessão ininterrupta. Trata-se de uma continuidade nas transformações que ligam um estágio posterior a um estágio anterior.

## 2.2 Os interstícios do tempo

O olhar a partir da História nos permite verificar que o século XX, até a década de 70, foi um período caracterizado pela difusão de instrumentos de regulação e padronização da jornada de trabalho. A partir dos anos 1980, percebe-se o crescimento do desemprego, tomado como justificativa pelos governantes para permitir uma flexibilização da jornada de trabalho e pressionar os sindicatos para estabelecerem estatutos menos restritivos. Nesse contexto, a jornada padronizada de trabalho vai perdendo importância e as jornadas em regime excepcional vão tomando projeção (DEDECCA, 2002b).

No decorrer da história, e especialmente a partir do século XX, o aperfeiçoamento das técnicas de produção e a pressão sindical são duas das forças mais importantes que tendem a reduzir o tempo de trabalho, classificando a utilização do tempo em duas partes: *tempo de trabalho* e *tempo de não trabalho* (PUIG; TRILLA, 2004).

Se entendermos o *tempo de não trabalho* como aquele totalmente disponível e, em consequência, não ocupado em satisfazer necessidades ou cumprir obrigações, podemos afirmar que nunca se pode considerar livre todo tempo de não trabalho; “O homem tem parte do tempo do não trabalho hipotecada em diversas ocupações.” (PUIG; TRILLA, 2004, p. 44).

A partir da relação entre tempo *de trabalho* e de *não trabalho*, os autores em pauta reclassificam o tempo, propondo um novo quadro:

**QUADRO 1 - Distribuição do aspecto Tempo**

<b>Tempo de trabalho</b>	<b>Tempo de não trabalho</b>	
Tempo de trabalho	Tempo dedicado a obrigações paraprofissionais, familiares, religiosas e políticas.	Tempo livre

FONTE: Puig; Trilla, 2004, p. 45.

Ainda no raciocínio de Puig e Trilla (2004), a distribuição do tempo entre o trabalho, as atividades paraprofissionais, familiares e políticas, e a parte propriamente livre do tempo indica uma magnitude diferente na obrigação social e na disponibilidade pessoal do tempo em cada um desses três setores da vida do homem. “Durante o tempo de trabalho, temos uma máxima obrigação social e uma mínima disponibilidade pessoal, mesmo que nem sempre haja

uma obrigação absoluta ou uma ausência plena de disponibilidade.” (PUIG; TRILLA, 2004, p. 44).

Nesse sentido, consideram necessário refazer o quadro, apresentando o último e possível enquadramento para a distribuição do tempo:

**QUADRO 2 - (Re)Distribuição do aspecto Tempo**

<b>Tempo de trabalho</b>	<b>Tempo dedicado a obrigações paraprofissionais, familiares, religiosas e políticas.</b>	<b>Tempo livre</b>
+ Obrigação social - Disponibilidade pessoal		- Obrigação social + Disponibilidade pessoal

FONTE: Puig; Trilla, 2004, p. 45.

Essa perspectiva abre a possibilidade de perceber o uso do tempo, no mínimo, a partir de duas dimensões: para reprodução econômica e para reprodução social. O tempo para reprodução econômica envolve aquele destinado ao trabalho remunerado e o gasto com deslocamento para sua realização. O tempo para reprodução familiar e social incorpora, ao menos, as atividades de comando domiciliar, de lazer e de sono (DEDECCA, 2004). Ávila (2002) propõe que o papel cumprido na reprodução social no meio das famílias articula-se com o tempo econômico para o processo de acumulação capitalista, reforçando, ainda, que um não se processa sem o outro, causando pressão sobre o tempo livre da população.

O aspecto mais preocupante é a subordinação do tempo social ao tempo econômico, garantida pelo caráter compulsório do trabalho para a maioria da população. Sobre este aspecto, Chiesi (1989) salienta que, do ponto de vista da condição pessoal ou individual, essa situação aparece, simbolicamente, para as pessoas, como dois relógios de ponto com funcionamentos diferentes e não compatíveis. Mulheres e homens que crescem em um ambiente árido (de opções e oportunidades), vazio de espaço de convívio ou de acesso a bens e serviços culturais, dificilmente verão incorporados no seu cotidiano hábitos relacionados a essas práticas. A partir do momento que recebemos estímulos que apresentam o tempo para trabalhar (econômico e mais valorizado) e o tempo para descansar (social e menos

valorizado), estamos sendo moldados para acreditar e reproduzir esse discurso, ficando a margem de atribuir valor àquilo que nos ensinam a dar valor.

Os estudos publicados por Parra (1998) entendem os caracteres *heterônimo e autônomo* no que tange ao uso e ao sentido do tempo. Nessa direção, esclarece que *autônomo* é aquele tempo estruturado e organizado pela própria pessoa que o utiliza, e *heterônimo* aquele outro tempo que é organizado e estruturado por outros. A autora explica ainda que esses caracteres do tempo expõem claramente diferenças sociais, diferentes trabalhos, segmentos dentro de grupos principais e que “[...] a determinação heterônima do uso do tempo implica alienação, estranhamento, já que uma pessoa que não é dona do seu tempo dificilmente pode ser dona de si mesma.” (PARRA, 1998, p. 27).

Todavia, Prada (1996, p. 85) percebe o tempo como uma trama de múltiplas *figuras* em constante modificação.

No se puede hablar de una realidad del tiempo, sino sólo de figuras que, entrelazándose de distintos modos, generan esas representaciones y esos sentimientos del tiempo que caracterizan en cada época nuestro modo de habitar la Tierra.

A autora supracitada continua a esclarecer que o conjunto de atividades tem, no mínimo, três dimensões importantes para análise: tempo, espaço e sociabilidade. As dimensões compreendem aquilo que se realiza em determinado momento do tempo (quando), em uma determinada seqüência (sucessão), durante certo tempo (duração), com certa recorrência (frequência). Sendo assim, passível de mudanças e transformações.

Neste sentido, optamos em trabalhar com três esferas (não necessariamente separadas nem estanques): o tempo de trabalho formal, o tempo livre (fora do trabalho formal, dedicado às demandas pessoais e informais) e o tempo disponível<sup>23</sup>.

Para justificar o argumento anterior podemos ilustrar que, de segunda a sexta-feira, existe o tempo das demandas pessoais (sono, higiene pessoal, alimentação, entre outros), o

<sup>23</sup> De acordo com Mascarenhas (2003), o conflito sobre o uso do tempo, quantitativa e qualitativamente falando, materializa-se, portanto, como uma das grandes tensões geradas pela sociedade do capital. Em sintonia ou não com esta discussão, os teóricos do lazer têm constantemente estudado sobre a questão do tempo procurando-lhe atribuir análises, classificações, denominações e conceitos. As adjetivações que se associam ao tempo não são poucas: tempo de trabalho, tempo livre, tempo produtivo, tempo residual, tempo das obrigações, tempo disponível, tempo das não obrigações etc. Marcellino (1996), referindo-se ao tempo livre considera que esse deve ser liberado do trabalho, obrigações religiosas e familiares. Vale ressaltar que, pelo processo histórico, nenhum tempo pode ser livre de coações e regras de comportamento social. Daí então, a utilização do termo tempo disponível.

tempo das demandas profissionais (trabalho, deslocamento, entre outros) e o tempo das demandas informais (trabalhos domésticos, cuidados familiares, rotinas religiosas, entre outros). No sábado e domingo, a esfera das demandas profissionais tende a diminuir, ao passo que a esfera das demandas informais tende a aumentar. Esses três tempos comporiam um conjunto maior chamado *tempo das obrigações*. O tempo de *lazer*<sup>24</sup>, sociologicamente classificado, é aquele que “escapa” desse tempo (Cf. DUMAZEDIER, 1976; PARKER, 1978).

No que tange às mulheres, objeto da nossa pesquisa, o tempo *escapante* seria aquele dedicado as suas livres (de fato) escolhas. A mulher que passa roupa assistindo novela, sociologicamente, não está no seu tempo de lazer. Ela não pode optar pelo que fazer: ela está trabalhando. Pode-se argumentar: ela poderia estar ouvindo música, ou conversando com a vizinha, ou cantando, ou ainda estar satisfatoriamente embevecida pelo prazer dessa atividade deliciosa que é passar roupa. Ainda assim, a atividade em si é compulsória e, portanto, não seria *lazer*. Pode-se argumentar ainda: “mas a mulher tem uma empregada, e ela não deixa a empregada passar roupa porque ela própria adora passar...” Aí sim, a mulher deliberadamente, no seu tempo livre, escolhe passar roupa. Então se configura uma livre escolha, representando *lazer*.

Deste modo, perceber as *dinâmicas do tempo* significa extrapolar os dados quantitativos (o mais comum), compreendendo, na sua grandeza, as atividades que os ponteiros ocultam, muitas vezes veladas nas rápidas transformações e na busca incessante pela moeda e acumulação capitalista. Assim sendo, discorreremos, em seguida, sobre o(s) uso(s) do tempo e a perspectiva de desenvolvimento.

### **2.3 Relação entre desenvolvimento e uso(s) do tempo**

Segundo Rist (2002), a história do desenvolvimento foi constituída ao longo dos anos, perceptível desde a Grécia Antiga, marcada por fortes relações de poder, muita vezes brutais

---

<sup>24</sup> Mascarenhas (2003, p. 207) reflete sobre o tempo para o *lazer*, concebendo-o como uma possibilidade de organização de um tempo e espaço para a prática da liberdade e o exercício da cidadania. Os estudos sobre o lazer terão maior embasamento no próximo capítulo.

com intenções de *civilizar* os povos colonizados. Nesse sentido, perpassa pela composição da Liga das Nações, pautada na intervenção dos países Europeus, pressupondo sua herança para todas as populações; incorporando maiores discussões no período posterior à Segunda Guerra Mundial, com a hegemonia dos Estados Unidos introduzindo relações fortemente marcadas entre os países; e aproximando-se aos dias atuais com a globalização e a sustentabilidade<sup>25</sup> do sistema mundial.

Em torno do desenvolvimento, vale ressaltar que, além de medidas econômicas (inegavelmente existentes), é primordialmente importante levantar polêmicas referentes às peculiaridades dos indivíduos e de onde e como eles vivem. Costa (2002) traz considerações acerca do desenvolvimento mostrando que o desrespeito à diferença e a existência da exclusão interferem na condição de desenvolvimento de determinados grupos minoritários. Como decorrência, fortalece seu posicionamento acerca do desenvolvimento como “[...] busca do bem estar socialmente definido em benefício da totalidade social em todos os seus aspectos.” (COSTA, 2002, p. 3).

O grande desafio é reconhecermos as influências do sistema capitalista e que a necessidade de promover a geração de renda e o crescimento econômico ofusca a visão do que realmente importa no processo de desenvolvimento: a vida das pessoas. Se há *romantismo* neste pensamento, ele advém da tentativa de romper com as referências *naturalizadas*, e perceber que os princípios econômicos não excluem somente aquilo que podemos comprar, podendo excluir as pessoas da própria organização e distribuição do tempo voltado para a reprodução social.

O foco central do desenvolvimento deve estar nas pessoas e seu nível de vida, importando saber que oportunidades os indivíduos têm de acesso à educação, à saúde, ao lazer, enfim, de desfrutar uma longa vida *produtiva* que lhes permita usufruir as benesses de viver, mais do que saber a variação do Produto Interno Bruto (PIB), segundo Oliveira (2002). Por sua vez, Bourdieu (2004), ao discutir a economia dos bens simbólicos, nos traz a existência de outras racionalidades que não a racionalidade econômica, destacando outras possibilidades de cálculo que não seja o econômico, muitas vezes escondidas atrás de números e no emaranhado das relações sociais.

---

<sup>25</sup> O conceito de sustentabilidade mais difundido é o relatório da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento: - Relatório Brundtland: “o desenvolvimento” sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades.” (CMMAD, 1998, p. 46).

A perspectiva aqui adotada de desenvolvimento é sob a forma de liberdades<sup>26</sup>, estando relacionada, como observou Amartyan Sen (2000, p. 17), “[...] com a melhora de vida que levamos e das liberdades que desfrutamos.” A lacuna entre a concentração exclusiva na riqueza econômica e um enfoque mais amplo sobre a vida que podemos levar é uma questão fundamental na conceituação de desenvolvimento. Como observou Aristóteles (2000) logo no início de *Ética a Nicômaco* em 387 a.C., a riqueza evidentemente não é o bem que estamos buscando, sendo ela meramente útil e em proveito de alguma outra coisa.

A utilidade da riqueza está nas coisas que ela nos permite fazer ou mesmo ter. Apesar de que essa relação não se encontra exclusiva, porque existem outras influências significativas em nossa vida e o impacto da riqueza varia conforme estas influências. Expandir as liberdades não só torna mais *ricas* as nossas vidas, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em evidência nossas vontades e influenciando o mundo em que vivemos (SEN, 2000).

A discussão precedente deixa evidente que a visão adotada por Sen (2000) envolve tanto os processos que permitem a liberdade de ações e decisões, como as oportunidades reais que as pessoas têm, dadas as suas condições pessoais e sociais (contextualmente influenciadas). A análise do desenvolvimento apresentada pela autora considera as liberdades dos indivíduos os elementos constitutivos básicos, atentando-se para a expansão das capacidades das pessoas.

As implicações dessas informações para a análise da relação tempo, trabalho e mulheres é que a privação de capacidades elementares pode refletir-se em significativos fenômenos, como a limitação do tempo e a desigualdade entre os sexos sobre a jornada total de trabalho e o tempo despendido em diferentes atividades e atribuições.

Reportando novamente aos estudos elaborados por Dedecca (2004), com relação aos dados acerca do uso do tempo<sup>27</sup>, estes demonstram que a trajetória recente do capitalismo parece não estar produzindo uma redução do tempo econômico e, apesar de toda parafernália eletroeletrônica que caracteriza os domicílios (mais abastados), pouco do tempo livre (fora do econômico) é gasto para reprodução social na organização familiar.

---

<sup>26</sup> Segundo Sen (2000, p. 22), “[...] as liberdades não são os fins primordiais do desenvolvimento, mas também os meios. Liberdades políticas, facilidades econômicas, oportunidades sociais, garantias de transparência e segurança protetora são tipos distintos de liberdades, vistos como uma perspectiva instrumental.” Na visão do desenvolvimento como liberdade, as liberdades instrumentais ligam-se umas às outras e contribuem com o aumento da liberdade humana em geral.

<sup>27</sup> Cf. *Multinational Time Use Study (MTUS)* apud Dedecca (2002b). Fischer, K e Layte, R. *Measuring Work-Life Balance and Degree of Sociability*. Essex: EPAG, 2002. (Working Paper 12).

Nesse sentido, De Grazia (1966, p. 291) questiona a “regra” de que quanto mais maquinarias poupadoras de trabalho aparecem, de mais tempo se precisa. Termina deixando a seguinte indagação: “Se poupa realmente tempo?”.

Existe ampla evidência de que as pessoas nas sociedades industriais avançadas vivem sob a tirania do relógio (DE GRAZIA, 1966). O trabalho da dona de casa pode ser simplificado por máquinas de lavar, os barbeadores elétricos podem reduzir o tempo gasto pelo marido em sua higiene matutina. Mas ao tentarmos avaliar o tempo economizado, em oposição ao tempo de trabalho, devemos lembrar que os próprios objetos mecânicos requerem tempo de atendimento e que exigem tempo de trabalho a fim de se ganhar dinheiro para comprá-los.

Nesse panorama, é possível identificar uma nova *roupagem* para a opressão e exploração do homem, tornando-se prisioneiro do *tempo econômico*, na medida em que, involuntariamente, segue as normas postas pelo capital. Apesar de produzir instrumentos para facilitar e *aumentar* o tempo social da população (coberto de purpurina ou megabytes) torna-os escravos, como nas sociedades passadas, naturalizando o processo. Conseqüentemente impede a oportunidade (incluindo o tempo para isto) de reflexão, de uma população ocupada em melhor distribuir seu tempo, um tempo submisso à constante busca da moeda e do que ela pode agregar.

Ser contra os mercados seria quase tão estranho como ser contra a convivência entre as pessoas (ainda que certas pessoas nos causem problemas ou até mesmo prejuízos). A liberdade de troca e transação é uma parte essencial das liberdades básicas (SMITH apud SEN, 2000). Nesse sentido, para Amartyan Sen (2000, p. 21), “[...] a contribuição do mecanismo de mercado para o crescimento econômico é obviamente importante, mas vem depois do reconhecimento da importância direta da liberdade de troca de palavras, bens e presentes.”

Acontece que a rejeição da liberdade de participar de *atividades desvinculadas do âmbito econômico* é uma maneira de conformar ao cativo da mão-de-obra, e permitir enxergar somente as características oriundas do mercado de trabalho. De modo semelhante, o não acesso aos mercados está entre as privações encontradas por inúmeras populações, e possui um papel básico na vida social destas (SEN, 2000). A finalidade de ressaltar a contribuição do tempo social, muitas vezes negligenciada, não é negar a importância do mecanismo de mercado com todos os seus efeitos, inclusive o de gerar crescimento

econômico; a tentativa aqui exposta propõe um modo mais crítico de ver o que acompanha o mercado, ainda que seja para defender ou instigar discussões.

## 2.4 Relação tempo e trabalho capitalista: o que dizem as mulheres da pesquisa

Marx (1985) discutiu em 1867 que o marco da Indústria moderna é a reestruturação das formas produtivas através da revolução do instrumental de trabalho; apresenta como tal processo vem repercutir sobre o próprio trabalhador e sobre as formas de sua incorporação pela sociedade capitalista. A *compulsoriedade* criada pelo capitalismo através do trabalho e a submissão do homem a este trabalho destacam-se dentro da proposta de análise.

Uma estranha loucura dominou as classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista [...] Essa loucura é o amor ao trabalho, à paixão moribunda que absorve as forças vitais do indivíduo e de sua prole até o esgotamento (LAFARGUE, 2003, p. 19).

Nas palavras acima, mencionadas no final do século XIX, contrapondo o *direito ao trabalho*, é possível notar o repúdio à lógica exploradora daquele momento, em que os indivíduos, além de serem absorvidos pelo desgaste excessivo do meio de sobrevivência, idolatravam o trabalho. O autor supracitado ainda expõe que os padres, os economistas, os moralistas, em vez de reagir contra essa *loucura* que gerava homens cegos e limitados, contribuíram enormemente para a *sacrossantificação* do trabalho.

Sobre esse aspecto, as mulheres entrevistadas nos dizem:

Se o dia tivesse 36 horas eu queria ter mais trabalho! (Entrevistada 09- Professora acima dos 60 anos).

Ah! Eu gosto... Eu gosto porque... Eu não sei! Eu gosto de trabalhar sabe. Eu gosto de sair, de trabalhar, tipo, ficar à vontade no meu trabalho, sabe! Eu sinto, livre pra trabalhar, sinto, sabe! Aquela vontade de trabalhar! (Entrevistada 01 - Serviços Gerais).

É! Eu deixo de fazer tudo por causa do trabalho. (Entrevistada 08 - Administrativo).

Neste sentido, percebemos que o envolvimento das mulheres entrevistadas com o trabalho é algo intenso, e mulheres que ocupam cargos mais elevados, em termos de maior qualificação, tendem a dedicar-se sobremaneira ao trabalho, expondo em algumas falas a associação permanente da Universidade em suas rotinas e, em determinados momentos, demonstram que os próprios familiares repreendem essa situação.

Sempre! Vinte e quatro horas por dia não faço outra coisa... nada... só isso. Ou estou vinculada... Porque a atividade também do sindicato é uma atividade vinculada à Universidade. Quando estou, ou quando eu não estou aqui... ou às vezes eu viajo, faço parte de um evento do sindicato nacional, são também questões ligadas à carreira, discutindo salário, discutindo a... a... o trabalho docente, enfim, tudo que eu faço hoje na minha vida tem vinculação direta ou indireta com a Universidade. (Entrevistada 04-Professora DE)

Então tá! Ele fala que eu sou escrava da Universidade. Porque realmente, eu não sei se é porque, é gostar tanto mais você confunde mesmo. Às vezes é preciso a pessoa te falar até que você tá extrapolando, né! (Entrevistada 07-Professora DE)

As falas acima ratificam o comprometimento excessivo das Professoras DE perante o trabalho. Argumentamos, no capítulo anterior, que o trabalho capitalista significou para a mulher, entre outros fatos, a saída do lar, a ocupação sobre o espaço público e a remuneração. Assim, a inserção das mulheres no mercado de trabalho foi um passo importante para a “independência” feminina, rompendo paradigmas e possibilitando a construção de novos referenciais para a existência de *novas* mulheres. Segundo Scott (1992, p. 84), “[...] poderia ser dito que a história das mulheres atingiu uma certa legitimidade como um empreendimento histórico, quando afirmou a natureza e a experiência separadas das mulheres, e assim consolidou a identidade coletiva das mulheres.”

Também no capitalismo, a dependência econômica deve-se ao imperativo do consumo, à busca da renda para adquirir sempre algo a mais. Na ausência da posse de bens/propriedades, essa compulsoriedade obriga a população à venda da força de trabalho, extrapolando em diversos momentos a ordem da necessidade, ou mesmo mesclando com a própria vida (social, pessoal, familiar) sem que o indivíduo apreenda isto.

Delineando a imposição e a aceitação dos indivíduos frente ao trabalho, e a dominação da superprodução e desigualdade social, Lafargue (2003, p. 37) ironiza dizendo:

Trabalhem, trabalhem proletários, para fazer crescer a riqueza social e as suas misérias individuais, trabalhem, trabalhem, para que, tornando-se mais pobres, tenham mais motivos para trabalhar e para ser miseráveis. Tal é a lei inexorável da produção capitalista. Porque, por prestarem atenção às falaciosas palavras dos economistas, os proletários se entregaram de corpo e alma ao vício do trabalho, precipitam toda sociedade numa dessas crises de superprodução que convulsionam o organismo social.

Lafargue (2003), no final do século XIX, desenvolve e expressa provocativamente o *direito à preguiça*. O autor tinha como finalidade, entre outras, denunciar e impedir que os capitalistas desperdiçassem em ócios, muitas vezes indesejáveis, o fruto do trabalho dos operários; propõe que esse produto excedente fosse aproveitado por todos. Além de justo, seria também o atendimento de uma necessidade econômica, já que obrigaria a reinvestir produtivamente os capitais desperdiçados, o que resolveria a crise de excesso de produção. Foi a primeira vez que se deu ao tempo livre um sentido econômico positivo (LAFARGUE, 2003).

No sentido de criticar o imperativo absurdo do trabalho, Lafargue (2003, p. 43, grifos nossos) também considera que “[...] é necessário que regresse os seus instintos naturais, que proclamem os *direitos à preguiça*, milhares de vezes mais nobres e sagrados do que os tísicos *direitos do Homem* [...]”, elaborados pelos advogados metafísicos da revolução burguesa; que se “[...] obrigue a trabalhar apenas três horas por dia, a enrolar e a divertir o resto do dia e da noite.”

Se a devoção ao trabalho se torna compulsória, impositiva, algumas questões emergem quanto às condições que assinalam sua apropriação na atividade econômica. A partir daí, outro ponto relevante destaca-se para nossa reflexão: refere-se ao processo de alocação do trabalho e suas implicações sobre o tempo de trabalho. Segundo Schumpeter (1984), as condições em que se exerce a ocupação são modificadas constantemente, em razão das mudanças na base técnica e organizacional para maior produtividade, transformando-se em uma alavanca para a acumulação de lucros e valorização da riqueza. O maior rendimento do trabalho (acúmulo) se relaciona com o aumento da produtividade em uma mesma unidade de tempo, expressando, portanto, uma intensificação do ritmo em que ele se realiza. Marx (1985) denominou essa situação como *subsunção real do trabalho ao capital*<sup>28</sup>, colocando que essa

---

<sup>28</sup> Marx (1985), na tarefa de entender a submissão do trabalho ao capital e as transformações nas relações sociais de produção, utiliza dois conceitos para explicar o que chamou de “subsunção do trabalho ao capital”. Num primeiro momento, ele explica essa relação por meio da *subsunção formal do trabalho ao capital*, para depois expor a *subsunção real do trabalho ao capital*. O trabalho é formalmente subsumido (incluído, tornado parte) ao capital quando há uma primeira transformação nas relações sociais de produção, quando o artesão passa a ser um

capacidade do capitalismo de organizar trabalho desproveu o trabalhador do poder de controlar o tempo de trabalho, transferindo-o para a nova classe de homens responsáveis pela administração do processo produtivo.

O depoimento das trabalhadoras da Unimontes elucida algumas demandas da Universidade; as servidoras incorporam essas necessidades e organizam suas funções em prol dessas demandas, extrapolando em diversos momentos sua carga horária, sua função e sua organização perante as obrigações.

[...] agora eu tô aqui, eu tô em reunião... ah!! Eu sou do conselho universitário! Então, enfim, Toda pressão do concurso, ih! Se eu for contar, e são muitas! Infinitas! Todo dia eles me chamam pra alguma coisa. Agora vou participar de uma banca de qualificação, lá no dia 19. E um monte de gente pergunta, ah mais... Aí é o seguinte, como que você não participa. A Universidade te cobra produção, te cobra currículo lates, te cobra... aí você fala, não, isso aqui é importante... [...] Além de tudo, ainda sou vice-presidente do sindicato. Quer dizer isso não tá na jornada de trabalho. Aí se você tem a carreira como algo importante e é a sua carreira. Eu... essa carreira é a minha carreira, eu faço dela minha carreira. (Entrevistada 04- Professora DE)

É porque lá você mexe com a vida do funcional do servidor. Então lá é o quê? Controle de... de... de frequência do pessoal, né, de tá separando por setores. Você tem que saber quem é quem, e tá aonde. Você tá entendendo! (Entrevistada 12 - Administrativo)

Observando as falas acima, foi possível notarmos, no discurso da professora, as distintas atividades que ela exerce na Instituição, desde as relacionadas diretamente ao ensino, pesquisa e extensão, até as atividades de cunho administrativo como o Conselho Universitário e o Sindicato. Neste sentido, podemos deduzir que o tempo dedicado a essas atividades é (assustadoramente) extraordinário, e que, a partir desta fala, é possível enxergar as necessidades destas mulheres em dedicar muito do seu tempo à Universidade, até por que, caso contrário, não conseguiriam cumprir as diversas atividades que executam. Outro ponto

---

proletário. Apesar das transformações no processo produtivo e de uma nova configuração espacial terem surgido com as fábricas, o trabalhador ainda tinha a capacidade de conhecer todos os caminhos da fabricação do produto, mesmo estando submetido, ou seja, mesmo vendendo sua força de trabalho ao capitalista. A subsunção passa a ser real com o advento da primeira Revolução Industrial, na segunda metade do século XVIII. Nesse momento, de acordo com Marx, está completo o processo do conhecimento técnico, que foi transferido do trabalhador para o sistema de máquinas. Essa transferência de conhecimento torna o trabalhador subordinado ao capitalista e, ao mesmo tempo, à máquina. O conhecimento se torna segmentado e o operário não conhece mais o processo produtivo por completo.

relevante refere-se à entrevistada do setor administrativo que materializa no seu discurso a necessidade de conhecer quem é quem, e a sua responsabilidade (principal) se algo der errado.

Assim, outro fragmento do discurso ratifica o comentário acima.

É! Mais aí é o que aconteceu hoje, né! Aí, mais aí, e quando isso dá algum problema, o reflexo é em cima de mim. Igual um levantamento que foi necessário fazer pra atender um departamento, né. Aí fez. Não. Pede fulano de tal pra fazer o levantamento você vai conferir e emitir o documento. Mas aí... aí deu uma diferença, lá, no levantamento que foi feito. Então, sou eu que tem que responder. (Entrevistada 12 – Administrativo)

O compromisso com o trabalho, o perceptível receio acerca do não cumprimento das obrigações, a prestação (ou pressão) das responsabilidades que comprometem o bom andamento da Instituição configuram a carga de trabalho que o mercado, representado pela Universidade, deposita sobre estas mulheres, especialmente as Professoras e Cargos Administrativos. Nesse sentido, este depósito de demandas sobrepõe outras necessidades, administrando o tempo em favor do trabalho, desfalcando as horas necessárias ao descanso e/ou realização de atividades desvinculadas do labor.

Sobre esse aspecto, perguntamos a outra entrevistada o porquê de assumir todas essas demandas, mesmo sabendo que se sobrepunham a outras possíveis experiências que poderia estar concretizando.

Porque eu sou responsável, Cláudia, porque eu sou responsável e muito. Eu aprendi isso aqui dentro, sabe! E eu acho assim, que se alguma coisa lá dentro der errado, a culpa é minha. Entendeu? Por isso que eu estresso, por isso que eu sou ansiosa, então assim, acaba que apesar de eu amar muito o que eu faço, de eu amar muito o local que eu trabalho às vezes isso tá, isso tá, às vezes não, isso tá me prejudicando. Eu sei que está me prejudicando muito. Mas eu não deixo de vir aqui! (Entrevistada 08 – Administrativo, grifos nossos)

Através do depoimento acima podemos constatar os *amoldamentos* que as organizações produtivas impõem (sutilmente) através do trabalho - “*eu aprendi isso aqui dentro*”, e quais as conseqüências que surgem a partir daí, stress, ansiedade e outros malefícios assinalados pela própria entrevistada - “*eu sei que está me prejudicando*”. Outro ponto, demonstrado a partir da fala, foi a paixão, mesmo com os danos, - “*eu amar muito o*

que eu faço, de eu amar muito o local que eu trabalho”, pelo trabalho demarcado anteriormente por Lafargue (2003) no final do século XIX.

A moral capitalista, lastimável paródia da moral cristã, lança a anátema sobre o corpo do trabalhador; toma como ideal reduzir o produtor ao mínimo mais restrito de necessidades, suprimir as suas alegrias e as suas paixões e condená-lo ao papel de máquina gerando trabalho sem trégua nem piedade. (LAFARGUE, 2003, p. 16).

Neste sentido, resguardadas as devidas proporções, onde o exagero e o impacto das palavras proferidas por Paul Lafargue tinham seus interesses ideológicos<sup>29</sup>, podemos identificar a sobreposição do trabalho frente à vida dos trabalhadores e a responsabilidade dos trabalhadores frente ao desempenho do mercado de trabalho.

Assim, corroborando com a idéia anterior, outro registro a respeito do comprometimento de mulheres no que tange o crescimento da Universidade nos chamou atenção.

Então na verdade você tem sobre responsabilidade a pesquisa e a pós-graduação da Universidade embora ela seja ainda, não diria incipiente, mas ela é pequena pelo volume de docentes que tem na Universidade. [...] Mas ela tá em bastante ascensão, e o trabalho que a gente procura é justamente tentar incentivar e mostrar pros docentes e discentes o grande potencial que a pesquisa, no caso a pós-graduação tem. (Entrevistada 11 – Administrativo)

A análise da participação da mulher no mercado de trabalho conduz-nos à identificação de que o capitalismo tem se valido de estratégias diferenciadas para incorporar a força de trabalho, com exposto pela entrevistada acima - o incentivo e a participação (produtiva) dos servidores da Universidade são essenciais no empreendimento e nas conquistas da Instituição. Ademais, o tempo dedicado às pendências do trabalho nos remete a discussões que adentram a esfera privada e invadem o tempo livre das mulheres da pesquisa, sendo recorrente a condução de trabalhos para serem efetuados em casa.

---

<sup>29</sup> Segundo De Masi (2000), Paul Lafargue (16 de junho de 1842 – 26 de novembro de 1911) foi um revolucionário jornalista socialista marxista francês, escritor e ativista político. Ele foi genro de Karl Marx, casando-se com sua segunda filha Laura. Seu mais conhecido trabalho foi *O Direito à Preguiça*, publicado no jornal socialista L'Égalité. Nascido em Santiago de Cuba de família Franco-Caribenha, Lafargue passou a maior parte de sua vida na França, e um período na Inglaterra e Espanha. Aos 69 anos de idade, ele e Laura morreram juntos em um pacto de suicídio.

Mas realmente não tem como levar, porque é muito difícil, só... salvo exceções assim que eu não haveria tempo. Que chegou uma atividade pra eu realizar hoje e o prazo é amanhã, então, o meu dia, que eu não havia me planejado, já tinha outras atividades inseridas, Aí eu... eu... de noite, né, após as meninas, né, às onze horas, aí eu vou executar essa tarefa. Elas já estão dormindo, em que eu já me dediquei, né, no que seria necessário a elas. (Entrevistada 11- Administrativo)

Através da fala da entrevistada supracitada, foi possível percebermos que, apesar da tentativa de organização do seu tempo de trabalho, ainda restam afazeres que necessitam de dedicação em horários extras, de acordo com a urgência e precisão da Universidade e, após as obrigações familiares, dedica-se ao cumprimento de tais tarefas. As obrigações familiares terão destaque posteriormente.

Nessa direção, as mulheres que ocupam cargos de professor e cargos administrativos, merecendo destaque o cargo de professor, dizem levar trabalho para casa constantemente e ocupam parte do seu *tempo livre* em tarefas relacionadas a trabalho.

Eu venho de manhã, venho à tarde, venho à noite... é... eu... no mínimo, no mínimo eu dedico 10 horas por dia, hoje. No mínimo aqui dentro! Porque não é só o trabalho... a universidade você dedica aqui... e cê tá em casa é... corrigindo prova escrevendo, então cê continua na universidade só muda o local, o espaço. Eu diria que a minha dedicação à universidade é um pouco mais, né! Eu sou DE... DE... DE (risos!!). (Entrevistada 04 – Professora DE)

O trabalho, para a referida professora, extrapola o espaço da Universidade, penetrando impetuosamente na casa, no quarto, na hora do almoço, enfim, na privacidade do tempo fora do trabalho, ou que deveria ser externo ao trabalho, de forma *natural*, sem pedir licença, legitimado e endossado pela própria trabalhadora.

Todavia, as mulheres com cargos administrativos dizem levar trabalho para casa somente quando existe a necessidade, e conseguem cumprir suas tarefas no horário de expediente, salvo algum evento da Universidade ou situações esporádicas, como visita de avaliadores, por exemplo.

É só na época do seminário. Porque a cada tempo são atividades que surgem e aí a gente não larga todas as atividades pra cuidar do Seminário, e organização de evento é uma coisa complicada, né! Certificados, anais. Então a gente acaba levando material pra conferir final de semana. (Entrevistada 14 – Administrativo).

Contudo, as mulheres que ocupam cargos de serviços gerais tendem a não levarem trabalho para casa, tendo bem delimitado o tempo de trabalho formal e o tempo fora do trabalho formal. Somente uma das entrevistadas narrou levar um ou outro pano de prato para lavar, em situações eventuais, executando esses serviços junto aos afazeres que ela realiza no ambiente doméstico.

Aqui geralmente eu só levo mesmo pano de prato, né! Toalha... mas isso aí num... num é... num acho que... que final de semana já... já lavo a roupa de casa, então aproveito, já junto tudo, né. (Entrevistada 03 – Serviços Gerais)

Os casos mais freqüentes de cumprimento de trabalhos advindos da Universidade no recinto doméstico e em horários especiais, como finais de semana, destina-se às mulheres que exercem cargos de docente, independentes da titulação ou outros cargos acumulados como coordenação e/ou chefias.

Que professora ela trabalha muito em casa, né! Que por mais que você fique aqui, tem atividades que o ambiente não permite você fazer, né! Corrigir prova, elaborar trabalho, então você não... aqui na Unimontes não tem uma estrutura pra você ter a sua sala reservada pra você pensar, né! Elaborar, então, acaba que as atividades de elaboração de correção você faz em casa. Eu praticamente faço tudo em casa. (Entrevistada 07 – Professora DE)

Sempre tenho. Por que, principalmente as monografias, né, agora mesmo eu tô com uma aqui, e eu, ontem à noite eu comecei ler. Então a gente lê. Solta duas, pega duas. E é uma coisa que a gente não pára. E além disso professor ele é, ele tem que ser um estudioso. Eu estudo todos os dias. (Entrevistada 16 - Professora acima dos 60 anos)

Tendo em vista a complexidade do magistério, assim como a das relações estabelecidas pelas mulheres com a educação (Cf. CHAMON, 1996; DURÃES, 2002), o presente argumento se apropria da idéia de que o tempo livre é ocupado em demasia com atividades vinculadas ao trabalho, especialmente a partir dos depoimentos expostos acima, nos quais as professoras materializam o envolvimento constante com os afazeres de trabalho da Universidade. Assim, sobre essa dedicação sem tempo e espaço, discorreremos brevemente sobre as necessidades criadas pelo capitalismo e as acomodações ocorridas a partir dele.

Lafargue (2003, p. 26-27), ilustrando com bastante ironia a situação capitalista, faz referência a um depoimento feito por Napoleão Bonaparte sobre as *benesses* do trabalho, “[...] quanto mais os meus povos trabalharem, menos vícios terão [...] Eu sou a autoridade e estaria

disposto ordenar que aos domingos, após a hora dos ofícios (religiosos), as lojas estivessem abertas e os operários fossem para o seu trabalho.” Na atualidade, não poderíamos personificar essa fala, mas percebem-se, através dos arranjos econômicos e estruturais, inúmeras possibilidades de análises.

É possível comprar, em grandes centros, refeições ou cimento de madrugada. A ampliação das jornadas de trabalho encontra subsídio na população para a qual *o consumo* exacerbado passou a ser vendido como lazer (DEDECCA, 2004). O funcionamento das atividades em horários especiais enquadra-se para uma população que conhece (ou não) uma ampliação do ritmo e da extensão do trabalho, e passa a ter um período curto (frequentemente finais de semana) para realizar-se pessoalmente (muitas vezes através do consumo) e efetivar suas compras de rotina.

A organização do capitalismo sobre o tempo de trabalho pode ser elucidada na extensão da jornada de trabalho para além do período diurno regulado pelo sol e pelas estações do ano, o trabalho noturno passou a ser uma recorrência no capitalismo. Sob o ideário capitalista, estabeleceu-se o ritmo e a extensão do tempo de trabalho (DEDECCA, 2004). O mesmo autor considera que:

[...] apesar da grande capacidade do capitalismo em revolucionar as condições de trabalho, ele não foi, e continua não sendo capaz de eliminar a necessidade de um tempo necessário para a reprodução social, física e mental dos homens e mulheres trabalhadores. (DEDECCA, 2004, p. 23).

O aumento da intensidade e da extensão das jornadas de trabalho tropeça na necessidade de um período de descanso a ser realizado dentro da duração do dia; ponto que o capitalismo não consegue transformar: mesmo tendo desvinculado a duração da jornada de trabalho das condições naturais (dia/noite), ele não foi capaz de modificar a extensão do dia, permanecendo a duração de 24 horas. O avanço da máquina capitalista criou (e continua) uma tensão na distribuição do tempo entre seu uso para a reprodução econômica e sua utilização para a reprodução social, física e mental (ALBARRACIN, 1999).

Entretanto, é necessário compreender que essa eliminação já não interessa ao capitalismo, já que é justamente nesse tempo de reprodução que ele se perpetua. É válido que se defenda *a melhor utilização* do tempo social, apesar do percurso do capitalismo desaproveitar esta possibilidade, à medida que, ao ampliar e supervalorizar o tempo econômico, *se ignoram os aspectos e as necessidades que contemplam o tempo para reprodução social*. É pensando

nesse tempo social que constatamos a necessidade de construir possibilidades de vivências que extrapolem a ordem econômica e que busquem em outras lógicas a satisfação, a troca mútua de conhecimentos e as possibilidades de se constituir uma vida mais digna e prazerosa.

O tema do tempo livre e do ócio não foi tratado especificamente por Marx. Porém, é interessante reproduzir o parágrafo do terceiro livro de *O Capital*, quando Marx (1973 apud PUIG; TRILLA, 2004, p. 49) apresenta que:

A riqueza real da sociedade e a possibilidade de ampliar constantemente seu processo de reprodução não dependem, pois, da duração do trabalho, mas de sua produtividade e das condições mais ou menos abundantes de produção que se realize. De fato, o reino da liberdade somente começa onde termina trabalho imposto pela necessidade e coação dos fins externos; encontra-se, portanto, além da órbita da verdadeira produção material. Assim como o selvagem tem que lutar com a natureza para satisfazer suas necessidades, para encontrar o sustento de sua vida e reproduzi-la, o homem civilizado tem que fazer o mesmo, sob todas as formas sociais e os possíveis sistemas de produção. À medida que se desenvolve, desenvolvendo-se com ele suas necessidades, estende-se esse reino da necessidade natural, mas ao mesmo tempo estendem-se também as forças produtivas que satisfazem aquelas necessidades. A liberdade, nesse campo, somente pode consistir em que o homem socializado, os produtores associados, regule racionalmente esses seus intercâmbios de matérias com a natureza, ponham abaixo seu controle comum, em vez de deixarem dominar por ele como por um poder cego, e o leve a cabo com o menor gasto possível de forças e nas condições mais adequadas e dignas da natureza humana. Mas, com tudo isso, este sempre será um reino de necessidade. Do outro lado das fronteiras, começa o desdobramento das forças humanas que se considera como fim em si, o verdadeiro reino da liberdade, que somente pode florescer tendo como base o reino da necessidade. A condição fundamental para isso é a redução da jornada de trabalho (grifo nosso).

Quando Marx (1985), no final do século XIX, publicou sua obra *O capital*<sup>30</sup>, o repouso na *reprodução da força do trabalho* não era ainda regulamentado em lei. Sobre esse aspecto Dumazedier (2000, p. 21-22) salienta que, no período da Revolução Industrial, a duração semanal do trabalho situava-se em torno de setenta e cinco horas. Segundo observações de Dedecca (2004), podemos perceber, na atualidade, uma jornada de trabalho (em linhas gerais) de aproximadamente quarenta e cinco horas. Se levarmos em conta as

---

<sup>30</sup> Livro publicado em 1867, que tem como tema principal a economia. A obra de Karl Marx mostra, entre outros, estudos sobre o acúmulo de capital, identificando que o excedente originado pelos trabalhadores acaba sempre nas mãos dos capitalistas, classe que fica cada vez mais rica em função do empobrecimento do proletariado.

Até hoje, as idéias marxistas continuam a influenciar muitos historiadores e cientistas sociais que, independente de aceitarem ou não as teorias do pensador alemão, concordam com a idéia de que para se compreender uma sociedade deve-se entender primeiramente sua forma de produção.

férias regulamentares e os dias santos e festivos sem trabalho, poderemos inferir que, em aproximadamente cem anos, o *tempo livre* do trabalhador elevou-se quase a mil e quinhentas horas por ano. Tal quadro nos permite indagar qual parte dessas horas tem sido ocupada por atividades de lazer e/ou em benefício *pessoal do indivíduo*.

Segundo Mascarenhas (2003), nos últimos anos, mais claramente a partir da década de 1990, a sociedade vem passando por significativas transformações, remetendo a um novo quadro onde a *reestruturação produtiva*<sup>31</sup> interfere significativamente. O mesmo autor sugere que o modelo capitalista criou condições de vida e a necessidade de novas práticas sociais, que auxiliassem a adaptação dos indivíduos à realidade que se impunha. O advento de movimentos sociais, fruto de uma série de acontecimentos políticos e econômicos, reelabora a estrutura social, originando novos hábitos e atitudes, e de fato construindo relações sociais outrora inexistentes.

A abordagem até aqui exposta sobre o(s) uso(s) do tempo nos permite refletir que não existe naturalidade na alocação de seu uso, estando as pessoas sob constrangimento social, tendo pouca ou relativa autonomia de decisão sobre esse processo. *Os tempos* são recorrentemente transformados pelas mudanças econômicas, políticas e culturais que, por conseqüência, regulam sua duração e sua articulação. As implicações desta regulação incorporam para análise a abordagem das mulheres trabalhadoras da Unimontes neste contexto, aproximando aspectos como a desigualdade da utilização *do tempo* em benefício próprio.

---

<sup>31</sup>O processo de modernização e reestruturação produtiva, caracterizado pela introdução da automação microeletrônica e de novos princípios organizacionais (produção e trabalho), está alterando os padrões de emprego industrial, sugerindo sistemáticas transformações na estrutura do emprego, desde a redução do contingente empregado, com criação e destruição de ocupações, à maior exigência de requisitos educacionais e mudanças nas qualificações da força de trabalho (CONSONI, 1998).

### CAPÍTULO 3

## A PRISÃO DO TEMPO LIVRE: CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS MULHERES ENTREVISTADAS

A prisão procede de simples metáfora em torno das dificuldades apontadas pelas participantes do estudo no que concerne ao tempo livre. Contudo, para Foucault (1979), um ponto marcante na história da repressão foi a passagem do método de punição para o de vigilância, em que se percebeu ser mais eficaz vigiar do que punir. Segundo o filósofo, a prisão esteve, desde sua origem, ligada a um projeto de transformação dos indivíduos, algo como tornar o indivíduo útil, dócil e disciplinado através do trabalho.

Nessa perspectiva, discorreremos sobre algumas considerações do aprisionamento do tempo livre de mulheres trabalhadoras da Unimontes a partir do *cárcere* do trabalho formal, as *coerções* do trabalho doméstico e, por fim, dos receios e temores frente à *liberdade* do tempo livre. Assim, pensamos simbolicamente a figura da prisão, ilustrada através dos discursos e das situações vividas por essas mulheres no que tange ao(s) uso(s) do tempo livre.

### 3.1 O aprisionamento do *tempo livre* de mulheres: uma visão panorâmica

Em seus estudos, Porto (2004) ressalta o *Kairos*<sup>32</sup>. Para a autora, Kairos é a conquista do tempo, da liberdade de escolha, do reconhecimento dessas escolhas como possibilidades concretas, de vivenciá-las de maneira prazerosa e concreta.

Kairos é o tempo vivido em coisas que de fato valorizamos, prestigiamos. É o tempo da liberdade que exige alongamento de visão, até para que selecionemos o que está próximo, o rotineiro, o casual, não como uma

---

<sup>32</sup> Em “Um inimigo à espreita”, capítulo do livro *A Liderança feminina no séc. XXI*, a autora cita Stephen Covey, ao propor uma nova forma de utilizar o tempo. Segundo Covey (2001, p. 134), a “A administração tradicional de tempo lida com o crónos, a palavra grega que significa o tempo medido no relógio. Crónos é o tempo linear e em seqüência. Entretanto, existe uma outra maneira de abordar a vida: o Kairos. Aqui o tempo torna-se algo a ser vivido, algo que se agrega valor. Quando perguntamos: Você passou bem o dia?, não estamos nos referindo ao tempo linear daquele dia, mas à qualidade desse tempo. Ou seja, Kairos é o tempo qualitativo.”

imposição alienada ou violenta, mas como uma opção consciente (PORTO, 2004, p. 147)

Apoderar-se do Kairos não é um desafio apenas pessoal, ou de gênero, mas de um sentido existencial mais profundo de uma sociedade e, no caso das mulheres, um desafio bem maior. Porto (2004, p. 147) acrescenta que as discriminações históricas das mulheres somadas às atuais condições de vida (o excesso de responsabilidade e a falta de atenção das políticas públicas) tornam a possibilidade de usufruir o tempo delicado. Destaca, também, a necessidade de não formalizar os espaços e as escolhas, desprestigiando com isto formas eventuais de diversão e descanso, circunscritas no ambiente doméstico. Desde que esta seja uma escolha consciente e passível de conforto, prazer, descanso e outros.

A discussão sobre a jornada de trabalho, tempo e mulheres extrapola as esferas econômicas. Dedecca (2004) considera que, nos países Europeus, o uso diferenciado do tempo entre homens e mulheres casados e com filhos se faz na presença de políticas sociais abrangentes, que garantem, na maioria das situações, regime de horário integral nas escolas e creches para a população. A igualdade no uso do tempo econômico entre homens e mulheres acentuaria mais a diferenciação entre jornadas totais de trabalho segundo sexo, colocando as mulheres em situação ainda mais desfavorável.

Sobre esse aspecto, as mulheres entrevistadas explicitam a demanda de trabalho e o comprometimento com as obrigações informais.

Porque pra mim mesmo muito puxado, né. Eu trabalho aqui, trabalho em casa, lá em casa ninguém faz nada, né! Eu mesmo que faço tudo, lavar, passar, arrumar cozinha. Então... assim, né! (Entrevistada 04 – Serviços Gerais)

É porque cê vê oh, eu mesmo, eu saio lá de casa cinco e meia, né! Cinco e vinte, cinco e meia pra tá aqui seis horas. É às vezes a gente dorme tarde, nem dorme direito, né. Porque assim igual mesmo eu não durmo menos que meia-noite. Que tem hora que a gente pega no sono dá uma hora da madrugada, tá acordada, pra acordar nesse horário, pra ficar acordado o dia todo, é difícil, né! (Entrevistada 05- Serviços Gerais)

Percebemos que as respostas estiveram diretamente relacionadas ao tipo de trabalho desempenhado, que origina diferentes salários e distintas atribuições. As mulheres dos serviços gerais, especialmente, relatam a realização do trabalho doméstico no tempo livre e a divisão desigual destas tarefas, apresentando em algumas falas o excesso de serviço e a

responsabilidade exclusiva na manutenção organizacional da casa. As falas a seguir ratificam a reflexão.

Ah!! Também, lá... na minha casa lá. Mexendo nas minhas coisinha lá, né, coisa de casa. Cê sabe que num é muito pouco, num é fácil também, né! É mais difícil, então. Naquele tempo que cê tá ali, cê tá mexendo ali com uma coisa e com outra. Vai o tempo vai embora, quando pensa que não já tá na hora de sair. (Entrevistada 01- Serviços Gerais)

Ah!! Lavação de roupa, passar, arrumar a casa! **(Risos!!!)** essas coisas que toda mulher faz, né! **(Risos!!!)** que é trabalho de casa é um trabalho rotineiro! **(Risos!!!)** É!! Agora mesmo, lá tá... me esperando! **(Risos!!!)** (Entrevistada 02- Serviços Gerais)

Olha em casa, eu faço mesmo o serviço de casa. O serviço que toda dona de casa faz, lavar, cozinhar... às vezes precisa de levar minha mãe no médico, se a outra irmã não pode, eu levo. (Entrevistada 03- Serviços Gerais)

Lavo, passo, arrumo cozinha! E olho meu menino mais novo, ele tem seis anos, né. Tudo assim, depende de mim. Porque não tem ninguém faz nada! (Entrevistada 05 - Serviços Gerais)

Os registros acima apontam que as mulheres dos serviços gerais encontram-se diretamente envolvidas com atividades de cunho doméstico (lavar, passar, cozinhar, etc.) no seu tempo livre e o auxílio externo como ajuda do marido, filhos, irmãos, se não for ausente, é mínimo, comparado ao contingente de tarefas existentes.

Todavia, também existem mulheres com cargos administrativos e de docência que se dedicam ao cumprimento de tais tarefas. De acordo com elas, mesmo não participando diretamente e obrigatoriamente da execução das tarefas, precisam administrar esse trabalho, os materiais necessários para tal e a regularidade da prestação do serviço.

Que a maioria das atividades da casa ainda é responsabilidade da mulher, né. Então a questão de você manter a... a... dispensa sempre cheia, né, embora eu não cozinhe durante a semana, ou não faça, muitas coisas mas eu... umas coisas eu tenho que tá, né. A questão de tomar conta, né, das pessoas que estão cuidando da sua casa, cuidando da sua roupa, cuidando dos seus filhos (Entrevistada 11- Administrativo).

A entrevistada acima pontua *ainda* a responsabilidade da mulher perante os serviços da casa, onde os encargos *do lar* dependem diretamente da mulher. Acreditamos pertinente

ressaltar que a referida funcionária possui um cargo administrativo e também ocupa o cargo de docente com doutoramento. A respeito dos cuidados com a mãe, ela considera:

[...] eu ia exatamente todos os dias na casa dela (a mãe), levar as meninas pra gente olhar, tomar um café, no final da tarde pra ver como é que ela tá, né. Que ela tem diabete, então tá controlando, pra ver se a alimentação tá tudo direitinho. Se ela tá, né fazendo alguma atividade, né! Pra ela poder tá se movimentando, uma atividade física. Controlando, né, a doença. Agora eu ligo. (Entrevistada 11 – Administrativo)

Quando perguntamos sobre a ajuda nas tarefas domésticas, ela responde:

É! Meu marido às vezes, né, às vezes ajuda aí quando tá muito confuso, aí eu peço pra ele fazer alguma atividade, ele não se opõe também. Mas não é, como se diz, assim, espontâneo, (risos). (Entrevistada 11 – Administrativo)

A partir do depoimento acima, podemos constatar que a mulher ocupa o mercado de trabalho e ainda permanece responsável pelo espaço doméstico, pelos cuidados com os familiares e filhos, enfim pelas tarefas historicamente construídas como *trabalho de mulher*. Neves (2000) salienta que os padrões de socialização e a própria organização da sociedade separam a vida pública e a vida privada, com distribuição desigual das responsabilidades familiares e domésticas que recaem sobremaneira sobre as mulheres.

Neste sentido, de acordo com Sorj (2004, p. 112), o padrão de atribuir as responsabilidades domésticas e familiares aos indivíduos do sexo feminino “[...] constitui uma das principais convergências da experiência feminina independente de qualquer situação familiar e laboral das mulheres.”

Apropriando-nos da reflexão acima e fazendo referência às mulheres envolvidas no estudo, podemos concluir que as entrevistadas, em diferentes ocupações e distintas realidades, (ainda) são responsáveis pela organização da casa, a educação dos filhos e os cuidados com os familiares, em menor ou maior escala, conforme estado civil e número de filhos.

Desta maneira, apesar da intensidade do crescimento da força de trabalho feminina, as pesquisas (Cf. NEVES, 2000) chamam a atenção para a permanência de determinados traços culturais e sociais que impedem uma participação mais efetiva da mulher no mercado de trabalho, conforme discussão do capítulo anterior. A responsabilidade com a família; a execução das tarefas domésticas, que ainda permanecem como obrigação da maioria das

mulheres; a maternidade, com exigência de cuidados com os filhos pequenos, condicionam a participação no mercado de trabalho e tendem a controlar o “tempo livre” das mulheres, muitas vezes preenchidos por tais tarefas.

### **3.1.1 O trabalho formal aprisiona o tempo livre**

As mulheres que ocupam cargos de docentes, especialmente as mulheres com dedicação exclusiva que possuem titulação em nível de mestrado e doutorado, estão presas principalmente às obrigações da Universidade, sujeitas às constantes demandas deste mercado de trabalho como atualização e acréscimo permanente de produção acadêmica (currículo), e atividades que englobam a pesquisa, o ensino e a extensão como um todo.

Na verdade tempo livre são aqueles tempos, assim, mínimos, né. Quando você tem um aniversário, um casamento, pra ir, quando eu preciso ir a Belo Horizonte. Sobra tempo de um seminário, pra apresentar um trabalho. Sempre... é... São sobras... A ponto... A minha mãe fala assim, por que que você não leva sua cama pra Unimontes? Ua! Você tá indo pra Unimontes de novo. Eu falo, ué mãe, que que eu posso fazer? Você podia levar sua cama logo. Você só vem dormir. Como se aqui parecesse hotel. Mora num hotel, aqui você entra e sai e ninguém te vê (Entrevistada 04 – Professora DE)

Custe o que custar eu tenho que dar conta, né. E tem a ver também com o ritmo da Universidade também. A Universidade ela impõe um ritmo, esse ritmo não sou eu que imponho não! Se eu impor meu ritmo, se eu pudesse estabelecer isso, você pode ter certeza que eu não estabeleceria desse jeito. Mas na verdade as exigências que são postas pra mim, são postas externamente. (Entrevistada 10 – Professora DE)

A partir das falas acima, percebemos como a universidade organiza (e muitas vezes impõe) uma dinâmica temporal na rotina das professoras supracitadas. O compromisso com a Universidade, o sindicato, conselho universitário, coordenação de projetos, planejamento, aula, prova, reuniões, CNPq, Plataforma Lattes e inúmeras outras atividades registradas nos depoimentos das professoras ilustrariam essa questão. No entanto, percebemos como sorrateiramente (ou escancaradamente) o trabalho acaba ocupando lugar central das preocupações e dos interesses das mulheres em foco.

Você abre espaço pra sua vida profissional, mas você restringe a sua vida pessoal. Isso sem dúvida, à medida que eu fui é... me qualificando, né, academicamente, meu tempo é reduzido. Até por que existe uma... uma certa cobrança, eu volto como doutora pra Unimontes. Como que eu fico, né... cobrança não é só minha não, cobrança inclusive da instituição, dos pares, do departamento, você não tem como mais ficar com as atividades docentes que você desenvolvia lá quando tava nas especializações, né! Você não tem como, você nem tem como fugir disso. Então é... à medida que você vai qualificando a... a demanda de trabalho, né, que chega até você ela amplia de uma maneira imensa, né! (Entrevistada 10 – Professora DE, grifos nossos)

O depoimento da professora acima é esclarecedor. Grosso modo, à medida que aumenta a qualificação, aumentam as demandas, aumenta o trabalho e se restringe a vida pessoal. A partir do instante que *se naturaliza* esse processo, torna-se apropriado e comum. Neste sentido, De Masi (2000, p. 40) descreve que o tempo livre é “[...] vivido com a mesma seriedade, a mesma atitude, a mesma preocupação com a pontualidade, a mesma pressa com que se vive o tempo dedicado ao trabalho.” Além disso, o cansaço decorrente de um empenho profissional excessivo desestimula a participação ativa nos esportes, no convívio com a natureza, na leitura, nas artes, induzindo a participação passiva de jogos pela TV ou de filmes assistidos em casa, como diz De Masi (2000, p. 40), “[...] observação inativa das hábeis atividades dos outros.”

Todavia, se por um lado, as professoras registram não demandar tempo para a execução de tarefas domésticas como lavar, passar, enfim, desempenhar tais funções, elas apresentam uma demanda excessiva de obrigações (trabalho formal) que obstruem outras experiências a partir do tempo livre. Por outro lado, não executam tais tarefas (cozinhar, passar entre outras) de forma categórica (às vezes almoçam fora, mandam roupas para lavanderia), mas administram alguma funcionária (ou diarista) e são responsáveis diretas pela esfera doméstica, exceto aquelas que moram com os pais e não têm filhos.

As mulheres que ocupam cargos Administrativos apresentam pontos comuns com as Professoras DE. Os serviços desempenhados pelas entrevistadas são cobrados “*a tempo e hora*” (Entrevistada 12 - Administrativo) e demandam bastante esforço das trabalhadoras como operacionalização dos sistemas de informação, trabalho de equipe, relatórios, cursos de reciclagem, entre outros. Assim, assemelham-se às professoras quanto às constantes demandas e obrigações oriundas da Universidade. Entretanto, o excesso de tarefas é administrado no próprio ambiente de trabalho, salvo algumas exceções como eventos e pendências urgentes (ocasionais).

Porque eu sempre falo. Depois que você coloca o preto no branco, e você não está assinando por você e você está assinando pela universidade. É uma responsabilidade muito grande, né! Tem dia que eu tenho que tá aqui oito horas, já sabe que se precisar de mim aqui oito horas, né, marca uma reunião. Aí eu venho para a reunião, mas a minha rotina de chegar não é oito horas, somente quando precisa. (Entrevistada 12 – Administrativo)

Bom! No final de semana, dependendo de como foi a semana, às vezes no sábado eu tenho que vir aqui pra poder fechar alguma coisa que ficou, né! Ou então eu levo alguma coisa pra casa. De repente um relatório ou uma ata de reunião alguma coisa assim. Mas não é sempre! (Entrevistada 08-Administrativo)

Neste sentido, tanto o cargo administrativo como o cargo de professor exigem uma grande dedicação. No entanto, importa-nos ressaltar como o *trabalho* compromete o *tempo livre* das professoras e, em menor grau, das mulheres de setores administrativos. E, neste sentido, retomando uma discussão elementar, as mulheres professoras e em funções administrativas, também pontuam, para além do trabalho formal, atividades vinculadas ao lar, cuidados com filhos e familiares.

Eu diria que sim, porque é no que diz respeito às atividades ligadas a seus afazeres, né, os seus compromissos, com o cotidiano da sua casa e da sua família, eu acho que grande parte ainda recai sobre a mulher. Uma grande parte, né! É! Por mais, principalmente nós, né, mulheres que trabalhamos no ensino superior que somos emancipadas, né, profissional... é... financeiramente, mas essa a... administração da casa, né, eu vejo comigo e vejo com minhas colegas, né! É muito ainda, muito centrada, né! No meu caso tem um agravante que é um marido muito ausente, ele viaja muito então assim a administração da casa fica pra mim. Eu falo que ele é o arquivista da casa porque ele é ótimo pra isso. (Entrevistada 10 – Professora DE)

Porque o tempo livre que eu tenho... é o tempo que eu tenho que dar atenção ao filho, de estudar, né! Colocar em dia as minhas atividades. Olha, eu faço supermercado. Que assim cuidar da casa eu tenho uma pessoa que faz isso, né! Cuidar da casa. Tem a lavadeira, leva a roupa pra lavadeira. Então essa coisa de tá dentro de casa até que eu não tenho muito esse compromisso, não. É só mais de organizar, né! Pedir pra fazer uma coisa e outra e tal! Mais é mais o supermercado, o sacolão, né. Ou então, às vezes no sábado eu tiro pra resolver essas coisas, né! (Entrevistada 06 – Administrativo)

A fala da professora acima nos remete ao compromisso da mulher frente às tarefas de casa, principalmente com a ausência do marido que, de acordo com a entrevistada participa da organização, “do pensar” das atividades. Também a trabalhadora do setor administrativo

acima cita, entre outras tarefas, o cuidado com a casa e o compromisso com o filho. Ou seja, as relações estabelecidas com o domínio doméstico ainda permanecem. Segundo Neves (2000), os desafios das novas trabalhadoras está sendo lidar com a dupla jornada de trabalho, na qual a educação dos filhos e as tarefas domésticas ainda permanecem, na sua maioria, como de responsabilidade das mulheres.

Neste sentido, o cárcere do *trabalho formal* abre espaço para a algema do *trabalho doméstico*, no qual as mulheres dos serviços gerais ganham realce. Embora haja prevalência dessas trabalhadoras no cumprimento das tarefas domésticas, as mulheres (professoras e setor administrativo) também discorrem sobre a conciliação das tarefas domésticas com o trabalho produtivo, muitas vezes sublocadas para mulheres que prestam tais serviços, representadas pela figura da empregada doméstica. Assim, daremos continuidade ao presente construto, abordando a demanda do trabalho doméstico na rotina das mulheres do estudo.

### **3.1.2 A prisão do trabalho doméstico**

Um elemento importante na construção da pesquisa refere-se às atividades exercidas no *tempo livre* no universo feminino, demarcado por valores culturais e sociais que definem os lugares dos homens e das mulheres, não só diferenciados, mas desiguais.

De acordo com Sorj (2004, p. 107), “[...] o trabalho remunerado e o trabalho não-remunerado, realizado comumente por mulheres na esfera privada, são duas dimensões do trabalho que se encontram intimamente ligadas.” Ainda, segundo a autora em pauta, muitos autores concordam que a participação masculina nas rotinas domésticas vem aumentando, entretanto o ritmo da mudança é extremamente lento. Podemos especular que esta esfera, mais do que qualquer outra, expressa o valor cultural de que o principal compromisso das mulheres seja com a família e, com esse “novo jogo”, os homens não teriam interesse em mudar sua posição na esfera doméstica, pois, simplesmente, não teriam nada a ganhar (SORJ, 2004).

Como mencionado anteriormente, o padrão de atribuir as responsabilidades domésticas e familiares aos indivíduos do sexo feminino constitui uma das principais

convergências da experiência feminina das trabalhadoras da Unimontes envolvidas no presente estudo.

A gente tem que trabalhar dobrado porque é dupla jornada. Você trabalha na rua, chega em casa você tem que cuidar de tudo ainda, 2 filhos pequenos, aí é dureza. Mas deu pra levar. É brincadeira, não. Você chega à noite você tem que cuidar de tudo que você não fez durante o dia, né. É uma dupla jornada. (Entrevistada 09 - Professora acima dos 60 anos)

Então você tem que tá, né, de acordo com isso. A questão da saúde, dos filhos, educação a... o... os cuidados que necessita no dia-a-dia, é... Somos, e, né, as mulheres de uma maneira que executam. Ver se comeu, o que que comeu, o quanto comeu, né. A noite sou eu que cuido da alimentação, sou eu que dou banho, eu que faço as tarefas, né. (Entrevistada 11- Administrativo, grifos nossos)

A dupla jornada de trabalho fica explícita na fala da Professora acima dos 60 anos, evidenciando as dificuldades enfrentadas por mulheres que, além de encarar o mercado de trabalho, se desdobram nas obrigações de casa e dos cuidados com os filhos. No mesmo sentido, a entrevistada acima, do setor administrativo, materializa o discurso da jornada de trabalho em casa, demonstrando ser a principal responsável na educação e nos cuidados dos filhos.

Afirma Izquierdo (1988) que homens e mulheres podem diferenciar-se em dois grupos, seguindo como critério *o sentido e o uso do tempo*. A diferença básica está no *caráter contínuo do tempo* das mulheres (salvando as distâncias entre categorias socioeconômicas, idade, atividade, nível de estudos e outros) sem diferenciação alguma entre os dias laborais e festivos, entre trabalho e ócio. Continua explicitando que o tempo de mulheres tem um valor de uso que não se consome nem se vende, se *apropria*; isso, de maneira plural. Com relação aos homens, Izquierdo (1988) coloca que suas partes são mais homogêneas do que as das mulheres; se ajustam com intensidade distinta a um modelo básico dentro do qual o tempo tem a qualidade de mercadoria intercambiada por dinheiro e/ou por ócio, trocando produção por consumo, significando um *tempo descontínuo*.

Neste sentido, sobre as características do tempo livre, outra entrevistada comenta:

Então às vezes eu até gostaria de ir... sei lá... tá fazendo alguma outra coisa. Ir pro shopping! Ou então, não sei, fazer uma caminhada. Ah! Meu marido agora tá andando de bicicleta, ele faz umas trilhas, tá adorando. Aí ele pega a biciletinha e vai. Meu bem, você precisa ir... é... e o José fica com quem?

Meu menino! Eu vou deixar ele sozinho aí ou jogo dentro da lata do lixo? (RISOSS) Entendeu? Então o compromisso com a família influencia mesmo. Porque eu não tenho coragem de pegar a bicicletinha e sair. Que eu fico com dó de deixá-lo, que é a hora que eu posso tá com ele, né! (Entrevistada 06- Administrativo)

A referida trabalhadora acima desenha o *caráter contínuo* do tempo das mulheres, utilizado para “o cuidar” do filho. Mesmo querendo realizar outras atividades, ela esbarra na “função” de mãe-mulher, quem fica com o filho? Afirma ainda não ter coragem de deixar o filho nas horas que pode dedicar a ele, mas deixa claro que o marido já saiu para andar de bicicleta, caracterizando o *caráter descontínuo* exposto por Izquierdo (1988).

O entendimento sobre o *tempo econômico* também se torna fundamental para diminuir a diferenciação entre homens e mulheres no mercado de trabalho; entretanto este entendimento deve levar em conta as demais *formas de uso do tempo* que, em geral, são adversas para as mulheres. Boa parte do que se conhece sobre as mudanças das jornadas de trabalho são referentes à geração de empregos ou à melhor utilização da capacidade produtiva, não fazendo menção de seus efeitos sobre as demais formas de utilização do tempo. No universo da pesquisa, as mulheres professoras com dedicação exclusiva e as mulheres professoras acima dos 60 anos retratam essa situação.

Eu não tenho tempo livre. Eu me matriculei na academia esse ano. Fui duas vezes. Aí depois eu comecei a dar aula no mestrado, que era à tarde, não fui mais. À noite eu dou aula, não fui. De manhã eu tenho aula. Assim não tenho tempo livre. Na verdade tempo livre são aqueles tempos, assim, mínimos, né. Quando você tem um aniversário, um casamento, pra ir, quando eu preciso ir a Belo Horizonte. Sobra tempo de um seminário, pra apresentar um trabalho. Sempre... é... São sobras... A ponto... A minha mãe fala assim, por que que você não leva sua cama pra Unimontes? Ua! Você tá indo pra Unimontes de novo. Eu falo, ué mãe, que que eu posso fazer? Você podia levar sua cama logo. Você só vem dormir. Como se aqui parecesse hotel. Mora num hotel, aqui você entra e sai e ninguém te vê. São essas cobranças, assim. (Entrevistada 04 – Professora DE)

E aí você não tem descanso, de jeito nenhum. E no sábado e no domingo você vai cuidar das coisas que você tem que fazer durante a semana. Planejamento das atividades que você tem que fazer durante a semana. (Entrevistada 09 - Professora acima dos 60 anos).

Começamos por examinar a fala da Professora DE acima, na qual se descreve que o tempo livre são aqueles momentos mínimos, quando existe um *compromisso* festivo, quase que na totalidade vinculado aos aspectos do trabalho formal. No mesmo sentido, o

depoimento da professora acima dos 60 anos corrobora com essa situação: ocupam o final de semana com atividades (de trabalho) que serão executadas no decorrer da semana, destinando seu *tempo livre* às necessidades cabíveis para tal planejamento. Assim, consideramos que, no tempo da informalidade existe a presença do trabalho formal, registrado por afazeres correspondentes ao trabalho formal, ou ao “nó” que impede distinguir outras experiências fora dessa perspectiva.

Todavia, acreditamos que através das práticas cotidianas seja possível meditar a *igualdade de oportunidades*, refletidas para além do trabalho formal, apreendendo a atribuição prioritária das mulheres ao trabalho doméstico e a fraca participação masculina neste sentido. Permite também colocar em destaque a enorme distância existente entre o critério igualitarista que fundamenta a aspiração das mulheres e a pronunciada desigualdade que caracteriza as práticas sociais no contexto doméstico.

As mulheres dos serviços gerais ganham evidência na realização de afazeres domésticos no tempo livre, pois a condição econômica não possibilita o contrato de outras pessoas para a execução de tais tarefas, e a má distribuição destas atividades sobrecarrega as entrevistadas. Quando perguntamos quais atividades são realizadas no tempo livre, elas respondem:

Ah!! Lavação de roupa, passar, arrumar a casa! (Risos!!!) essas coisas que toda mulher faz, né! (Risos!!!) (Entrevistada 02 – Serviços Gerais)

Lavo, passo, arrumo cozinha! E olho meu menino mais novo, ele tem seis anos, né. Tudo assim, depende de mim. Porque não tem ninguém faz nada! (Entrevistada 01 – Serviços Gerais)

Conforme os depoimentos acima, podemos constatar que as entrevistadas dos serviços gerais possuem diretamente obrigação na organização da casa, determinante na rotina dos pares que precisam comer, vestir e dormir. O trabalho descrito por elas é mal disseminado e pouco valorizado pela sociedade e pelos próprios familiares. Outra entrevistada corrobora para a reflexão:

Só eu mesmo! Eu estava falando esses dias que mulher, é... era uma pessoa que teria que ganhar muito bem! Que assim, o que cê trabalha. Igual assim, cê trabalha fora, cê trabalha dentro de casa. Ontem mesmo eu estava comentando com o pessoal lá em casa. Que dentro de casa você trabalha muito mais e ninguém valoriza. (Entrevistada 05 - Serviços Gerais)

A partir da fala da entrevistada acima, retomaremos brevemente considerações a respeito do trabalho de mulheres, sendo pertinente ressaltarmos os trabalhos realizados pelas mulheres no decorrer da história, no espaço privado e público.

Como mencionado anteriormente, o debate, mais claro, das questões pertinentes às trabalhadoras no mercado de trabalho só foi contemplado no final da década de 1960, como resultado das reivindicações do movimento feminista. Assim, de acordo com Silva (1997, p. 237), o perfil da classe operária passou a ter dois sexos, sendo que as condições desvantajosas nas quais as mulheres trabalhavam foram intensificadas. Elas estavam atreladas a tarefas pouco qualificadas, discriminadas quanto à remuneração e à possibilidade de promoção. A mulher foi e/ou é explorada duplamente, no espaço público, assalariando-se, e no espaço doméstico, cuidando de tarefas feminilizadas. Os estudos referentes às condições femininas foram aos poucos se associando a um universo abrangente, à posição da mulher na família e na sociedade, relacionando-se às esferas pública e privada (SILVA, 1997).

Muraro (2002) pondera que a situação das mulheres no que se refere à sua exploração sempre esteve presente na história social, mas que foi a partir da sociedade burguesa que foram criadas condições para que se organizassem contra uma ideologia patriarcalista<sup>33</sup>.

A sociedade sempre precisou do trabalho da mulher para se manter e sobreviver, um forte motivo para que elas saíssem do espaço privado (reprodutivo) para o público (produtivo) à procura de melhores condições de vida. Durante o período industrial não foi diferente, porém agora, face ao ideal feminino, são estigmatizadas. É relevante recordar que a supressão da importância feminina pelo masculino não surge com a sociedade de classes, mas com o milenar patriarcalismo supracitado (SILVA, 1997). Almeida (2000) enfatiza que o patriarcalismo baseou as estruturas da sociedade rural, permanecendo na industrial e deixando sérias raízes para a pós-industrial.

Ainda segundo Almeida (2000), as mulheres não passam a trabalhar fora de casa com o e por causa do advento capitalista, historicamente as mulheres pobres já deveriam realizar atividades no espaço público - mesmo não sendo considerado trabalho - para a manutenção de

---

<sup>33</sup> O patriarcalismo, que tem a característica de estabelecer o poder masculino, é resultado de um processo histórico que pressupõe condições ideológicas para seu estabelecimento e manutenção. Nas sociedades patriarcais, o masculino e o feminino são tidos como superior e inferior. Essa construção baseia-se em diversos sistemas filosóficos e nos mitos de origem dos seres humanos construídos por várias civilizações. É da relação patriarcal que o homem emerge como principal ganha-pão familiar e a mulher como trabalhadora complementar — tendo na reprodução da família seu principal campo de atividades, partindo daí a própria construção de sua identidade. (PENA, 1981).

suas famílias. O sistema capitalista apropriou-se de uma tradição patriarcal que explorava as mulheres e que era conveniente para aumentar sua acumulação. Podemos deduzir que o trabalho, além de ser importante economicamente, também é fundamental para a formação de uma identidade para grupos sociais e, a partir de determinadas características, desdobram-se outros aspectos decorrentes de tais características.

Assim, consideramos que a sobrecarga da responsabilidade doméstica, especialmente no que tange às mulheres dos serviços gerais, limita o usufruir o *tempo livre* e, por consequência, o tempo disponível para práticas de lazer. Para somar as dificuldades vivenciadas pelas mulheres da pesquisa, outras peculiaridades tornam-se presentes, como a questão da maternidade e o estado civil.

[...] ela (a mulher) trabalha fora, mas ela não tirou essa responsabilidade da casa dela. Ela que sempre continua sendo a mulher de... é... responsável pela casa, né! Trabalhadora responsável pelas tarefas pertinentes a ela. [...] É que eu num sou muito de sair de casa, sabe! (risossss!!!) Eu sou casada com os filhos!! (risossss!!!!) (Entrevistada 03 – Serviços Gerais)

A condição civil e a presença dos filhos também contribuem para a limitação do tempo livre das mulheres. Dedecca (2004) traz mais detalhes acerca do assunto e ressalta um dado relevante, expondo que o menor tempo livre é observado para as mulheres e, em especial, para aquelas com filhos com até 15 anos. Continua a considerar expondo que, no caso dos homens, encontra-se um tempo econômico pago mais elevado e tempos não pagos e para a organização familiar menos intensos. Situação contrária é percebida para as mulheres que possuem um tempo econômico pago menor, mas realizam jornadas mais extensas de trabalho não pago e na organização familiar. As mulheres casadas e com filhos entre 07 e 17 anos apresentam tendência a realizar uma jornada de trabalho total (isto é, trabalho pago mais trabalho em atividades de organização familiar e domiciliar) mais elevada que homens em igual situação.

De forma ilustrativa, o depoimento da trabalhadora dos serviços gerais delinea os comentários de Dedecca (2004), relatando vivenciar e perceber essa situação no cotidiano.

[...] dentro de casa você trabalha muito mais. Trabalha o dobro, porque aqui assim, pelo menos assim, empurra muito trabalho porque assim, cê tem aquele horário, de entrar e de sair. E dentro de casa, não. Você corta direto e se facilitar entra pra noite adentro e aí é só cansaço mesmo, né! Eu acho

assim que podia ter uma remuneração, né, pra... pra dona de casa, né! E principalmente a gente que trabalha fora, né, é muito assim, eu mesma tô ficando muito cansada, sabe!” (Entrevistada 02 – Serviços Gerais)

Além do trabalho em dobro, exposto pela entrevistada acima, ela expõe a falta de remuneração para o desempenho de tais serviços e, como decorrência, o desgaste físico e a percepção de não parar de trabalhar, em *todos os tempos*.

As limitações da organização do tempo livre tornam-se ainda mais evidentes para as mulheres que possuem filho(s). Neste sentido, é necessário ressaltar que, das dezesseis mulheres entrevistadas, nove mulheres possuem filhos; sendo o número máximo de filhos (três) pertencentes a uma mulher dos serviços gerais, que se considera casada com os filhos e arrimo de família.

É o meu caso que ainda são mulher e homem dentro de casa, né! Eu assumo as duas responsabilidades, né. No sentido assim que eu que sou arrimo de família. (Entrevistada 02 – Serviços Gerais)

Apesar do depoimento da servidora dos serviços gerais registrar sua condição de mãe/pai e de único sustento da família, limitando sobremaneira seu tempo livre, a questão da maternidade parece influenciar o tempo livre de todas as entrevistadas da pesquisa com filhos, como a seguir:

E aí quando você tá ali mãe, né, então aí você já tem que dosar mais, né. Então eu acho... Não sei se poderia falar que dificulta, né, mais assim, você já não tem tanta disponibilidade quanto antes, né. Então a profissional mãe, né, ela tem que dosar aí. Dá pra ser uma ótima profissional e uma mãe (risoss!!) nem sei se ótima, né. Que a gente fica sempre naquele sentimento assim. Oh, meu Deus podia ficar um pouco mais com meu filho! Não sei se você já é mãe! (Entrevistada 06 – Administrativo)

Nesta direção, dentro do grupo de mulheres trabalhadoras da Unimontes, podemos constituir um subgrupo de mulheres com filhos (correspondente a nove participantes) para facilitar a análise em seguida.

Somente quatro mulheres, das nove entrevistadas que possuem filhos, sinalizam a participação efetiva dos pais nos cuidados básicos<sup>34</sup> dos filhos. O restante das mulheres narra que a participação paterna acontece quando elas solicitam.

Nuns tempos aqui atrás eu diria que eram os filhos. Porque tinham muitos filhos piqueno, né, somente eu para cuidar. (Entrevistada 01 - Serviços Gerais).

Aí eu saio duas vezes por semana pra fazer o inglês, por duas horas, aí nesse período meu esposo fica com elas. Né! Pelo menos verificar se tá tudo ok. Se não tem problema nenhum. (risos!) (Entrevistada 06 – Administrativo).

Porque o tempo livre que eu tinha era o tempo que me sobrava, era o tempo que eu tinha que dar atenção ao filho, de estudar, né. (Entrevistada 10 - Professora DE).

As falas acima possuem a intenção de assinalar que, independente do cargo ocupado na Instituição, o fato de ser mãe exige uma dedicação considerável do universo feminino, ainda sendo função essencial *de mulheres* e implicando diretamente no tempo livre das entrevistadas. Porém, as especificidades de cada cargo, principalmente pelo fator econômico, contribuem para a restrição ainda maior desse tempo. As mulheres com menor remuneração não conseguem pagar o serviço de *outras mulheres* para suprir a ausência da mãe nos cuidados dos filhos, e os pais, quando presentes, dedicam pequena parcela do seu tempo para os filhos, sendo o maior montante destinado às mulheres.

Em linhas gerais, as mulheres que não possuem filhos dedicam-se ao trabalho e em alguns momentos questionam o limite entre a vida profissional e a vida pessoal. Entretanto, existem aquelas que sabem dividir o tempo de trabalho das outras esferas, conseguindo, assim, impor limites e usufruir o *tempo livre* em atividade fora do trabalho. Sobre o fato de ser mulher e estar solteira, a professora abaixo se diverte:

Você é solteira. Eu falo: - Pelo contrário, pra mim é muito mais difícil. Por que além de estudar para o doutorado e tudo eu ainda tenho que preocupar com a minha aparência, eu ainda tenho que preocupar com a roupa, eu ainda tenho que me preocupar em fazer unha. Que eu ainda tenho que arrumar um marido, né. Então... (risos!!) (Entrevistada 13 – Professora DE)

---

<sup>34</sup> Entendemos cuidados básicos como a higiene, a alimentação e a educação dos filhos.

A partir dessa fala, podemos perceber que a Professora DE em destaque convive com situações em que a cobrança de ter um marido e da constituição da família se faz presente, discorrendo durante sua entrevista sobre a dificuldade que as pessoas possuem em compreender que o fato de querer estudar não implicou em resistir (ou não ter) um relacionamento e, assim, poder futuramente possuir um marido. Complementa seu discurso, dizendo:

Eu fiz uma opção, antes de eu entrar pra Universidade, eu fiz uma opção por não querer casar naquele momento, sabe! E foi a escolha que eu fiz. Depois as opções que eu tive não valia tanto a pena assim. Isso pra mim é muito tranquilo, muito tranquilo, mesmo (Entrevistada 13- Professora DE).

Ademais, apesar de o aspecto acima ser recorrente na vida de mulheres com este perfil, a presente pesquisa se mostra limitada para estender essa discussão e restringe-se a ressaltar a melhor administração do *tempo livre* por parte das mulheres solteiras, sem filhos e que conseguem delimitar atividades do *trabalho formal* do restante do(s) seu(s) tempo(s).

Olha eu fazia isso é... antes de fazer o doutorado. Sabe! Eu acho que o doutorado foi um tempo muito bom na minha vida pra eu repensar minha prática de vida, minha qualidade de vida também. Eu tinha mania de pegar o que os meus colegas não davam conta, eu pegava levava pra casa e fazia. Hoje eu não faço isso mais. Sabe?! Eu faço o que eu dou conta. Dentro do limite possível. Eu tenho as minhas possibilidades, eu tenho as minhas limitações. (Entrevistada 13- Professora DE)

A Professora DE acima apresenta, no decorrer do depoimento, seus aprendizados quanto à administração do tempo, os prejuízos oriundos do excesso de trabalho e a decisão de não viver em função do trabalho formal, mesmo ressaltando a importância do trabalho no seu cotidiano. Neste sentido, ela discorre:

Sabe! Que que realmente eu quero? Né! Eu não vivo em função do meu trabalho. O meu trabalho é uma parte da minha vida que é importante sim. É muito importante, mas não é... eu não vivo em função do trabalho. Eu tenho outras atividades. Eu tenho outras coisas que eu gosto de fazer. A YOGA, eu faço YOGA, não... Deu quinze pras seis. Minha aula de Yoga é seis horas, eu saio daqui e vou pra minha Yoga, se eu tiver outro compromisso, eu volto depois das sete. E termino minha atividade. Cê entendeu? Mas eu não quebro por causa disso. (Entrevistada 13 – Professora DE)

A Professora DE acima se diz uma “- *pessoa de vida simples*”, e complementa dizendo que possui resquícios do excesso de trabalho, apresentado sob forma de fibromialgia<sup>35</sup>. “-*Tenho fibromialgia, devido ao excesso de preocupação e por não ter sabido o hora de parar.*” Enfim, essa professora de vida simples demonstrou um grande domínio do seu tempo e, apesar das suas atribuições como chefe de departamento e outras, consegue organizar e planejar o período para todas as suas atividades. Terminou a entrevista dizendo: “- *Nem sempre foi assim, mas nem por isso eu permiti que precisava ser daquele jeito.*”

Doravante, realizaremos uma reflexão a partir das professoras acima dos 60 anos, em que o tempo livre aparece como algo “*inevitável*”.

### **3.1.3 O outro lado do *tempo livre*: em que sentido fugir, para ou da prisão?**

O grupo selecionado de professoras acima dos 60 anos decorreu de intencional interesse. Partimos da hipótese que mulheres com idade suficiente para solicitar a aposentadoria<sup>36</sup> temem o tempo livre fora do trabalho, por receio do tempo ocioso, das relações que existem no ambiente doméstico como tarefas vinculadas aos cuidados da casa ou dos familiares e a perda do contato com a *vida produtiva*.

Quanto ao trabalho formal, perguntamos o motivo de estarem trabalhando e quais as implicações para aposentadoria. Neste sentido, das quatro Professoras acima dos 60 anos, uma entrevistada respondeu que, se tivesse mais trabalho, de mais trabalho ela gostaria, e teme a depressão após tantos anos de trabalho.

---

<sup>35</sup>Síndrome da fibromialgia (SFM) é uma condição de dor crônica, generalizada e de difícil tratamento, com importante prevalência na população geral. A fibromialgia é mais do que um estado de dor músculo-esquelética crônica, porque a maioria desses pacientes também experimenta fadiga, distúrbios de sono, dor visceral, intolerância a exercícios e sintomas neurológicos. É uma síndrome caracterizada mais por sintomas, sofrimento e incapacidades do que por alterações orgânicas estruturais demonstráveis, podendo fazer parte do grupo de síndromes funcionais. (JACOMINI, 2007).

<sup>36</sup> O site da previdência social dispõe sobre aposentadoria por idade o seguinte: Quanto à idade para se requerer a aposentadoria por idade, hoje (fevereiro/2008) de 65 anos para homens e de 60 anos para mulheres. Hoje (fevereiro/2008), os homens contribuem por 35 anos e as mulheres contribuem por 30 anos. Disponível em: <<http://www.previdenciasocial.gov.br>>.

[...] Quarenta e cinco de magistério... trinta anos de Unimontes! É muito triste, trabalhar a vida inteira, né. Depois ficar de lado. Sem serventia. Tem medo dessa data. E é o que todo mundo vai, passar, né! Provavelmente todo mundo vai passar por isso. Eu temo ficar depressiva. (Entrevistada 09 - Professora acima dos 60 anos)

Apesar do depoimento da referida entrevistada ter sido rápido, ficou explícito que possui receio de aposentar-se e não conseguir administrar a vida sem o trabalho. Stucchi (1998) define o período da pré-aposentadoria como um momento em que cada pessoa deve começar a planejar uma nova etapa na vida e a decidir, em função dela, a melhor hora para se aposentar. Fica claro concluir que se trata de um período que, em sua essência, já traz a idéia da espera da aposentadoria, momento em que as expectativas habitam grande parte dos pensamentos e sentimentos.

Apesar do tema da pesquisa não se aprofundar em expectativas da aposentadoria, percebemos que as professoras acima dos 60 anos são engajadas na estrutura da Universidade para além do cargo de docente, sendo uma entrevistada coordenadora de projeto de extensão vinculado ao Governo Federal, duas subcoordenadoras do projeto de Educação à distância, apoiado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Norte de Minas (FADENOR) e uma mulher encontra-se como chefe de departamento da Unimontes. Em suma, essas mulheres encontram-se ativamente vinculadas às estruturas da Instituição e relatam a dificuldade de romper esses laços.

Que aqui eu já ocupei todos os quadros. Sou professora, amo ser professora, mas já fui chefe de departamento muitas, ou muitos períodos. Coordenação de curso várias... vários períodos. E por último, o último caso fui professora do centro de... Desse Centro! Eu ocupei todos esses cargos, não foi simplesmente porque eu concorri. Foi talvez pela construção, e pela... pela amizade e a quantidade de pessoas que são ligadas e que trabalham juntamente comigo. Eles me elegeram é... a direção foi o próprio reitor que me elegeu pelo meu trabalho. Eu já fui homenageada, é... com medalhas dentro da Unimontes. Com títulos. Enfim, entendeu? Eu sou uma pessoa que eu construí um trabalho, eu construí, eu participei da construção da Unimontes. A cada consulta, todo processo de estadualização, isso eu fiz parte. Sempre eu fiz parte dos trâmites, desses momentos da Unimontes. (Entrevistada 16 – Professora acima dos 60 anos)

A entrevistada acima mescla a história da Unimontes com a própria história profissional, considerando difícil, após todos os anos dedicados à Instituição, desvincular-se da Universidade. Mas, acrescenta que os papéis da aposentadoria já estão correndo.

Por isso que eu falo que a Unimontes tá dentro de mim. E que aos poucos eu tenho que ir, já me preparando pra largar. Mas eu não vou largaaarr... assim. Que eu já dei entrada nos papéis, agora estou esperando... (Entrevistada 16 - Professora acima dos 60 anos)

Outra entrevistada, porém, brinca no seu depoimento, dizendo que já avisou *as meninas* com as quais trabalha que, no momento em que tiver de se aposentar, elas devem avisá-la.

E eu ainda falo com as meninas, gente, vocês sabem que vocês são minhas amigas. A hora que vocês virem que tá pegando mal aí vocês falam: “-Óh!!”Avisa os dois filhos que eles tão lá me vendo. Fala com a sua mãe que chegou a hora. (risos!!) Já chegou a hora de pendurar a chuteira, né. Pra eu ver que... Pelo amor de Deus! Não é! Pelo amor de Deus deixa pra... fala com eles lá que eles tomam conta. Fala olha, chega! (Entrevistada 16 – Professora acima dos 60 anos)

Assim, a entrevistada supracitada relata querer aposentar-se somente quando a Unimontes dispensá-la e, ao perguntarmos sobre a preferência de estar no trabalho ou no seu tempo livre do trabalho, ela responde rapidamente.

Hoje eu prefiro está no trabalho pois é... mais anteriormente eu preferia está no trabalho determinado tempo, mas preservar o tempo de casa, tinha aquele que era sagrado. Sem misturar, né! Então você... mas agora tem os filhos criados, já. Não tem mais aquela responsabilidade, né. Que meus filhos têm, um com 39 anos o outro com... a menina com 35. Né! Criei um sobrinho. Agora um dia antes dos 70 você tem que sair, né. Por enquanto eu tô pensando assim, né. Não sei né! A perda do meu marido foi um choque muito grande. (Entrevistada 16 – Professora acima dos 60)

A ligação entre a professora supracitada e outra professora acima dos 60 anos refere-se à perda do esposo. A história das duas professoras demonstrou a fragilidade de ambas em encararem o tempo livre sem os companheiros e narram em seus depoimentos as alegrias vividas com a família e a tristeza da solidão matrimonial.

E daí esses quatro anos depois que o meu marido morreu foi... ser o... a causa de eu não ter aposentado. Porque quando ele era vivo nós tínhamos feito um planejamento. E esse planejamento de vida era sair de Montes

Claros pra poder sair passeando, sem rumo. E depois ele morreu, assim, atropelado, de uma hora pra outra. Então eu perdi isso aí. E aí eu já estava com o processo de aposentadoria já encaminhando. E aí eu retirei tudo e recomecei novamente, nesses quatro anos eu trabalhei em função de me adequar psicologicamente pra poder... (pausa) (Entrevistada 14 – Professora acima dos 60 anos)

No mesmo sentido, outra entrevistada comenta ainda sobre a perda da mãe e do esposo no mesmo período de tempo:

O tempo todo de casado, né. Foram 39 anos, ela comigo. Antes e depois nós mudamos pra cá, né. Viúva ela, e dedicou, né. Aquilo ali que é dedicar mesmo aos filhos. Os meninos adoravam ela tanto quanto eu acho meus netos. A gente precisa, né. Tudo eu acho que isso aí é... foi uma pessoa muito diferente das demais. Mas por que as pessoas diziam, você pode fazer isso porque você tem sua mãe. E você via que realmente era, né. E o meu esposo... (pausa) Essa história desse trailer é famosa que eu já virei esse Brasil todo junto com Jorge<sup>37</sup>. E hoje ele fica lá... Mas é aonde a gente já pensa nos netos, né. Então a gente passa sábado, domingo, feriado, já tá tudo assim. (Entrevistada 16 – Professora acima dos 60 anos)

Desta maneira, a ausência dos familiares pareceu-nos ponto decisivo pela permanência no trabalho e a desconfiança do que pode vir a ser a vida sem o trabalho produtivo encontra-se como traço determinante na resistência à aposentadoria.

Por fim, de acordo com as hipóteses levantadas a princípio, concluímos que as atividades de cunho doméstico não afligem as mulheres acima dos 60 anos, mesmo porque são mulheres com salários consideráveis e podem destinar tais funções (pagar) a outrem e/ou realizar trabalhos voluntários não pagos que ocupem seu tempo.

Vou preencher com... prestar assessoria! (risos!!) Vou prestar assessoria nas secretarias municipais. Escrever projetos pra elas, procurar é... fazer com que elas vão às agências de fomento, conseguir projetos para melhorar a educação dos municípios. Sem cobrar. (Entrevistada 09 - Professora acima dos 60 anos)

Vou trabalhar numa, no hospital, ou na fundação Sara, vou cuidar de crianças doentes. (Entrevistada 14- Professora acima dos 60 anos)

Entretanto, a hipótese de temerem a perda da vida produtiva, vinculada ao trabalho foi confirmada e apresenta bastante significado neste específico universo feminino, que já pensa

---

<sup>37</sup> Nome fictício

no que fazer quando chegar a aposentadoria, como mencionado nos depoimentos acima. Neste sentido, Stucchi (1998) considera que uma das alternativas para a futura aposentadoria refere-se a uma expectativa substancial de dedicação a atividades de voluntariado. Esse fato aponta para uma tendência mundialmente crescente entre a população de meia-idade e mais velha, que espera encontrar no voluntariado um modo de contribuir socialmente por meio da atividade e do sentimento de utilidade, mantendo-se em níveis elevados de bem-estar coletivo e pessoal.

Sobretudo, a característica marcante foi a perda dos entes queridos e o buraco aberto no tempo livre destas mulheres comumente preenchido por seus familiares. O serviço formal para as trabalhadoras que lidam com a perda tornou-se uma fuga, como expressa a seguir:

Trabalho hoje é fuga mesmo! Trabalho nesse sentido. (Entrevistada 16-  
Professora acima dos 60 anos)

As expectativas diante da própria aposentadoria mobilizam angústias diante de uma realidade que certamente acarretará mudanças de identificação de papéis e também sociais, principalmente nas sociedades marcadas pela centralidade do trabalho. Contudo, o que se destaca no discurso das participantes é a necessidade do trabalho enquanto refúgio do *tempo livre*, apresentando ausência de orientação para a aposentadoria (ou opções fora do trabalho formal), destinando à Universidade a decisão de “aposentá-las”, o que demonstra que o preparo depende muito das condições psicológicas de cada sujeito, isoladamente.

### **3.2 Cerrando a porta da prisão**

Fechando a discussão do aspecto tempo e as implicações no universo feminino, acreditamos que o debate mais pertinente sobre o tema tem de se dar na arena das políticas sociais. O fenômeno da desigualdade entre os sexos tem de ser analisado à luz de informações mais profundas, e não com base somente na renda, pois esse critério nos revela pouquíssimo sobre grau de desequilíbrio de oportunidades (SEN, 2000).

Ainda que se possam realizar diferentes análises sobre o(s) uso(s) do tempo das mulheres participantes da pesquisa, de acordo com as distintas características, deduzimos que a dinâmica do tempo para essas mulheres é *multi-temporal* (Cf. PARRA, 1998; DEDECCA, 2004), com diversos focos ao mesmo momento, ficando restrito o tempo possível para descobertas individuais, desvinculadas de trabalho, casa ou compromissos familiares. Ficando acobertadas pela situação de mulher, mãe, filha, dona-de-casa, trabalhadora, enfim, de artifícios que impossibilitam outras experiências.

Portanto, é preciso tratar do tempo de modo mais amplo, analisando articuladamente suas diversas dimensões, no intuito de perceber os usos do tempo da mulher contemporânea, no que se refere ao tempo livre, de não trabalho, e as atitudes *versus* esse tempo.

Bourdieu (1995) lembra que o mundo social constrói o corpo por meio de um trabalho permanente de formação e imprime nele um programa de percepção, de apreciação e de ação. Nesse processo, as diferenças socialmente construídas acabam sendo consideradas naturais, inscritas no biológico e legitimador de uma relação de dominação.

Cada sociedade elabora distintos significados para o mesmo fenômeno naturalizado. Dada a desvalorização social do espaço doméstico, tende-se a instaurar a crença de que este papel (e tudo que o acompanha) deve ser desempenhado por mulheres. Para solidificação desta crença nada mais adequado do que deslocar desta atribuição sua dimensão sociocultural. Ao afirmar que sempre e em todos os lugares as mulheres se ocuparam das funções do espaço doméstico, eliminam-se as diferenças históricas e ressaltam-se os caracteres *naturais* destas funções (SAFFIOTI, 1987).

A partir do momento que estes papéis passam a *pertencer à natureza feminina*, percebemos o condicionamento imposto e a instauração de uma situação que reforça essa realidade. As desigualdades entre homens e mulheres (e não as diferenças) naturalizadas ao longo do tempo foram socialmente construídas nessas sociedades regidas pelo poder patriarcal e por elas sistematizadas. A desconstrução dessa naturalização dos papéis impostos a homens e mulheres não é somente uma tarefa das mulheres, mas uma atitude radical que exige a consciência e ação do todo, para as possíveis mudanças de padrões de comportamento e de *pré-definições* naturalizadas, garantindo a oportunidade para ambos os sexos; *oportunidades reais* que assegurem condições de desenvolvimento para todos os indivíduos.

Dessa dinâmica, e nesse mesmo contexto, emerge o lazer como fenômeno sociocultural histórico balizado por espaços de tempo disponível. Pensando numa perspectiva sociológica, por forças do mesmo estilo de vida capitalista que gerou o tempo de não trabalho,

o lazer vem sendo socialmente valorizado como o tempo de recuperar e reciclar a força de trabalho, e pela moralização que requer o modo de produção dominante. Além disso, há de se incorporar, nesse quadro de atribuições, as questões ligadas ao consumo no centro de uma sociedade hedonista, que projeta, na realização material (Eu possuo!) e simbólica (Eu posso!) do sujeito, o ideal perseguido da felicidade. Nessa dinâmica, é impossível deixar de assinalar o papel fundamental do lazer enquanto tempo privilegiado para consumir ou, dito de outra forma, para se realizar.

## **CAPITULO 4**

### **SOBRE LAZER E MULHERES: AS SOBRAS DO *TEMPO LIVRE***

Dando visibilidade ao discurso elaborado pelas trabalhadoras da Unimontes, vislumbramos detectar como se materializam, na fala, os olhares femininos acerca do lazer e o(s) uso(s) do tempo para essa perspectiva.

Para tanto, realizaremos uma breve síntese em torno do lazer e articularemos, através dos depoimentos, as possibilidades, os entraves e os desafios das mulheres frente à temática.

#### **4.1 Considerações preliminares**

Segundo Mascarenhas (2005), os *estudos do lazer* no Brasil se desenvolvem e se consolidam, sobretudo, na década de 1970, quando emergem grupos, laboratórios, pesquisas, livros, teses, eventos etc. envidando esforços para a descrição, avaliação e organização dos usos do tempo livre. Destaca-se, neste período, a criação de dois centros, o Celazer, em São Paulo-SP, no ano de 1970, e o Celar, em Porto Alegre-RS, no ano de 1973. O primeiro foi resultado de uma ação institucional do Serviço Social do Comércio (SESC), reunindo seu quadro pessoal especializado em torno do francês J. Dumazedier, uma das maiores referências do mundo em se tratando do assunto. O segundo foi uma promoção conjunta da Pontifícia Universidade Católica (PUC)-Rio Grande do Sul e da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, responsável pela organização, em 1974, do primeiro Curso de Especialização em Lazer no país, visando à capacitação de profissionais para atuação nos Centros de Comunidade, um projeto precursor dos Centros Sociais Urbanos, uma rede nacional de educação comunitária implantada em 1975 pelo governo federal.

No sentido de compreendermos o tempo *livre* para o lazer, no que se refere ao aspecto temporal, sob o ponto de vista subjetivista, o tempo livre não possui o significado de um tempo liberado do trabalho, mas do tempo de que o indivíduo dispõe para si mesmo (MASCARENHAS, 2005).

Deste modo, o lazer encontra-se imerso no projeto social da modernidade<sup>38</sup> onde é concebido como tantas outras dimensões humanas enquanto um direito, inclusive fazendo parte da Declaração Universal dos Direitos Humanos da Assembléia Geral das Nações Unidas, promulgadas em 10 de dezembro de 1948<sup>39</sup>, demarcado sobremaneira pelas relações capitalistas e oriundas do trabalho.

Portanto, o direito do lazer concebido nesta legislação advém dos anseios dos movimentos sociais – mais especificamente da classe trabalhadora e que foi resultado da luta pela redução da jornada de trabalho e, por conseguinte, lazer aqui está diretamente ligado ao direito do tempo livre (MASCARENHAS, 2005).

Segundo Dumazedier (1999), o lazer possui uma pendência de definições na Sociedade Moderna, são elas: o trabalho profissional, as obrigações familiares, as obrigações socioespirituais e as obrigações sociopolíticas e, por último, as obrigações institucionais que são tratadas de forma prioritária às realizações pessoais. Dumazedier (1999, p. 88) ainda explica que, mesmo o trabalho profissional podendo ser considerado um lazer, pois se pode trabalhar com música, estudar brincando, lavar louças ouvindo rádio e outros mais, as *obrigações institucionais* limitam a experiência *livre* do lazer, as obrigações doméstico-familiares ou as instituições religiosas controlaram (e ainda controlam) o indivíduo, de forma que as suas atividades não dependem somente das suas escolhas. Por fim, devendo ser lazer as atividades exteriores às *obrigações*, quando o indivíduo pode praticar o ócio, se libertar da fadiga descansando, se divertindo e desenvolvendo de forma consciente e *livre* as capacidades de si.

## 4.2 Perspectivas históricas

Segundo Parker (1978, p. 23), em sociedades mais simples não é fácil traçar uma linha divisória entre o trabalho e o lazer. Os povos primitivos tendem a dar a muitas de suas

---

<sup>38</sup> Segundo Chauí (1986), é difícil precisar, cronologicamente, quando se inicia a modernidade e a compreende como um ideário ou visão de mundo que está relacionada ao projeto de mundo *moderno*, empreendido em diversos momentos ao longo da Idade Moderna e consolidado com a Revolução Industrial e normalmente relacionada com o desenvolvimento do Capitalismo.

<sup>39</sup> Consta em seu artigo 24 que “Todo homem tem direito a repouso e lazer, inclusive à limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periódicas.” (BRASIL. Constituição Federal, 1988)

atividades cotidianas um caráter lúdico. Orientam a vida de forma a entremear longos períodos de trabalho a períodos ocasionais de intenso consumo de energia. Nessas sociedades não existem períodos de lazer claramente definidos como tais; mas certas atividades econômicas, como a caça, têm obviamente seus aspectos recreativos, assim como o canto ou a narração de estórias durante o trabalho. Desconhecendo assim a idéia de um tempo destinado especialmente ao divertimento e à recreação, embora façam coisas que têm este sentido, a maioria consistia em parte no mero descanso da labuta, e em parte na participação em atividades estereotipadas, principalmente de natureza cerimonial. A participação em tais rituais não era considerada *lazer* ou *tempo de folga* por aqueles que delas participavam, mas sim parte complementar do esquema normal da vida, sendo a rotina do camponês uma contínua sucessão de labores (PARKER, 1972).

As primeiras experiências de lazer descritas, registradas e/ou identificadas na Antiguidade Clássica, encontram-se intimamente relacionados ao ócio<sup>40</sup>. Isso significava, para os gregos, o desapego das tarefas servis, qualidade favorável à contemplação, à reflexão e à sabedoria. Justamente por assumir um caráter contemplativo, lazer, nessa dada conjuntura, não significava passividade. Ao contrário, “[...] representava um exercício de forma elevada, atribuído à alma racional: os tesouros do espírito eram frutos do ócio.” (WERNECK, 2000, p. 21).

Nesta concepção, o lazer era privilégio de poucos, sendo praticado pelas pessoas livres de obrigações e pertencentes ao topo da escala social e política. A sua prática era considerada tão importante que filósofos da época, como Aristóteles, defendiam a educação para o lazer e, neste período, já se torna possível observar o lazer com valores adversos aos do trabalho, apresentando características elitistas, que o exclui das possibilidades de vivências dos trabalhadores (WERNECK, 2000).

É também relevante assinalar que estamos nos referindo ao lazer grego ideal, que não corresponde necessariamente à prática do lazer grego. A participação em jogos constituía parte da educação da classe apta ao gozo do lazer, ou seja, a classe privilegiada. As necessidades militares exigiam ênfase especial em feitos físicos de coragem, precisão e resistência. Os antigos Jogos Olímpicos incluíam corridas a pé, lutas corporais, pugilismo,

---

<sup>40</sup> Acreditamos ser necessário ressaltar a diferença entre ócio e ociosidade. Enquanto o primeiro significa uma opção nos momentos de lazer, a segunda refere-se ao “nada fazer socialmente produzido”, seja por meio da exploração em distintas esferas, como acontecia na sociedade grega; ou por meio da incapacidade do sistema produtivo de absorver o potencial humano, como acontece, por exemplo, com os desempregados. (MARCELLINO, 1987).

corridas de carros e outros. Os grandes estádios e ginásios eram palcos de atividades atléticas, enquanto que os anfiteatros proporcionavam espaço para música, dança e festivais dramáticos. A Academia amparava atividades intelectuais e estéticas, enquanto que no Fórum, ou praça pública, estimulavam-se os debates públicos. Os banhos públicos eram cenários de divertimento e repouso (PARKER, 1972, p. 28). Portanto, talvez, seja pertinente dizer que, para parte do povo da antiguidade clássica assinalada acima, não havia tanta diferença na extensão das oportunidades de lazer, deduzindo que o lazer ideal existia apenas para uma minoria, segundo Parker (1972).

Conforme DeGrazia (1966, p. 13-14) adverte, não significa que os antigos gregos vissem o lazer simplesmente como tempo livre, ou seja, “[...] percebe-se um elemento diferente, um tom ético, uma insinuação de que o tempo livre mal aproveitado não é lazer [...] o lazer é uma condição ou um estado [...]” - o estado de estar livre da necessidade do trabalho.

Em se tratando dos tempos medievais, Werneck (2000, p. 30) apresenta que a forte influência do cristianismo passou a definir novos sentidos à compreensão de trabalho e de lazer, emergindo assim um novo elemento denominado *Deus*. As festas e os entretenimentos deveriam ser cuidadosamente controlados, pois eram considerados nocivos, construindo oportunidades ao pecado. Assim sendo, o lazer neste contexto só poderia ser vivenciado se colaborasse para elevar a alma a Deus, carregando valores morais e voltados para o universo do trabalho (WERNECK, 2000).

Para Parker (1972), o declínio do lazer desde a Idade Média até o ápice da Revolução Industrial não deve, no entanto, ser medido apenas pelo aumento da jornada de trabalho. Na sociedade pré-industrial o trabalho constituía parte essencial da vida cotidiana e o lazer não era um período separado do dia. O trabalho era feito nos campos próximos a casa ou dentro da própria casa, entremeado de conversas amistosas e dos afazeres da vida da aldeia. Apenas quando o trabalho veio a ser realizado em lugares especiais, durante um período específico e sob determinadas condições, o lazer passou a ser exigido como um direito. De maneira mais precisa, exigiu-se "tempo de folga", pois não havia dúvidas de que o relacionamento íntimo da época pré-industrial entre o lazer e a vida não poderia ser revivido nas cidades industriais do século XIX (PARKER, 1972). O autor continua a ponderar, apresentando que, antigamente, o número de dias de lazer (tempo livre) do trabalhador comum era muito maior do que durante a Revolução Industrial, contendo praticamente de três em três dias alguma espécie de feriado como as cerimônias religiosas, o ritual de colheita, entre outros.

A transformação significativa na concepção do lazer enquanto fenômeno social ocorre paralelamente à Revolução Industrial, que traz consigo os avanços tecnológicos que permitirão maior produtividade com menor tempo de trabalho. Inicialmente, esse tempo liberado das obrigações profissionais era usado apenas para o descanso. Posteriormente, houve a preocupação de ocupar esse descanso com atividades que valorizassem o tempo ocioso (MARCELLINO, 2004). Segundo Dumazedier (1976), esse foi o ponto de partida para a concepção histórica do lazer tal qual ele é hoje concebido.

Contrapondo estudiosos que consideram que o lazer existia em todos os períodos, em todas as civilizações, Dumazedier (1976, p. 25-26) assinala que o lazer é “[...] um conceito inadaptado ao período arcaico [...]”, ressaltando que o lazer possui traços característicos da civilização nascida da Revolução Industrial.

Parker (1972, p. 29), expondo sobre esse momento histórico, coloca que é possível argumentar que o lazer nunca existiu para as massas populares enquanto parte separada da vida, até ser conquistado em razão dos períodos de trabalho excessivamente longos. Complementa apresentando que, segundo esse princípio, o lazer poderia ser considerado um produto da sociedade industrial, e realmente parece que a redução das horas de trabalho foi acompanhada por formas de lazer típicas da estrutura social e das circunstâncias da época. A inovação das férias anuais é uma realização do século XIX, e os donos de fábricas reconheceram as *semanas de folga* como semanas de férias regulares e que eram, na verdade, negociadas em troca de um comparecimento regular ao trabalho. Contrastando com o lazer medieval que tinha de ser justificado por algum tipo de ritual ou celebração pública, o novo lazer da classe operária passa a ser amplamente satisfeito por várias indústrias de divertimento.

A bebida foi comercializada com a abertura de estabelecimentos licenciados que podiam ser freqüentados à noite, as corridas de cavalos tornaram-se um divertimento popular das massas, e o futebol e o pugilismo profissionais seguiram o mesmo caminho (PARKER, 1972, p. 38)

É interessante observar as formas como os valores de lazer têm se relacionado aos valores de trabalho. Toda sociedade depende de certos produtos materiais e de certas habilidades, mas depende também de a massa popular ter, ou pelo menos aceitar, os valores vigentes.

A ética protestante enobrecia o trabalho e relegava o lazer à condição de um pouco de tempo livre, embora as atividades empreendidas nesse período pudessem ter valor, desde que utilizadas de forma a reintegrar os homens no trabalho (PARKER, 1972). Mas outra força estava em ação dentro do capitalismo, e esta teria grandes implicações no futuro do lazer. A expansão econômica necessitava de homens dispostos e aptos a consumir os produtos e serviços da indústria. Encontrou-se um mercado novo e lucrativo para tais produtos e serviços no lazer das massas populares (Cf. PARKER, 1978; DUMAZEDIER, 1999).

### **4.3 O lazer enquanto produto da sociedade industrial**

Dumazedier (1999), no período da Revolução Industrial, já observava que as duas condições preliminares que possibilitam o acesso ao lazer para a maioria dos trabalhadores são: a diminuição das obrigações rituais prescritas pela comunidade e a demarcação entre trabalho remunerado e outras atividades, que existem apenas nas sociedades industriais e pós-industriais.

Parker (1972, p. 34) aborda o lazer como uma reação ao trabalho, sendo o “lazer industrial” e algo mais:

[...] é uma outra fonte de valores éticos, além daqueles fundamentados na produção e no trabalho (trazendo implicações para a estrutura de classes da sociedade). Sendo beneficiário de uma maior produtividade, tornada possível pela produção em massa e pelo marketing, o lazer tende a exibir as mesmas feições e relações sociais que caracterizam o mundo do trabalho industrial: padronização, prática rotineira, prevalência de capital sobre a mão-de-obra, menor número de pessoas com participação ativa no controle das vidas de trabalho e lazer das massas do que de espectadores e indivíduos subservientes a algum processo mecânico ou social. Finalmente, o surgimento de instituições de lazer características significa que tais instituições são determinantes importantes do modo como as pessoas usam seu lazer - as instituições não apenas atendem a uma demanda, mas também têm um papel capital em sua criação e decisão a respeito de como atendê-la.

Sendo o lazer um produto da sociedade industrial, deve-se esperar que as influências sociais sejam mais fortes do que as individuais, e as semelhanças entre as formas como as pessoas usam seu lazer devem ser maiores do que as diferenças.

Partindo da constatação de que, na sociedade moderna, o trabalho não mais permite a possibilidade de afirmação pessoal, mas aprisiona o sujeito junto ao impulso vital das necessidades imediatas, Mascarenhas (2000) defende que o modelo capitalista criou condições de vida e a necessidade de novas práticas sociais que auxiliassem a adaptação dos indivíduos às rápidas e constantes transformações da realidade que se impunha, emergindo o lazer como fenômeno sociocultural histórico, nascido da luta de trabalhadores por espaços de tempo disponível e incorporado (ou devorado) pela lógica capitalista.

Especialmente a partir do final do século XX, Parker (1972, p. 42) afirma que o que tem aumentado, especialmente durante a última década, é o *antilazer*, concebido como atividade empreendida compulsivamente, meio e não fim em si mesma, a partir de uma percepção de necessidade, com alto grau de pressões impostas de fora para dentro, com considerável ansiedade, alto grau de preocupação com o tempo e um mínimo de autonomia pessoal. Continua argumentando que as pessoas adotam no lazer algo semelhante a suas atitudes profissionais, comportando-se como na relação produtiva do trabalho, e que o lazer muitas vezes significa uma atividade frenética, escapando da essência do prazer e da descoberta a partir de práticas de lazer, sobressaindo outras formas (rápidas, objetivas e compráveis) de alcançar satisfação.

Nesta direção, Padilha (2003, p. 230) irá dizer que o lazer deve ser entendido como um:

[...] fenômeno social que, por estar inserido em uma sociedade contraditória, é ele também, cheio de contradições. O lazer é, neste sentido, a possibilidade de transformar-se em tempo de reflexão e práxis, mas tornar-se também em tempo para o consumo irrefletido e manipulado pela lógica capitalista que prioriza o lucro e a transformação de tudo em mercadoria rendável.

Uma importante característica de qualquer gênero de sociedade é o tipo de relação existente entre as representações individuais e coletivas da sociedade. Segundo Parker (1972, p. 36), se a relação econômica determinante na sociedade industrial é a existente entre capital e trabalho, a relação política determinante é a existente entre o indivíduo e a sociedade politicamente organizada (as instituições e conexões da sociedade referentes ao poder). O

lazer, tanto como comportamento individual quanto como instituição social, se insere em tais relações. Na sociedade pré-industrial, as pressões no sentido do conformismo aos costumes e aos hábitos eram poderosas e diretas - o “lazer” era um conjunto de ocasiões e rituais socialmente estruturados. A sociedade industrial trouxe mais liberdade individual - as pressões para o conformismo tornaram-se menos diretas, embora possivelmente mais sutis e poderosas.

Marcellino (2000) destaca a contribuição de reflexões como a do historiador Domenico De Masi, o qual tem se dedicado a estudar o ócio como um tempo de criação (ócio criativo) argumentando que, nas sociedades urbanas contemporâneas, é cada vez mais difícil distinguir o tempo do trabalho de outros tempos. Nessa concepção, a abordagem do lazer ficaria demarcada pela prevalência do aspecto *atitude*, ou seja, a relação pessoal estabelecida entre o sujeito e a atividade, marcada, em certo nível, pelo envolvimento prazeroso e espontâneo. Em certa medida, isso implicaria em preterir a dimensão do *tempo*, como delineador social das vivências do lazer.

Ainda com base nas idéias de Marcellino (2000), o lazer deve ser entendido como cultura, compreendida no seu sentido mais amplo, vivenciada ou fruída no que se chama *tempo disponível*. Para esse autor, a possibilidade de tempo implica a possibilidade de opção pelo que fazer, contrapondo o tempo das obrigações sociais. Nesse sentido, o lazer não poderia se restringir às experiências particulares vivenciadas num tempo qualquer. Tal abordagem acarretaria a restrição do conceito a visões parciais, deturpando o sentido concreto do lazer.

Referindo-se ao aspecto *tempo disponível*, Marcellino (2000) considera que esse corresponde àquele tempo liberado do trabalho, das obrigações religiosas e familiares. Adverte, no entanto que, dado o processo histórico, nenhum tempo pode ser tomado como livre de coerções e regras de conduta social. Daí então a adoção recomendada do termo *tempo disponível*, a fim de se evitar uma interpretação precipitada ou ingênua do adjetivo *livre*.

Na consideração do aspecto *atitude*, Marcellino (2002) pondera que o lazer se caracterizará mormente pela satisfação, pelo prazer desencadeado por uma experiência vivida e sua relação como o sujeito que a pratica. Apesar da pertinência dessa análise, cabe aqui a advertência de Gutierrez (2001), ao destacar a diferença fundamental entre sentir prazer e buscar prazer. Nesse sentido, “[...] o lazer não pressupõe necessariamente a consumação do prazer. Seu compromisso é com a busca do prazer, com a luta por uma sensação de prazer que pode, ou não, vir a ocorrer.” (GUTIERREZ, 2001, p. 7).

#### 4.4 Então o lazer...

Muitas das proposições apresentadas sobre o que seja o lazer, ou sobre o que ele deveria ser, baseiam-se em ideais inicialmente formulados na sociedade greco-romana, sofrendo influências do cristianismo no contexto medieval e consideravelmente modificado após a Revolução Industrial (WERNECK, 2000). Assim, realizamos apenas uma revisão crítica da temática, detendo-nos especialmente no *tempo disponível* e na experiência do lazer em relação às obrigações.

Neste sentido, Parker (1972, p. 19) contribui com três formas gerais de definir o lazer. A primeira delas consiste em considerar as vinte e quatro horas do dia e subtrair delas os períodos que não são de lazer: trabalho, sono, alimentação, atendimento às necessidades fisiológicas etc., deixando evidente que há, nesse campo, algumas divergências: o que deveria ser eliminado das vinte e quatro horas de forma a deixar nelas apenas o lazer? Por exemplo, em um ambiente amistoso e confortável, o tempo ocupado na alimentação não poderia ser vivido como lazer? Na tentativa de eliminar tudo que não fosse lazer, possivelmente seriam assinalados também o preparo e a ida para o trabalho, as obrigações com relação a outros e os encargos do lar.

Um segundo tipo de definição de lazer não insiste essencialmente em período de tempo, mas na qualidade da atividade a que alguém se dedica, “[...] uma atitude mental e espiritual - não é simplesmente o resultado de fatores externos, não é o resultado inevitável do tempo de folga, é uma atitude do espírito, uma condição da alma...” (ANDERSON, 1961 apud PARKER, 1978, p. 33). Alguns sociólogos também utilizam esse tipo de definição, dando ênfase muitas vezes a suas qualidades de liberdade. Ao encontro dessa perspectiva, Touraine (1974a, p. 212) concebe o lazer como “liberdade de regras e de modelos de comportamentos aceitos ou socialmente impostos”. Inegavelmente, tal tipo de definição envolve julgamentos de valor, ou seja, afirmações sobre quais atributos da atividade ou da pessoa são considerados desejáveis.

Ainda sob o pensamento de Parker (1972), um terceiro tipo de definição tenta combinar os dois anteriores. Nela existe um componente residual, ou de tempo, acompanhado de uma afirmação normativa sobre o que o lazer deveria ser. Destacaremos apenas dois exemplos: o lazer é “[...] o tempo de que um indivíduo dispõe livre de trabalho e de outros

deveres, e que pode ser utilizado para fins de repouso, divertimento, atividades sociais ou aprimoramento pessoal [...]” (PARKER, 1972, p. 20), ou é uma série de ocupações com as quais o indivíduo pode comprazer-se de livre e espontânea vontade - quer para descansar, divertir-se, enriquecer seus conhecimentos ou aprimorar suas habilidades desinteressadamente, quer para aumentar sua participação voluntária na vida da comunidade após cumprir seus deveres profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1976).

Trazendo esse termo ao seu conceito literal, citamos a obra de Sobral (2004, p. 10)

A origem etimológica do termo lazer está no latim *licere*, significando "ser primitivo" ou "ser lícito". A palavra tem os seus correspondentes no francês *loisir* e no inglês *leisure* e, em todos os casos, evoca a noção de tempo livre - isto é livre das obrigações sérias do trabalho ou das ocupações decorrentes de certo estatuto social.

Dumazedier (1999) define o lazer como atividade não fundamentalmente ligada a um fim lucrativo, utilitário, ideológico como os deveres profissionais, domésticos, políticos e espirituais. Entretanto, para Camargo (1992, p 11), o lazer “[...] não é inteiramente desinteressado ou gratuito, apenas é um ato maior do que a rotina profissional quando o indivíduo está de olho na remuneração.”

Desta maneira, podemos separar o assunto em duas grandes linhas: a variável tempo e a variável atitude, como mencionadas anteriormente. O lazer *atitude* é marcado pela relação entre a pessoa e a experiência vivida, ou seja, a satisfação pela atividade. O lazer relacionado ao *tempo* considera as atividades praticadas no tempo liberado do trabalho, da família e das obrigações sociais.

Neste sentido, percebemos que a dinâmica temporal das mulheres envolvidas na pesquisa, muitas vezes é *multi-temporal*, ou seja, o tempo delas é sobreposto, como se realizassem duas ou mais atividades ao mesmo tempo, no intuito de se divertir e realizar suas obrigações, sendo o tempo disponível as sobras. Além disso, cabe ressaltarmos, como discutimos anteriormente que, segundo Parker (1978), existe significativa diferença entre o(s) tempo(s) de homens e mulheres, especialmente aquele tempo dedicado ao lazer. Em outro viés, Dedecca (2002b) aborda que a maior ocorrência da mulher no mercado de trabalho não lhe propicia uma jornada de trabalho menos intensa em afazeres domésticos, implicando, conseqüentemente, em menos tempo disponível para a vivência do lazer, restando-lhe de fato as sobras...

Na verdade é isso, se sobrar eu faço, né! Se sobrar. Se sobrar aí eu vou, né. Às vezes quando tem em Montes Claros alguma atividade assim, esse ano eu não consegui. Não, em Janeiro teve um festival de cinema, eu fui. Às vezes quando tem aquelas festas de agosto, aí eu vou, né. Coisas assim, muito, muito... assim. (Entrevistada 04 – Professora DE)

A partir das sobras do tempo livre, outras entrevistadas retratam as atividades executadas:

Enquanto lavo isso vou assistindo a novela que tá passando, né! Vou assistindo. Aí depois levanto, vou fazer as coisas que tá lá esperando pra fazer, né! (Entrevistada 01- Serviços Gerais).

Adoro arrumar um guarda-roupa, pra tirar aquela bagunça tudo, passar um paninho, organizar as camisas tudo direitinho! **(Risos)** E isso, isso pra mim é prazeroso, não me estressa, não, sabe! Aí eu ponho uma musiquinha que eu gosto, tranqüila, e vou tirando as bagunças, vou organizando (Entrevistada 06 – Administrativo).

Na semana, eu... eu... gosto disso de tá organizando, orientando secretária, orientando, vendo se tá tudo em ordem em casa. [...] Eu leio, eu leio romance, quando tem algum tempinho, eu leio jornal, eu gosto de ler jornais todos os dias, e aproveito para ficar em casa orientando, é... (Entrevistada 07 – Professora DE)

De acordo com os depoimentos acima, a entrevistada dos serviços gerais relata assistir TV e lavar ao mesmo tempo, a trabalhadora do setor administrativo escuta música enquanto organiza o guarda-roupa, e a professora DE gosta de ler jornais, orientar os serviços e ficar em casa lendo, aproveitando para auxiliar nos serviços domésticos.

Camargo (1992), ao falar de trabalho e lazer, coloca que o trabalho como lazer é uma indignação de muitos, e o sonho de todos, mas na realidade é um privilégio de poucos. E ainda afirma que há pessoas que, no seu tempo de lazer, repetem atividades do trabalho e/ou atividades obrigatórias mescladas com *um certo grau* de satisfação, e considera essa ação como *semi-lazer* e não lazer total. Para as mulheres do estudo, foi possível notar o entrelaçamento de suas práticas de lazer com os cuidados com os filhos, casa ou a família, representando a atitude *versus* as atividades de lazer demarcado pela sua condição de mulher, mencionada no capítulo anterior.

E aí a gente aproveita pra descansar e ficar com as meninas, marido, né. Então a gente faz, vai pro clube, faz alguma atividade física. Leva elas junto, com a... né... Tentando conciliar. (Entrevistada 11- Administrativo)

A fala acima registra o compromisso da mulher com os familiares e a conciliação das suas horas *livres* com atividades que se adaptam aos filhos. Assim, deixando claras as obrigações *no e do* tempo livre de mulheres, administradas para *atender* os pares, mas abrindo margem para questionamentos de sua própria satisfação.

Outras entrevistadas reforçam essa situação:

A mulher, no Vale do Jequitinhonha, minha terra, a mulher... você chega na casa dela que as coisas não tão em ordem, é chamada de desmazelada! É termo pejorativo. Tem que arrumar... (Entrevistada 09- Professora acima dos 60 anos).

É que eu num sou muito de sair de casa, sabe! (risossss!!!) Eu sou casada com os filhos!! (Risossss!!!!) (Entrevistada 02 – Serviços Gerais, grifos nossos)

Dentro desse aspecto, é possível notar, nas particularidades das mulheres entrevistadas acima, que a professora acima dos 60 anos não gostaria de ser chamada de “desmazelada”, o que corresponde à mulher que não condiz (executa) com suas funções de dona-de-casa, mãe e esposa. A trabalhadora dos Serviços Gerais vislumbra o casamento com os filhos, deixando explícita sua condição ajustada às vidas dos filhos. Deste modo, a condição de ser mulher tenciona, dificulta e limita as possibilidades de lazer, restringindo suas vivências e perspectivas neste sentido.

Outro ponto relevante refere-se ao trabalho encarado como lazer, registrado principalmente nos depoimentos das professoras.

Olha eu acho que lazer é tudo que você... todas as atividades que você faz sem obrigação, né! Tudo que você faz que te beneficia enquanto ser humano, né. Acho que lazer, se você... é... se você não tem compromisso em fazer. Algo que vai te trazer um benefício, né, no trabalho, na sua vida pessoal. (Entrevistada 04 – Professora DE, grifos nossos)

Eu trabalhei nas minhas férias. Então assim, às vezes estudar, trabalhar sem datas pode ser lazer... sei lá (pausa). (Entrevistada 16 - Professora acima dos 60 anos)

Os laços com o trabalho permanecem em períodos de descanso ou no possível tempo disponível para o lazer, sendo encarado em algumas situações como possíveis práticas de lazer, como exposto acima pelas professoras da Unimontes. Acreditamos relevante ressaltar que as referidas trabalhadoras não possuem filhos ou os filhos já se encontram em fase adulta, não dependendo diretamente de cuidados ou disposição de tempo por parte das entrevistadas.

Embora trabalho e lazer possam ser confundidos, destaca-se que a tendência à identificação ou localização do prazer e da felicidade somente na esfera do lazer é o que predomina.

Como o trabalho nos remete ao indesejável espaço da aparência e do público, fica a promessa de que o lazer, apresentando-se como um outro do trabalho, constitui-se como o tempo e o espaço da experiência privada, lugar da autonomia. O lazer se encontra, portanto, nas práticas opostas ao processo de produção, na entrega às experiências da fruição, onde silenciam as relações essenciais entre os homens originárias do processo de trabalho (MASCARENHAS, 2005, p. 9).

Partimos da idéia de que o trabalho e o lazer estão intimamente ligados, já que o indivíduo não possui uma personalidade em casa e outra completamente diferente em seu trabalho. O homem projeta seus anseios e preocupações sobre seu posto de trabalho, e certamente o seu posto de trabalho interfere sobre suas possíveis práticas de lazer. Quando um trabalhador não concretiza seus interesses, objetivos, participações ou realizações no trabalho, as tensões que são produzidas influenciam nas atividades que ele procura durante o tempo disponível (FRIEDMANN, 1972, p. 157).

As mulheres dos serviços gerais explicitam que o trabalho não influencia no lazer, entretanto as atividades domésticas, os cuidados com os familiares e, sobremaneira, a dificuldade econômica determinam as atividades do tempo livre que poderiam ser revertidas em lazer.

Olha, há mais tempo eu sentava pra ver uma novela (Risos!!!) Hoje eu num faço isso mais, não! É porque a gente acaba assim, envolvendo. Com um pouco dá assim a hora de tomar banho dormir e pronto! (Risos!!) (Entrevistada 02 – Serviços Gerais)

Porque em casa o tempo que eu tenho é pra ficar em casa mesmo, fazendo tudo, né! [...] Às vezes é... tem o jornal, também, que assim, novela assim, eu não assisto novela, não! Então eu sento, assim, às vezes, um pouquinho pra

assistir o jornal. Mas não tem nada, assim, que eu faço porque eu gosto, que eu paro pra fazer aquilo, não, sabe! (Entrevistada 05- Serviços Gerais)

As mulheres acima retratam o cansaço físico oriundo do excesso de trabalho e a necessidade do *fazer tudo* em casa, não demandando energia nem paciência para outras atividades. No que se refere à situação econômica, outra entrevistada comenta:

Aquele serviço que tá ali, já começa é cedo em casa, né! Aí... Cê sabe, serviço de casa como é que é! Eu mesmo, no mês de janeiro mesmo eu vou tá de férias. Tô pensando, meu Deus... Eu já tô preocupada! Não tem dinheiro, não vou pra lugar nenhum, ficar dentro de casa trabalhando (Entrevistada 03 – Serviços Gerais)

Mas hoje em dia quem é que pode fazer isso? E quando cê pensa em fazer, cê num tem dinheiro pra o cê ir, pra você... Como é que você vai. Nem dá pra você pensá numa coisa dessas. Cê trabalha, trabalha, mas o dinheiro que cê recebe nem dá pra você sair, pro cê pensar né fazer uma viagem assim... (Entrevistada 01- Serviços Gerais)

Os entraves para as possibilidades de lazer ficam explícitos nas falas acima, à medida que desdobram força para efetivar seus trabalhos (formal e doméstico) e não possuem renda (condição econômica) para usufruir no período de férias.

Segundo Marcellino (2000, p. 23), a situação econômica é o principal fator que contribui para uma apropriação desigual do lazer, pois determina desde a distribuição do tempo disponível, até as oportunidades de acesso à escola. O autor em evidência denomina esses fatores de *barreiras interclasses sociais*. Para ele, a classe social, o sexo, o acesso ao espaço, a questão da violência crescente nos grandes centros, entre outros fatores, limitam o lazer a uma minoria da população, principalmente se consideradas a frequência na prática e a sua qualidade. Quando se tem em mente as possibilidades que o lazer oferece, as barreiras que se verificam no plano social adquirem peso muito maior.

Friedmann (1972, p. 162) defende que o trabalho pode ser considerado uma atividade coativa do lazer e, além disso, desencadeia outras espécies de obrigações que invadem o tempo disponível. Quando o trabalho é insuficiente para as necessidades econômicas, a situação leva à procura de uma atividade financeira complementar, e assim aparecem às tarefas complementares do primeiro e segundo ofício, no caso das mulheres ainda aparecem as tarefas domésticas e, se não bastassem, as atividades de estudos desenvolvidas à noite ou em fins de semana na intenção de melhoria salarial e de seu *status* na empresa.

Neste sentido, corroborando com o autor, a realidade das mulheres envolvidas no estudo conduz às diferenças entre oportunidades de lazer e experiências de acordo com a situação econômica exposta por determinado grupo de mulheres.

Não! (risos!!) ah! Viajar então quando eu tô de férias eu fico mais em casa do que saio. (Risos!!) Não vai pra lugar nenhum, é dentro de casa, mesmo, 24 horas! (Risos!). Pois é! Mais é aí que trabalha, que começa... **(risos)**, Aquele serviço que tá ali, já começa é cedo em casa, né! Aí... Cê sabe, serviço de casa como é que é! Eu mesmo, no mês de janeiro mesmo eu vou tá de férias. Tô pensando meu Deus... Eu já tô preocupada! Não vou pra lugar nenhum, ficar dentro de casa trabalhando. (Entrevistada 05 – Serviços Gerais)

Também final de semana eu corto ele todo, ou seja né, num faz muita diferença. (Risos!!!!!!!!!!!!) Tem que trabalhar. (Entrevistada 02- Serviços Gerais)

Assim, é possível notar que as limitações financeiras e a sobrecarga do trabalho doméstico revelada pelas mulheres dos serviços gerais impossibilitam ou dificultam o acesso às atividades de lazer, consideradas por elas como acessório de luxo. Colocando o trabalho como limitação para o lazer, Dumazedier (1999, p. 144) conclui que existem variáveis que determinem tal situação, por exemplo, as diferenças de idade e de condições socioprofissionais. Camargo (1998) vai além e tenta nos convencer de que o lazer pode ser uma forma de distinção social. Ele defende que, no feudalismo, existiam títulos de nobreza, e atualmente os signos lúdicos (festas, grandes viagens etc.) parecem ser os títulos modernos. Ou seja, naquela época era rico quem possuía títulos de nobreza, hoje é rico quem pratica lazer de qualidade.

Às vezes uma pessoa fala comigo assim, ah, cê chega dentro de casa falando que tá cansada demais. Mas dentro de casa ce não quieta sabe! Cê não tem às vezes assim oportunidade, né, não tem dinheiro, assim, né, uma coisa assim, pra você ir no passear, então fica em casa mesmo! Isso é para rico. (Entrevistada 05- Serviços Gerais)

Para Marcellino (2003, p. 50), colocando dentro de uma hierarquia de necessidades, as atividades de lazer passam a ser encaradas como bens de luxo, ficando restritas às camadas economicamente superiores, que nelas podem investir. Isso não significa que o lazer da classe abastada seja efetivamente rico, no sentido de contribuir para a humanização da vida do

homem, mas tão somente que essas parcelas da população são privilegiadas quanto às possibilidades para que tal fato ocorra.

Não é difícil constatar o que o autor supracitado expõe, pois, na realidade brasileira, o que se vê são crianças com dificuldades de acesso às escolas e que trabalham para ajudar no orçamento familiar, ou ainda pais que trabalham dobrado para tentar sobreviver com a família, tudo isso em virtude das desigualdades sociais existentes no país.

Ainda para Marcellino (2000), tratando das barreiras interclasses sociais, temos: 1º) o gênero: as mulheres são desfavorecidas, pois possuem obrigações familiares decorrentes do casamento, e ainda aparece a rotina do trabalho doméstico e, em alguns casos, a dupla jornada de trabalho; 2º) faixa etária: as crianças sofrem limitações, quando pobres trabalham para ajudar a família, quando ricas possuem o tempo totalmente ocupado com atividades impostas pelos pais. Os idosos sofrem o preconceito na apropriação de espaços, além das dificuldades na aposentadoria; 3º) o espaço urbano: os centros de lazer estão localizados, na maioria das vezes, em áreas centrais e longe dos locais onde estão as pessoas que mais necessitam deles; 4º) a violência: principalmente com a crescente violência urbana, as pessoas cada vez mais abandonam as atividades ao ar livre onde encontram pessoas e se restringem a atividades de lazer em espaços fechados e restritos a grupos de amigos.

#### **4.4.1 Sobre os entraves para o lazer**

Seguindo a ordem de raciocínio exposta anteriormente por Marcellino (2000), a barreira de gênero apresentou-se sob forma das responsabilidades com os filhos, afazeres domésticos e cuidados com os familiares, demonstrada no decorrer da dissertação, tornando-se mais evidente para mulheres com filhos e dependentes.

Entretanto, o fato mais impressionante levantado pela pesquisa refere-se à violência física advinda do homem enquanto marido e força física.

[...] ele me batia, ele me batia, sim, muitas, muitas vezes durante a semana. Sem não fosse, todos os dias, ele me ameaçava muito, então é, ao mesmo

tempo que ele me batia, ele me falava assim: se você contar pra sua mãe eu mato sua irmã. Entendeu? Se você contar pro seu pai, eu faço isso com seu irmão. Então sempre tinha uma moeda de troco no meio. Se eu contasse que ele tava me batendo, ele ia fazer qualquer coisa pra prejudicar alguém da minha família. (Entrevistada 08- Administrativo)

O desabafo da servidora evidenciou que a violência sofrida fazia com que redobrasse a dedicação ao trabalho, estando sempre ocupada e envolvida em suas responsabilidades. Quando nos referimos ao tempo livre, ela considera:

E aí e lá eu vivi dessa forma. Então assim eu entrava na Unimontes sete horas da manhã. Eu era coordenadora, e saía dez e meia da noite, é, eu era ela. Chegava em casa aí eu tinha problemas, com marido, com empregada. Sabe! Aí caía! É tanto que quando ele... ele sempre viajava no final de semana. Quando ele estava em casa, eu arrumava alguma coisa pra fazer no campus, pra não ter que ficar na companhia dele. Então assim pra passar pelo menos o sábado, inteiro dentro Universidade. Pra no domingo... pra eu ter que conviver com ele só no domingo, entendeu? (Entrevistada 08 – Administrativo)

O trabalho serviu de *acalento* para a entrevistada supracitada e lidar com seu possível tempo disponível era estar próxima do cônjuge e sofrer com pressões psicológicas e agressões corporais. Neste sentido, o lazer esteve implicitamente prejudicado. Neste sentido, mesmo após a separação, a obstinação frente ao trabalho ainda existe, encontrando no labor a sensação de “esquecer dos problemas” e seguir a vida.

Ninguém sabe quem é [...] Entendeu? O que que ela faz! O quanto ela se dedica. Por fuga ou por responsabilidade. Ninguém sabe disso! E as pessoas chegam mais e mais e mais. Então assim eu vou conversando, ninguém vai saber o que aconteceu. Ninguém vai saber... (Entrevistada 08 - Administrativo)

A respectiva trabalhadora relatou que, apesar das dificuldades vividas, consegue aproveitar seus momentos de folga e descanso, dedicando-se aos familiares, amigos e pessoas com quem convive, compartilhando seu tempo, seus conhecimentos, enfim, sua disponibilidade.

Sobre a barreira da faixa etária, constatamos que as professoras acima dos 60 anos distribuem seu tempo disponível em ações de lazer voltadas para os familiares, não apontando

nenhuma limitação quanto aos espaços e, no que tange à aposentadoria, possuem o receio do “-tempo livre demais” (Entrevistada 15- Professora acima dos 60 anos).

Lazer pra mim! É tudo aquilo que me dá satisfação. É o que eu gosto de fazer. Quer dizer, tem gente que acha fazer bolo é um lazer pra ele. Eu tenho uma nora que todo momento que ela pode, ela vai inventar uma receita nova. Eu não essa.... essa, esse interesse de ver, de arranjar nada de cozinha, não! É o trivial! Mas lazer pra mim, é o que eu faço, com... (pausa) Eu acho que a minha caminhada é lazer pra mim. (Entrevistada 16 – Professora acima dos 60 anos)

Interessante ressaltar a fala da professora acima dos 60 anos acima que se refere ao aspecto *atitude* sobre as possíveis escolhas do lazer, explicitando que cada qual escolhe para o lazer aquilo ou aquelas atividades que geram prazer e satisfação. Deste modo, partimos, como hipótese, que a própria experiência de vida pode auxiliar na nitidez das diferentes possibilidades de prazer e lazer.

No sentido dos obstáculos representados pelos espaços urbanos, as entrevistadas abaixo consideram:

Muito pouca opção! E essa opção, de ir pra boteco, pra tomar cerveja, eu não acho nada demais, não! Eu gosto, né, de sair, de tomar uma cervejinha. Mas não sempre, né. Não pode, né! Eu não acho nenhuma graça em ter isso como a única forma de lazer em Montes Claros, né. Pôs cinema em Montes Claros, raramente eu consigo achar alguma coisa. E quando tem também, são sempre aquelas coisas muito comerciais, você vê pela... né! (Entrevistada 10 - Professora DE)

Montes Claros é sair pra comer, beber, ouvir música você tem também um cardápio aí de opções, né. Muito pequeno! (Entrevistada 13 –Professora DE)

A partir dos depoimentos acima, merecem destaque as limitações e poucas opções de lazer da cidade de Montes Claros, o que para elas dificulta a vivência e experiência de determinadas práticas. Deste modo, explicitam que a cidade apresenta algumas alternativas de lazer (para comer, beber, ouvir música), mas, pouco diversas, com necessidades de teatros, outros cinemas, concertos e apresentações em praça pública.

Em Montes Claros, raramente eu consigo achar alguma coisa. E quando tem também, são sempre aquelas coisas muito comerciais, você vê pela... né! É, atração teatral, eu vejo muito pouca coisa também em Montes Claros. Quem

tiver vontade de sair de casa, sexta-feira à noite, quarta-feira à noite, domingo, pra você ver! Posso tá mal informada, mas vejo pouca coisa. Quando acontece aqui, às vezes, um show, isso eu procuro ver. Mas acontece também de forma esporádica. Então Montes Claros é muito boteco. (Entrevistada 10 – Professora DE)

Assim, a entrevistada acima descreve carências de *outras* atividades na referida cidade, relatando a existência de bares, boteco, mas a falta de onde dançar, enfim, de locais que despertem seus interesses e que possam, assim, freqüentar.

#### 4.4.2 Sobre as possibilidades do lazer

De acordo com Camargo (1998, p. 9), um *bate bola* numa rua é atividade de lazer, uma caminhada, ler jornais, freqüentar um grupo formal ou informal sob qualquer pretexto, ir ao cinema ou ao teatro, viajar em férias ou nos fins de semana, cuidar em casa de plantas ou animais, assistir novelas, todas essas são consideradas atividades de lazer.

Por outro lado, Marcellino (2000, p. 18) fala que a classificação mais aceita para os conteúdos do lazer é a do sociólogo Jofre Dumazedier, que distingue seis áreas fundamentais: os interesses artísticos, os interesses intelectuais, os físicos, os manuais, os turísticos (acrescido por Marcellino) e os sociais.

Marcellino (2003, p. 39) ainda ressalta que, em relação aos conteúdos, vamos encontrar praticamente uma classificação por autor, umas mais completas que as outras, porém todas possíveis de deixar conteúdos sem categoria. Além desse argumento, acrescenta que:

[...] nos interesses intelectuais se busca o contato com o real, as informações objetivas e explicações racionais. A ênfase é dada ao conhecimento vivido, experimentado. A participação em cursos ou leituras são exemplos. Os interesses artísticos são o campo imaginário, as imagens, emoções e sentimentos, seu conteúdo é estético e configura a busca da beleza e do encantamento. Abrangem todas as manifestações artísticas. Os interesses físicos são as práticas esportivas, os passeios, a pesca, e todas as atividades onde prevalecem os movimentos ou exercícios físicos. As diversas modalidades esportivas constituem o campo dos interesses físicos. O que

delimita os interesses manuais é capacidade de manipulação, quer para transformar objetos ou matérias, por exemplo, o artesanato e o bricolage, quer para lidar com a natureza, como no caso da jardinagem e o cuidado com os animais. Nos interesses turísticos a quebra de rotina temporal e espacial, pela busca de novas paisagens, de novas pessoas e costumes é a aspiração mais presente nos interesses turísticos. Os passeios e as viagens constituem exemplos. Quando se procura fundamentalmente o relacionamento, os contatos face-a-face, o convívio social, manifestam-se os interesses sociais do lazer. Exemplos específicos são os bailes, os bares e cafés servindo de ponto de encontro e a frequência à associação (MARCELLINO, 2003, p. 18).

Em outro sentido, Dumazedier (1999, p. 92) trata da divisão do lazer em períodos em relação ao tempo de sua prática, são eles: o lazer do fim do dia, quando o indivíduo, após ter se livrado das obrigações diárias, procura realizar alguma atividade do lazer; o lazer do fim de semana quando normalmente a pessoa se encontra de folga do trabalho e das demais atividades institucionais; o lazer do fim de ano que são as férias; e o lazer do fim da vida que se realiza após a aposentadoria.

Subdividimos as práticas expostas pelas mulheres em atividades mais frequentes nos dias da semana e nos finais de semana, no intuito de percebermos, de forma genérica, em quais categorias de lazer essas atividades melhor se adequariam. Assim, a televisão (sempre presente e ativa) ocupa lugar considerável na vida das mulheres, especialmente para as mulheres dos serviços gerais e cargos administrativos. Apesar de alegarem *pouco tempo* e a *falta de paciência*, citam a televisão como opção ou mesmo como *companheira*, enquanto realizam outras atividades em casa.

Então é chegar olhar e-mails, olha uma internet em casa e TV. Converso e assisto TV. (Entrevistada 14- Administrativo)

É de TV. Gosto! Chego lá sento um pouquinho. Assisto à novela. (Entrevistada 02- Serviços Gerais)

Enquanto lavo isso, vou assistindo a novela que tá passando, né! Vou assistindo. Aí depois levanto, vou fazer as coisas que tá lá esperando pra fazer, né! (Entrevistada 01- Serviços Gerais).

O ato de assistir televisão emergiu em alguns depoimentos, de forma mais clara nos depoimentos das mulheres dos serviços gerais, associado à realização de outras atividades, conforme exposto acima. A partir daí, merece rápido destaque a questão da televisão enquanto produto capitalista destinado à camada popular.

Partimos da idéia de que a televisão se caracteriza como um produto capitalista consumido por todas as classes e destinado à camada popular como possibilidade de lazer. Buarque de Almeida (1996) mostra, em seus estudos relacionados à televisão brasileira e à primazia da questão do gênero na televisão, a relevância econômica das telenovelas. Complementa dizendo que a própria construção do que a mídia classifica como feminino e como o lugar da mulher na sociedade pode ser questionada. No entanto, parece haver uma aproximação constante entre mulher e telenovela, e também entre mulher e consumo. Também pondera que as associações supracitadas podem ser questionadas, mas apresenta significativas construções neste sentido.

As mulheres participantes relatam assistir TV, não demonstrando especificamente os programas assistidos, mas deixando fortes marcas no que se refere ao ato de assistir.

No que compete às categorias do lazer, foi possível notarmos que as mulheres encontram-se mais alocadas nos interesses intelectuais, físicos e sociais. Nos interesses intelectuais, encontram-se as leituras informais, programas de televisão e internet. Quanto aos interesses físicos destacam-se as caminhadas, atividades em academia e yoga. Sobre isso, elas nos contam que:

Primeiro que eu voltei a fazer meu inglês, gosto muito. [...] e agora pelo menos uma, duas vezes por semana eu tento fazer alguma atividade física. Porque, querendo ou não, primeiro tem a necessidade do trabalho, também no caso do inglês é uma das pretensões que você tem, né. A atividade física também é uma coisa de lazer, mas pelo que eu vejo é mais um caso de saúde. É necessário! Isso eu faço porque eu gosto. (Entrevistada 11- Administrativo)

Vou pra Yoga e da Yoga eu vou pra... às vezes vou buscar a minha irmã no colégio que ela trabalha e volto pra casa. Chego lá tomo banho e vou descansar. (Entrevistada 13- Professora DE)

Essas coisas. Ler jornal, ler revista, que eu assino, né, caminhadas. Nada assim ligado ao trabalho mas assim de notícia, né. (Entrevistada 15- Professora acima dos 60 anos)

Eu tava fazendo todo dia, mas agora eu tive com um problema de colesterol. Então o médico pediu pra eu fazer caminhada. E eu tava fazendo caminhada. Eu era... era gorda! Emagreci um tanto! Falei, ah, não! Eu vou parar com essa caminhada, né. Porque... Emagrece mais ainda, né! A caminhada! (Entrevistada 03- Serviços Gerais)

A entrevistada do setor administrativo relata que frequenta aulas de inglês, devido à necessidade e pretensões do trabalho e pratica alguma atividade física, ligada ao lazer, mas

essencialmente devido à manutenção da saúde. A professora DE acima, aquela de *vida simples*, descreve a assiduidade às aulas de Yoga e hábitos mais vinculados ao ócio e ao descanso, ressalta ainda “*Sempre faço alguma coisa, entre atividades físicas e leituras, entre caminhadas e conversa com meus irmãos e amigos.*” No que diz respeito à professora acima dos 60 anos, ela nos diz realizar atividades de leitura e caminhadas, desvinculadas do trabalho e gosta de estar *bem informada*. A trabalhadora dos serviços gerais descreve caminhar todos os dias, devido a um problema de saúde detectado e reforça “[...] *nada desanda a minha caminhada [...]*”. Deste modo, percebemos, nas falas das servidoras do administrativo e serviços gerais, uma preocupação em ocupar o tempo disponível com atividades que proporcionam prazer, mas que são necessárias à saúde, unindo, mais uma vez, o útil ao agradável.

Todavia, o conceito de saúde<sup>41</sup> encontra-se intrinsecamente vinculado à perspectiva do bem-estar e as práticas de lazer contribuem nessa perspectiva, no entanto, entendemos que as experiências do lazer devem possibilitar o domínio das pessoas perante as atividades, sem tender *a priori* uma obrigação e sim usufruir das vantagens (também físicas, mentais, entre outras) das atividades desejadas, aspiradas sem obrigatoriedade, mas nem por isso ausentes de benefícios *perceptíveis*, como melhora no condicionamento, menos sinais de cansaço, mais disposição, etc.

Ainda de acordo com as falas anteriores, as atividades de lazer estão mais presentes em universos femininos sem a presença dos filhos ou filhos pequenos. Na medida em que os filhos aparecem, junto com os compromissos domésticos e familiares, as limitações das práticas de lazer ficam transparentes, demonstrando o foco temporal dessas mulheres em prol destas obrigações, como mencionadas no decorrer do estudo.

Acreditamos pertinente destacar que este estudo e, conseqüentemente, sua investigadora, não parte do pressuposto - *abandone trabalho, filhos, família e maridos* - mas da premissa que as mulheres devam ter espaço (e tempo para isso) para buscar outras satisfações através do lazer e conhecer *um novo mundo* fora da lógica do trabalho e das tarefas domésticas e dos inúmeros *poréns* descritos até o momento.

Continuando as análises, o encontro com amigos, as idas à igreja, restaurantes e auxílio em uma instituição de caridade identificam os interesses sociais, também estando

---

<sup>41</sup> O conceito de saúde concebido pela Organização Mundial de Saúde “[...] é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença.”(Cf. FRANCO DE SIQUEIRA, 1992).

presentes nos quatro grupos, especialmente no das mulheres solteiras, sem filhos ou com filhos maiores participando.

E lá na comunidade é a tarde toda também! É das duas horas às seis e meia. Porque tem vezes que as crianças dá mais trabalho, vai mais crianças. Então quando vai menos crianças, dá menos trabalho, a gente sai mais cedo. (Entrevistada 03- Serviços Gerais)

[...] às vezes eu vou, ao cinema, às vezes eu vou tomar uma cervejinha no boteco, né. (Entrevistada 08- Administrativo)

Inclusive, na igreja, também, né, a gente faz o trabalho da igreja. Eu gosto! Igual mesmo, tem a coreografia mesmo, sabe. Eu gosto de participar da coreografia. Eu gosto! Domingo mesmo nós vamos apresentar, né! Tem um trabalho no salão da igreja. E nós vamos apresentar, né. Porque, esse trabalho aí, eu gosto de fazer. (Entrevistada 05- Serviços Gerais)

Dentre o grupo pesquisado, duas mulheres que trabalham no setor de serviços gerais (uma sem filhos e a outra com filhos acima dos 15 anos) apresentam-se atuantes em instituições voluntárias (creches e grupos de jovens religiosos), demandando do seu tempo disponível em atividades sociais. Uma trabalhadora do administrativo (solteira e sem filhos) relata ir ao cinema, sair para *beber algo* e ocupar o seu tempo disponível também em atividades sociais.

A partir daí, verificamos que mulheres com as mesmas condições civis e de dependentes convergem na realização de atividades sociais, mas divergem em atividades que estão diretamente relacionadas à situação econômica. Em geral, as mulheres dos serviços gerais não apontam saídas a bares, clubes e/ou atividades que demandam dinheiro, atividades contrárias às servidoras que detêm maiores condições econômicas, nos remetendo à discussão do primeiro capítulo, em que mulheres com rendimentos diferenciados (faixas salariais) usufruem de experiências diferenciadas, devido ao poder aquisitivo (de compra) serem distintos.

Mais uma vez, destacamos que não construímos um padrão incômodo de “*melhor ou pior*”, mas acreditamos ser pertinente levantar que situações desiguais (economicamente) desdobram-se em experiências desiguais vivenciadas também no que se refere ao lazer, ficando explícito no desenvolver do estudo.

Para além das diferenças econômicas (entre as mulheres), traremos a discussão do alargamento das diferenças (por serem mulheres) emergidas no lazer. Para tanto, recorreremos ao discurso das mulheres sobre suas percepções entre o lazer de mulheres e de homens.

#### 4.5 O lazer como extensão das diferenças

Pensando especificamente nas atividades de lazer de homens e mulheres, Parker (1978, p. 106) aponta que existem diferenças entre o lazer de homens e mulheres “[...] pronunciadas nos padrões de masculinos e femininos de lazer em nossa sociedade.” E continua a considerar que muitas destas diferenças refletem a distinção das funções que, historicamente, tem sido imputada ao sexo masculino e feminino.

Neste sentido, perguntamos às mulheres da pesquisa sobre o tempo de lazer de homens e o tempo de lazer de mulheres, e treze das dezesseis mulheres entrevistadas acreditam haver diferenças significativas entre ambos. E, mesmo aquelas que responderam não existir, pontuaram ou exemplificaram, em algum momento, situações que vivenciaram ou com que conviveram acerca das diferenças, transparecendo haver desigualdade nesta direção.

Eles, como tem, eles sabem tem alguém que vai fazer, eles se sentem mais à vontade pra fazer atividades, né, específicas deles. Entendeu? A... atividades físicas, entendeu? Ou sair pra, né, conversar com alguns amigos. Ou tem mais tempo pra ver televisão. Programas específicos que eles gostam. Entendeu? Então eles se sente mais à vontade porque a gente ocupa esse espaço que eles deveriam ocupar, a verdade é essa. As culpadas somos nós! (Entrevistada 11- Administrativo, grifos nossos)

Eu acho que existe não só tempo, como o que é lazer pra um e o que é lazer pra outro, né! [...] Porque saem do trabalho vão para os bares, é. Aí pra eles é lazer. Aí pra mulher, muitas vezes aproveita, vai pra casa pra fazer alguma atividade doméstica. (Entrevistada 13- Professora DE, grifos nossos)

Partimos da hipótese que as mulheres acima percebem o tempo do homem de maneira demarcada, representado pelo *tempo descontínuo*, apresentado no capítulo anterior, quando, após o trabalho formal, conseguem chegar e pensar atividades fora das obrigações ou ao menos fora das obrigações domésticas e familiares que ficam, sobremaneira, a cargo das mulheres. O relato da servidora do setor administrativo acerca do homem ter *mais tempo*

simula mais opções de lazer e, em consequência, mais tempo para o lazer. Embora o foco da pesquisa não aborde o olhar masculino, enfatizamos a percepção da mulher sobre essas diferenças, construindo um sentimento de desigualdade frente ao que seja lazer, ratificado pela entrevistada com cargo de Professora DE, que diz não somente sobre o tempo dedicado ao lazer, mas o que seja o lazer para os homens.

Outras entrevistadas pontuam sobre esse aspecto:

Homem chegou do serviço ele não tá preocupado. Ele chegou do serviço ele tá despreocupado, ele vai jogar bola, ele vai jogar baralho. Ele não tá preocupado com esses outros afazeres domésticos, não! Com certeza! Se ele vai pescar, não tem... dá tchau e pronto! A mulher é mais cuidadosa, mais zelosa, mais organizada. (Entrevistada 09 – Professora acima dos 60 anos, grifos nossos)

Bom! Eu acho que tem, né! Que o homem... No meu ponto de vista, o homem, ele é... assim em parte, ele tem menos preocupação do que a mulher, né. Então eu acho que ele aproveita mais esse tempo do que a mulher, né! (Entrevistada 02- Serviços Gerais, grifos nossos)

A professora acima dos 60 anos supracitada menciona a não preocupação dos homens diante dos afazeres domésticos e a disponibilidade desses em sair e usufruir de atividades de lazer, como pescar, por exemplo. A entrevistada dos serviços gerais também corrobora para a reflexão desse quadro, ao apontar a menor preocupação dos homens ante a preocupação das mulheres, enfim, atribuições voltadas para a manutenção do lar, da família, entre outros.

Na esteira das *pertinências femininas*, Parker (1978, p. 107) contribui considerando que, no que se refere ao número de pessoas envolvidas em interesses específicos do lazer, são geralmente os homens que predominam, exemplificando que mais homens do que mulheres freqüentam acontecimentos esportivos e participam de associações políticas, enquanto mais mulheres apóiam eventos da igreja e clubes sociais (características socialmente construídas como femininas). Além disso, como observa o autor, talvez as mulheres considerem algumas de suas tarefas domésticas como lazer, e parte do tempo gasto com as atividades não obrigatórias dependem, em grande medida, da existência ou não de algo *a mais* para fazer.

Eu gosto de organizar guarda-roupa. (Risssss!!!) Sério! Adoro arrumar um guarda-roupa, pra tirar aquela bagunça tudo, passar um paninho, organizar as camisas tudo direitinho! (Entrevistada 06 - Administrativo)

A partir da declaração acima, percebemos a incorporação das funções domésticas no lazer de mulheres, reforçando a discussão do processo de *naturalização* de práticas femininas, onde arrumar, limpar, organizar gera prazer e torna-se exercício comum, passível de satisfação, enfim, trata-se de lazer?

Retornando à discussão do atribuir valor àquilo que nos ensinam a dar valor, Porto (2004), em seus argumentos, atenta para a abertura de oportunidades das mulheres à fruição de bens e serviços culturais, de não formalizar como espaço único e prioritário das escolhas de lazer e de uso do tempo livre o *espaço doméstico*. Entretanto, pontua também que não se desprestige esse espaço, onde a diversão e o descanso podem ocorrer, desde que seja uma escolha consciente, livre e legítima, convertida em possibilidades de realização pessoal, constituindo a possível resposta para a pergunta anterior.

Quando perguntamos para a mesma entrevistada sobre os possíveis aspectos que influenciariam no tempo do lazer, ela responde:

Ah, é... o compromisso com a família... [...] O que que influencia pra não conseguir organizar, eu acho que é muito isso mesmo! De ter aquele compromisso de está com a família. Então às vezes eu até gostaria de ir... sei lá... tá fazendo alguma outra coisa. Ir pro shopping! Ou então, não sei, fazer uma caminhada. Ah! Meu marido agora tá andando de bicicleta, ele faz umas trilhas, tá adorando. Aí ele pega a bicicletinha e vai. Meu bem você precisa ir... é... e o Antonio Henrique fica com quem? Meu menino! Eu vou deixar ele sozinho aí ou jogo dentro da lata do lixo? (RISOSS) (Entrevistada 06- Administrativo, grifos nossos)

Devido à resposta acima, deduzimos que arrumar guarda-roupa não significa lazer para essa trabalhadora, significa certo grau de *semi-lazer*, porque consegue sentir satisfação perante a atividade de limpeza, mas possui outras aspirações que nos dizem das suas impossibilidades e, a partir daí, a busca do prazer através da organização da casa.

Embora avanços substanciais possam ser identificados nas condições sociais das mulheres nos dias de hoje, com a conquista indiscutível de liberdades e acessos, no confronto dos gêneros, as dissonâncias, antes discretas, se amplificam, tomadas por contornos sutis que, não raro, comportam mecanismos efetivos de hegemonia masculina.

Diante de uma sociedade ainda patriarcal, mudar os rumos daquilo que é popularmente masculinizado (ou *de homem*) e feminilizado (ou *de mulher*) requer possibilidades de esclarecimento e vivência dos sujeitos (MARCELLINO, 2000). Essa padronização

sociocultural tende a privilegiar os homens, que ocupam os papéis sociais de maior poder, têm melhores salários e um tempo disponível consideravelmente maior que o das mulheres.

Neste sentido, as mulheres são desfavorecidas comparativamente aos homens, ou pela rotina do trabalho doméstico, ou pela dupla jornada de trabalho e, principalmente, pelas obrigações familiares decorrentes do casamento, numa sociedade que, apesar de avançar nesse campo, continua machista (MARCELLINO, 2000). Com outra roupagem social, mais sofisticada e discreta, mas essencialmente com o mesmo comportamento, as mulheres tendem a continuar tomando conta dos filhos, do marido e da casa, numa “obsessão asséptica”, com as mesmas intenções de manutenção dos laços conjugais presentes nos anos 50 (SANT’ANNA, 1995). Na mesma perspectiva, Romero (1995, apud MARCELLINO, 2000, p. 84) acrescenta:

A mulher está assim presa à família e a tudo que ela simboliza em termos de valores: o mito da mulher-mãe e da esposa submissa, voltada para o mundo interno da casa e cercada de uma série de qualificativos que definem um padrão ideal da mulher. Nesse quadro, em que ela é um elemento da hierarquia familiar, não há espaço para a mulher-indivíduo...

Assim, as relações do lazer para essas mulheres são mantidas em suas características mais essenciais: mesmo fora de casa, o lazer da mulher ainda se conforma aos princípios domésticos, sobretudo nas camadas sociais menos abastadas, o cuidado com os filhos, a situação econômica, as poucas alternativas dos espaços. Ainda predominam práticas domésticas de lazer, o cuidado e o compromisso com os familiares, e é exatamente neste espaço, na intrincada maneira de estabelecer a relação prazer-desprazer, que se revelam, de forma sutil, a desigualdade, os preconceitos sociais que limitam a liberdade, os desejos e as aspirações de grande parte das mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho apresentamos o(s) uso(s) do tempo de mulheres trabalhadoras da Universidade Estadual de Montes Claros, especialmente no que tange ao tempo livre e ao tempo disponível, buscando compreender nas *entrelinhas* as possibilidades e os entraves para as práticas do lazer.

Foram distintas mulheres, diferentes discursos e uma travessia que nos permite destacar a singularidade de cada servidora em seu respectivo trabalho e atribuições, ganhando atenção especial as limitações quanto ao usufruir o tempo livre em benefício próprio. O cuidado com os filhos, as funções domésticas, a atenção dedicada à família e/ou aos amigos foram aspectos constantes nos relatos das mulheres, demonstrando barreiras para as possíveis *livres* escolhas do lazer.

Contudo, as mulheres participantes da pesquisa, durante o desenrolar da temática tempo livre e lazer, demonstraram dificuldades em elaborar as respostas quando questionadas sobre suas preferências e ações sem possíveis interferências. As pausas, o silêncio, o “não sei”, “deixa eu pensar”, foram aspectos que nos provocaram uma constante interrogação, representando as barreiras para o universo feminino. Neste sentido, o trabalho e suas relações tinham uma resposta rápida; o tempo dos afazeres do trabalho, da casa, dos estudos, da universidade, mesmo que muitos e cansativos eram expostos de forma clara; a respeito do tempo livre, sem obrigação, sem direcionamento, parecia haver um buraco e em alguns momentos sem respostas.

Conforme as perguntas incitadas no início da pesquisa, percebemos que, para as *mulheres professoras*, o tempo de trabalho influencia diretamente no tempo livre e no tempo disponível para o lazer, principalmente as servidoras com maiores titulações que necessitam de produção constante, dentro e fora da Universidade, para contemplar as demandas do mercado de trabalho (publicações, currículos, convênios, entre outros). As trabalhadoras do administrativo também ocupam parte do seu tempo livre em atividades vinculadas à Universidade, mas em menor escala que as docentes, dentro da própria instituição, quando existe a necessidade. As mulheres dos serviços gerais possuem o tempo de trabalho na universidade bem delineado e tendem a não ocupar parte do seu tempo livre em afazeres

vinculados à Unimontes. Assim, ficando claro que a variável *função* exercida neste mercado de trabalho controla a influência do *tempo de trabalho* no *tempo livre* de mulheres.

Neste sentido, as professoras com DE, em princípio, teriam mais tempo, uma vez que o vínculo prevê 40 horas de trabalho. Todavia, dado o cargo e/ou função que ocupam e, sobretudo, a titulação que detêm, as suas atividades de trabalho extrapolam o tempo de trabalho. Nessa direção, o controle do seu trabalho e a relação trabalho/não-trabalho/lazer é determinado não pelas horas de vínculo, mas, de fato, pela quantidade de atividades que têm de realizar e que, de acordo com as entrevistadas, são numerosas.

Sobre as características do tempo livre, podemos perceber que as trabalhadoras encontram-se presas àquilo que historicamente se construiu *natural* de mulheres, e que os principais entraves relatados pelo grupo participante do estudo refere-se ao lazer dedicado aos filhos e/ou à família, compromisso com o trabalho institucional e sobrecarga das responsabilidades domésticas, muitas vezes apresentadas como lazer. Todavia, a condição civil e a presença de filhos contribui para acentuar ou amenizar esses incrementos.

Assim, constatamos que o poder aquisitivo determina o que se pode fazer (ou comprar) no tempo disponível, porém o tempo destinado para essas atividades (de realização de compras, descanso, ócio, entre outras) representa as *sobras* do tempo livre e se aproxima pela condição de mulher. No que diz respeito às práticas de lazer, as vivências do tempo disponível se diferenciam conforme a condição econômica. A exemplo, algumas viajam para a Europa, outras ficam em férias na casa da mãe e, apesar de algumas servidoras narrarem não realizar atividades de cunho doméstico, elas alocam essas funções a outras mulheres, e ainda continuam diretamente responsáveis pelo cumprimento de tais funções.

Evidenciamos também que as mulheres dos serviços gerais dedicam mais do seu tempo à realização dos afazeres domésticos, e as sobras das suas obrigações são dedicadas a atividades de lazer de baixo custo como ir à igreja ou caminhar na Avenida, destacadas as mesmas *sobras* do tempo, como as outras mulheres entrevistadas.

Deste modo, ainda que exista a tendência de a condição econômica definir as práticas de lazer, é possível dizermos que outros fatores determinam (ou condicionam) as tensões frente ao tempo livre e disponível para o lazer. As questões culturais, como a relação estabelecida entre homens e mulheres, a forma da educação feminina para as responsabilidades do lar, os espaços e políticas públicas que atinjam legitimamente as

características de grupos específicos e minoritários elucidam possíveis obstáculos frente o acesso e experiências advindas do lazer.

Entre as atividades de lazer mais realizadas, assistir TV e ouvir música foram práticas características, algumas vezes associadas ao cumprimento de outras atividades como arrumar guarda-roupa ou lavar objetos. Outro ponto recorrente, perceptível nas falas, foi a associação das práticas de lazer a uma atividade física e o destaque para os encontros com amigos, vizinhas, grupos da igreja e saídas a bares. Ressaltamos que mulheres com dependentes menores de 15 anos tendem a incluir nas suas práticas a participação dos filhos, diferente das mulheres sem filhos, que não possuem tal responsabilidade e *expectativa social*.

A partir do estudo, foi possível sinalizar algumas discussões não incorporadas no decorrer da dissertação. As entrevistadas apontaram as limitações de práticas de lazer na cidade de Montes Claros, ficando restrito a bares, comida e bebida. Ressaltam ainda que os espaços de lazer encontram-se limitados, inadequados ou desinteressantes para determinada faixa etária de mulheres e, sobretudo, ao perfil de mulheres com filhos pequenos e horários disponíveis para o acesso de acordo com suas condições. Desta forma, sinalizando a necessidade de uma política pública de lazer que atenda a diferentes grupos e distintas aspirações femininas.

As fronteiras e os desafios ainda estão muito presentes para as mulheres; elas se encontram no mercado de trabalho, dentro de casa, na relação conjugal, com filhos, com família, e com a sociedade, em dimensões que historicamente a *afastam de si próprias*. O seu tempo disponível está cercado de tarefas e obrigações, e dificilmente ficam *livres* para o lazer no sentido pleno da palavra. Diante desse quadro, é necessário buscar estratégias (no trabalho, no lazer, na vida!!!) que permitam criar condições para que a mulher exerça não somente um papel importante junto à sociedade, mas um papel importante para ela mesma, para o seu crescimento e bem-estar. E torcemos para que exista tempo para isso.

Falando do lugar de pesquisadora e mulher, a sensação de adentrar na vida deste grupo nos faz questionar quais espaços as mulheres, principalmente a mulher-mãe, mulher-esposa, mulher-filha, entre outras, possuem para a busca pessoal, individual do prazer e de experiências ocorridas no tempo disponível. No decorrer dos depoimentos, no silêncio da investigação, *auscultando* as entrevistadas, percebemos o quanto havia de comum entre elas, entre nós. Assim, o desafio permanece, ressaltando a necessidade de debates acerca do tempo e do que ele agrega.

Para *brincar* com o tema da dissertação, diria que, se tivesse *mais tempo*, talvez pudéssemos ter feito mais... Além do que foi apresentado aqui. Contudo, o tic-tac das horas também nos persegue, sinalizando o momento de encerrar a discussão, deixando porvir outras possibilidades de análises e o *madurar* das idéias, nos invocando também, essencialmente, a buscar o *Kairos*.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, L. A situação da mulher latino-americana: o mercado de trabalho no contexto da reestruturação. In: \_\_\_\_\_. **Mulher e trabalho: experiências de ação afirmativa**. Perdizes: Boitempo Editorial, 2000. p. 111-134.

ALBARRACIN, J. O trabalho doméstico e a lei do valor. In: FARIA, N.; NOBRE, M. **O trabalho das mulheres**. São Paulo: SOF, 1999.

ALMEIDA, L. P. de. **Do lar para o trabalho: um estudo sobre as representações sociais de mulheres que ficaram afastadas do mercado formal de trabalho por 10 anos**. Franca-SP: 2000. Disponível em: <<http://www.biblioteca.unesp.br/bibliotecadigital/document/?down=464>>. Acesso em: 5 jul. 2006.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2000.

ÁVILA, M. B. O tempo e o trabalho das mulheres. In: COSTA, A. A. et al. **Um debate crítico a partir do feminismo: reestruturação produtiva, reprodução e gênero**. São Paulo: CUT, 2002.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 4. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

BARBOSA, P. L. N. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIN, M. R. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

BARROS, R. P. de; MENDONÇA, R. S. P. Os determinantes da desigualdade no Brasil. **Texto para Discussão**, Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada, n. 377, jul. 1995.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

\_\_\_\_\_. **O Segundo sexo**. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BERDUGO, J.; CASTRO, G.; LITTLE, P. E. El metodo comparativo. In: CANO, Daniel Jorge (Org.). El metodo comparativo: debates recientes – una bibliografia. **Cadernos do Doutorado**, Brasília, v. 2, n. 6, out. 1993.

BOFF, L.; MURARO, R. **Feminino e masculino**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez. 1995.

\_\_\_\_\_. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BRANCO, A. de M.; VAINSENER, S. A. **Gênero e globalização no Vale do São Francisco**. 2001. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/116.html>>. Acesso em: 5 jul. 2006.

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília: Ed. Senado, 1988.

BRITO, J.; ALMEIDA, R. O trabalho feminino nos escritórios: estudo de caso, segundo uma perspectiva sexuada da ergonomia. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, abr./jun. 1991.

BRITO, J. C. de; D'ACRI, V. Referencial de análise para o estudo da relação trabalho, mulher e saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 1991. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1991000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1991000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 fev. 2008.

BRUSCHINI, C. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação (Brasil, 1985/95). In: \_\_\_\_\_; ROCHA, Maria Isabel Baltar. **Trabalho e gênero**. Mudanças permanências e desafios. São Paulo: Edições 34, 2000. p. 13-58.

\_\_\_\_\_. **Mudanças e persistências no trabalho feminino no Brasil**. 1985 a 1995. Caxambu: ANPOCS, 1997.

BRUSCHINI, M. C. A.; ROSEMBERG, F. A mulher e o trabalho. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Trabalhadoras do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, Fundação Carlos Chagas, 1982. p. 9-22.

BRUYNE, P. de; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

BUARQUE DE ALMEIDA, H. **O sistema da telenovela e seus mediadores**. Comentários sobre as entrevistas com críticos e 'fofoqueiros'. São Paulo: Cebrap, mar. 1996. (mimeo).

CABRAL, F.; DÍAZ, M. **Relações de gênero**. Disponível em: <<http://www.reprolatina.net>>. Acesso em: 27 jul. 2005.

CAMARGO, L. O. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

CAMARGO, L. O. de L. **O que é lazer**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CANO, D. J. El método comparativo: debates recientes - una bibliografía. **Cadernos do Doutorado**, Brasília, DF, n. 6, 1993.

CARREIRA, D. et al. **A liderança feminina no século XXI**. São Paulo: Cortez, 2001.

CASTRO JÚNIOR, O. A. de. **Breves considerações sobre o direito e o desenvolvimento e sua relevância para a consolidação da justiça social e da cidadania no Brasil**. Disponível em: <<http://www.cadireito.cesusc.com.br>>. Acesso em: 22 jan. 2005.

CHAMON, M. **Relações de gênero e a trajetória de feminização do magistério em Minas Gerais (1830-1930)**. Belo Horizonte, 1996. Tese (Doutorado em Educação) - FAE/UFMG, 1996.

CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. Sociedade, universidade e estado: autonomia, dependência e compromisso social. In: SEMINÁRIO UNIVERSIDADE: POR QUE E COMO REFORMAR, 2003, Brasília. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2003.

\_\_\_\_\_. A universidade em ruínas. In: TRINDADE, Hégio. (Org.). **Universidade em ruínas na república dos professores**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHIESI, A. **Sincronismi sociali**. Bologna: Mulino, 1989.

CMMAD - COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Trad. de: Our common future. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: FVG, 1998. 430p.

CNPq – CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Disponível em: <<http://www.cnpq.br>>. Acesso em: 6 fev. 2008.

COLLIER, D. El método comparativo: dos décadas de cambio. In: \_\_\_\_\_; SARTORI, Giovanni; MORLINO, Leonardo. **La comparación en las Ciencias Sociales**. Madri: Alinza, 1994, p. 51-80.

CONSONI, F. **Dez anos de estrutura do emprego na indústria automobilística brasileira: rupturas e continuidades (1986-1995)**. Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) - DPCT/IG/Unicamp, 1998.

COSTA, J. B. Tomando alhos por bugalhos: o decantado desenvolvimento do Norte de Minas. **FÓRUM DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL Anais...** Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros, 2002. (mimeo).

CRAMER, L.; NETO, A.; SILVA, A. A inserção do feminino no universo masculino: representações da educação superior. **Organizações & Sociedade**, Universidade Federal da Bahia, v. 9, n. 24, maio/ago. 2002.

DE GRAZIA, S. **Tiempo, trabajo y ocio**. Madrid: Tecnos, S.A., 1966.

DE MASI, D. **O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. Tradução de Yadyr A Figueiredo. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: UnB, 1999. Original Italiano: Il futuro del lavoro.

\_\_\_\_\_. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DEDECCA, C. Absorção de mão de obra e qualificação. **Revista de Economia Política**, São Paulo, Editora 34, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Racionalização e trabalho no capitalismo avançado**. Campinas: IE/Unicamp, 2002b.

DEDECCA, C. Tempo, trabalho e gênero. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. I-27, 2004.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DOURADO, L. F.; CATANI, A. M.; OLIVEIRA, J. F. de. Transformações recentes e debates atuais no campo da educação superior no Brasil. In: DOURADO, L. F.; CATANI, A. M.; OLIVEIRA, J. F. (Org.). **Políticas e gestão da educação superior**: transformações recentes e debates atuais. São Paulo: Xamã; Goiânia: Alternativa, 2003. p. 17-30.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

\_\_\_\_\_. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sociologia empírica do lazer**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva; SESC, 1999.

DURÃES, S. J. Algumas considerações sobre a relação trabalho e gênero a partir dos escritos de K.Marx e F.Engels. **Argumentos**, Montes Claros, v. 1, n. 1, p. 27-41, 2004.

\_\_\_\_\_. **Escolarização das diferenças**: qualificação do trabalho docente e gênero em Minas Gerais (1860-1906). São Paulo. 2002. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de PUC-São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Percurso escolar, origem social e gênero na escolha pelo magistério**. Belo Horizonte. 1994. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 1994.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 2000.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **Sobre el tiempo**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1989.

\_\_\_\_\_. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FIGLIANO, R. **Metodologia da pesquisa**: como planejar, executar e escrever um trabalho científico. João Pessoa: EDU, 2003. p.27.

FISHER, K.; LAYTE, R. **Measuring work-life balance and degree of sociability**. Essex: EPAG, 2002. (Working Paper, n. 12).

FISCHER, I. R.; MARQUES, F. **Gênero e exclusão social**. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/113.html>>. Acesso em: 12 jul. 2001.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Ed. Graal, 1979.

FRANCO DE SIQUEIRA, A. A. (Coord.). **Estatuto da criança e do adolescente**: planilha de operacionalização. São Paulo: Centro de Estudos do Crescimento e Desenvolvimento do Ser Humano, 1992.

FRIEDMANN, G. **O trabalho em migalhas**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FRIGOTTO, G. Os delírios da razão. In: GENTILI, P. (Org.). **Pedagogia da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 77-108.

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

GEBARA, A. Norbert Elias e a teoria do processo civilizador: contribuições para a análise e a pesquisa no campo do lazer. In: BRUHNS, H. T. (Org.). **Temas sobre lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GODELIER, M. **O enigma do dom**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GODINHO, T.; RISTOFF, D.; FONTES, A.; XAVIER, I. de M.; SAMPAIO, C. E. M. (Orgs.). **Trajatória da mulher na educação brasileira 1996-2003**. Brasília: INEP, 2005.

GOMES, F; FRICHARD, M. **Pesquisa quanti-qualitativa em administração**: uma visão holística do objeto de estudo. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/8semead/resultado/trabalhospdf/152.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2006.

GUIMARÃES, N. A. Os desafios da equidade: reestruturação e desigualdades de gênero e raça no Brasil. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 18, p. 237-266, 2002.

GUTIERREZ, G. L. **Lazer e prazer**: questões metodológicas e alternativas de políticas. São Paulo: Autores Associados, 2001.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HIRATA, H. **Reorganização da produção e transformações do trabalho**: uma nova divisão sexual? São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Ed. 34, 2002.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. A divisão sexual do trabalho revisitada. In: MARUANI; Margaret; HIRATA; Helena (Orgs.). **As novas fronteiras da desigualdade. Homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo, Editora Senac, 2003.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 16 mar. 2007.

\_\_\_\_\_. **FIBGE/PNAD**, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2006/default.shtm>>. Acesso em: 22 jan. 2008.

\_\_\_\_\_. **Mulheres economicamente ativas e faixas de rendimento no Brasil**, 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2006/default.shtm>>. Acesso em: 22 jan. 2008.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Inep). **Censo da educação superior 1996-2003**. Brasília: Inep, 2005.

IZQUIERDO, M. J. **La desigualdad de las mujeres en el uso del tiempo**. Madrid: Instituto de La Mujer, 1988.

JACOMINI, L. C. L.; SILVA, N. A. da. Disautonomia: um conceito emergente na síndrome da fibromialgia. **Rev. Bras. Reumatol**, São Paulo, v. 47, n. 5, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0482-50042007000500010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0482-50042007000500010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12 fev. 2008.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. São Paulo: Claridade, 2003.

LEACH, E. **Repensando a antropologia**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LOLA, G. L. **Los movimientos de mujeres como la outra cara de la política**: gènere, exclusión e inclusón en el caso Latinoamericano. Madrid: Instituto Andaluz, 1996.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996.

\_\_\_\_\_. **Lazer e humanização**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

\_\_\_\_\_. Lazer e trabalho no cotidiano da sociedade pós-industrial a partir da obra de Domenico De Masi publicada no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 62-72, 2004.

MARTINS, C. J. Corpo e história: uma abordagem genealógica. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER E DANÇA. MEMÓRIAS E DESCOBRIMENTOS: 500 anos de História e Educação Física, Esporte, Lazer e Dança no Brasil. VII, Gramado, RS, **Anais...** Gramado, maio de 2000.

\_\_\_\_\_. Corpo, Tempo e Espaço Modernos na experiência surrealista. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; LINHALES, Meily Assbú (Org.). **Sobre lazer e política**: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MARX, K. **Capítulo IV inédito de O capital**. São Paulo: Ed. Moraes, 1985.

\_\_\_\_\_. **O capital**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 9, 1989. (v. 1).

MASCARENHAS, F. **Entre o ócio e o negócio**: teses acerca da anatomia do lazer. Campinas. 2005. 308 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

\_\_\_\_\_. Tempo de trabalho e tempo livre: algumas reflexões a partir do marxismo contemporâneo. **Licere**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 72-89, 2003.

MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL. Disponível em: <[http://www.previdenciasocial.gov.br/agprev/agprev\\_mostraNoticia.asp?Id=27104&ATVD=1&DN1=24/04/2007&H1=14:06&xBotao=0](http://www.previdenciasocial.gov.br/agprev/agprev_mostraNoticia.asp?Id=27104&ATVD=1&DN1=24/04/2007&H1=14:06&xBotao=0)>. Acesso em: 29 jan. 2008.

MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2002.

NEUZA, M. de F. G. **Pobreza, violência e trabalho**: a produção de sentidos de meninos e meninas de uma favela. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17234.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2003.

NEVES, M. Reestruturação produtiva, qualificação e relação de gênero. In: ROCHA, I. (Org.). **Trabalho e gênero**. Mudanças, permanências e desafios. São Paulo: Ed. 34, 2000.

NORONHA, E. G. "Informal", ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 18, n. 53, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092003000300007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092003000300007&lng=pt&nrm=iso)>. doi: 10.1590/S0102-69092003000300007. Acesso em: 4 fev. 2008.

OLIVEIRA, G. B. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. **Revista FAE**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 37-48, maio/ago. 2002.

OLIVEIRA, G. (Org.). **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

PADILHA, V. **Shopping Center**: a catedral das mercadorias e do lazer reificado. Campinas. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

PARKER, S. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PARRA, C. **La medida del mundo**. Gênero y usos del tiempo. Sevilla: Instituto Andaluz de la Mujer, 1998.

PASSOS, E. **Palcos e platéias**. As representações de gênero na Faculdade de Filosofia. Salvador: Edufba, 1999. (Coleção Bahianas, n. 4).

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

PELBART, P. **O tempo não-reconciliado**. Imagens do tempo em Deleuze. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PENA, M. V. J. **Mulheres e trabalhadoras**: presença feminina na constituição do sistema fabril. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PINTO, L. M. S. Lazer: concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 18-27, 1998.

PORTO, M. Em busca do *Kairos*. In: VENTURI, Gustavo; RECAMAN, Marisol; OLIVEIRA, Suely. (Org.). **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

PRADA, M. A. **Tiempo social contra reloj**: Las mujeres y la transformación en los usos del tiempo: Colectivo IOÉ. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, Instituto de la Mujer, 1996.

PUIG, J.; TRILLA, J. **A pedagogia do ócio**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMOS, R. **Tiempo y sociedad**. Madrid, España: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1992.

RIST, G. **The history of development**: from western origins to global faith. London, New York: Zed Books, 2002.

RISTOFF, D. **A trajetória da mulher na educação brasileira**. Brasília: INEP, 10 mar. 2006. Disponível em: <[http://www.inep.gov.br/imprensa/entrevistas/trajetoria\\_mulher](http://www.inep.gov.br/imprensa/entrevistas/trajetoria_mulher)>. Acesso em: 17 mar. 2006.

ROCHA, M. I. B. da (Org.). **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios.** Campinas/São Paulo: ABEP/NEPO-Unicamp/Cedeplar-UFMG/Editora 34, 2000. 384 p.

RODRIGUES, A. B. Lazer e espaço na cidade pós-industrial. **Licere**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 149-164, 2002.

ROY, L. A inserção feminina no mercado de trabalho e sua qualificação. In: \_\_\_\_\_. **O modo de ser da trabalhadora na reestruturação produtiva.** Campinas: Alínea, 1999a. p. 55-73.

\_\_\_\_\_. **O modo de ser mulher trabalhadora na reestruturação produtiva.** Campinas, SP: Alínea, 1999b.

ROSEMBERG, F.; AMADO, T. Mulheres na escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 80, p.62-74, fev. 1991.

SAFFIOT, H. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** São Paulo: Editora Vozes, 1976.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

SANT'ANNA, D. B. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Políticas do corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SARTORI, G. Comparación y método comparativo. **Revista Italiana di Scienza Política**, Bolonha, Edizioni Il Mulino, v. I, p. 7-66, 1984.

SCAVONE, L. Engels e a desigualdade dos sexos: impasses do feminismo no marxista. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Marx e Engels na História.** São Paulo: Xamã, 1996.

SCHNEIDER,S.; SCHIMIT, C. J. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, 1998.

SCHUMAHER, S.; BRAZIL, E. **Dicionário mulheres do Brasil.** São Paulo: Zahar, 2002.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

\_\_\_\_\_. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**. Novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992. p. 62-95.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

SILVA, L. H. Sociologia do trabalho. In: CATTANI, Antonio David (Org.). **Trabalho e tecnologia: dicionário crítico**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 231-240.

SOBRAL, F. **Actividade física, lazer e ciclos de vida**. Loule, Portugal: Invaf, 2004.

SOLERA, C. R. R. Sete grandes debates sobre desigualdade social. In: \_\_\_\_\_. CATTANI, Antonio David; MOTA; Díaz Laura (Orgs.). **Desigualdades na América Latina: novas perspectivas analíticas**. Tradução de Ernani Ssó. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p. 207-233.

SORJ, B. Trabalho remunerado e trabalho não remunerado. In: VENTURI, Gustavo; RECAMAN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

STEIN, M. L. T. **Gênero feminino no contexto do trabalho fabril: setor eletroeletrônico em Curitiba e região metropolitana**. Curitiba. 2000. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Tecnologia, Centro de Formação Exata e Tecnológica, 2000.

STUCCHI, D. O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria. In: BARROS M. M. L. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 35-46.

TOURAINÉ, A. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **The post-industrial society**. Londres: Wildwood House, 1974a.

\_\_\_\_\_. **Pour la sociologie**. Paris: Éditions du Seuil, 1974b.

TRIGO, M. H. B. A mulher universitária: códigos de sociabilidade e relações de gênero. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Maria Cristina (Orgs.). **Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil**. São Paulo: Marco Zero/Fundação Carlos Chagas, 1994. p. 89-110.

UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros. Disponível em: <[www.unimontes.br](http://www.unimontes.br)>. Acesso em: 24 jan. 2008.

WERNECK, C. L. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 18 fev. 2008.

## APÊNDICE 1 - CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

### CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Título provisório da pesquisa: As mulheres trabalhadoras da Universidade - Relações de tempo, trabalho e Lazer - um estudo a partir da Unimontes

---

Instituição: Mestrado em Desenvolvimento Social – UNIMONTES

---

Coordenador: Cláudia Mara Niquini

---

#### **Atenção:**

Antes de aceitar participar desta pesquisa, é importante que você leia e compreenda a seguinte explicação sobre os procedimentos propostos. Esta declaração descreve o objetivo, metodologia/procedimentos, benefícios, riscos, desconfortos e precauções do estudo. Também descreve os procedimentos alternativos que estão disponíveis a você e o seu direito de sair do estudo a qualquer momento. Nenhuma garantia ou promessa pode ser feita sobre os resultados do estudo.

- 1- Objetivo: Analisar o(s) uso(s) do tempo de mulheres trabalhadoras da Unimontes, especialmente no que tange ao tempo livre e ao tempo disponível para o lazer.**
- 2- Metodologia/procedimentos: Entrevistas semi-estruturadas.**
- 3- Justificativa. Aprofundamento das questões relacionadas ao(s) uso(s) do tempo das mulheres servidoras da Unimontes.**
- 4- Benefícios: Conhecer, a partir das falas, as práticas cotidianas e as similitudes e diferenças das mulheres participantes do estudo.**
- 5- Desconfortos e riscos: -**
- 6- Danos: -**
- 7- Metodologia/procedimentos alternativos disponíveis: -**
- 8- Confidencialidade das informações: Exposição do discurso sem apresentar o entrevistado e/ou características que possam evidenciar a pessoa.**
- 9- Compensação/indenização: -**
- 10- Outras informações pertinentes:-**
- 11- Consentimento:**

Li e entendi as informações precedentes. Tive oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas a contento. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, indicando meu consentimento para participar nesta pesquisa, até que eu decida o contrário. Receberei uma cópia assinada deste consentimento.

Nome do participante	Assinatura do participante	Data
Nome do coordenador da pesquisa	Assinatura do coordenador da pesquisa	Data

## APÊNDICE 2 – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA - ROTEIRO

### Entrevista semi-estruturada ROTEIRO

#### TEMPO DAS OBRIGACÕES

##### **1. Tempo de trabalho remunerado (demanda profissional)**

Qual a função que você exerce na Unimontes?

Qual é a sua jornada de trabalho diária na Unimontes?

Estado civil:

N. de filhos:        Outros dependentes?

Em linhas gerais, que tipo de atividades você realiza no seu trabalho?

Você gosta do trabalho que realiza? Ele te proporciona algum prazer? Como?

Geralmente você realiza alguma atividade de trabalho da Unimontes fora do tempo de sua jornada?

Você gostaria de trabalhar em outro local ou área profissional? Caso sim, por quê?

Na sua opinião, existem aspectos que dificultam às mulheres o exercício de uma atividade profissional? Quais?

Você já vivenciou alguma dessas dificuldades?

O seu trabalho na Unimontes influencia no seu tempo livre? Como?

##### **2. Tempo livre (demandas informais e pessoais - afazeres domésticos)**

Você utiliza o seu tempo livre para realizar atividades domésticas? Quais?

O trabalho doméstico é dividido entre as pessoas que vivem com você?

Quanto tempo você gasta nos dias da semana com essas atividades? E aos finais de semana?

Você necessita de dedicar o seu tempo para cuidar de alguma pessoa da sua família? (marido, filho, netos, pais...).

#### TEMPO FORA DAS OBRIGACÕES

##### **3. Tempo livre e Tempo disponível para o Lazer**

Geralmente o que você faz fora do seu horário de trabalho? O que você faz no seu tempo livre nos dias da semana? E aos finais de semana?

Quais atividades realiza no seu tempo sem obrigatoriedade, as quais queira fazer, sem nenhuma função/necessidade/obrigação?

O que você entende por lazer?

O trabalho na Unimontes afeta o seu lazer? Como?

É possível você dizer quantas horas de lazer você tem no fim de semana?

O que você considera que influencia na organização das suas atividades e especialmente nas atividades do seu tempo de lazer?

Você prefere estar no trabalho ou nas atividades do seu tempo de não trabalho?

Na sua opinião, existem diferenças entre o tempo de lazer dos homens e o das mulheres?

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)